

NETERROY,

REVISTA BRASILIENSE.

SCIENCIAS, LETTRAS. E ARTES.

Tudo pelo Brasil, e para o Brasil.



Como Primeiro.

Nº. 1º



Paris.

DAUVIN ET FONTAINE, LIBRAIRES,

PASSAGE DES PANORAMAS, nº 35.

1836.

PARIS. — IMPRIMERIE DE BEAULÉ ET JUBIN,
Rue du Monceau Saint-Gervais, 8.

AO LEITOR.

O amor do paiz, e o desejo de ser util aos seus concidadaõs foram os unicos incentivos, que determinaram os auctores desta obra a uma empresa que, exceptuando a pouca gloria, que caberlhes pôde, nenhum outro proveito lhes funde.

Ha muito reconheciam elles a necessidade de uma obra periodica, que, desviando a attenção publica, sempre ávida de novidades, das diarias e habituaes discussões sobre cousas de pouca utilidade, e o que é mais, de questões sobre a vida privada dos cidadaos, os acostumasse a reflectir sobre objectos do bem commum, e de gloria da patria.

Tal é o fim a que se propoem os auctores desta *Revista*, reunindo todas as suas forças para apresentar em-um limitado espaço considerações sobre todas as materias, que devem merecer a seria attenção do Brasileiro amigo da gloria nacional.

As obras volumosas e especiaes só attrahem a attenção de alguns homens exclusivos, que de todo se dedicam ás sciencias, aquelles, porém, que por

sua posição não podem sacrificar o tempo á longa meditação, folgam, quando em um pequeno livro, contendo noçoens variadas e precisas, encontram um manancial, que lhes economisa o trabalho de endagaçoens, e o enojo de um longo estudo, colhendo n'úma hora o resultado de um anno de fadigas.

A economia politica, tão necessaria ao bem material, progresso riqueza das nações, occupará importante lugar na *Revista Brasiliense*. As Sciencias, a Litteratura nacional e as Artes que vivificam a intelligencia, animam a industria, e enchem de gloria e de orgulho os povos, que as cultivam, não serão de nenhum modo negligenciadas. E dest' arte, desenvolvendo-se o amor ea sympathia geral para tudo que é *justo, sancto, bello e util*, veremos a patria marchar na estrada luminosa da civilisação, e tocar ao ponto de grandeza, que a Providencia lhe destina.

REVISTA

BRASILIENSE.

Astronomia.

DOS COMETAS.

Si as deliciosas regiões d'Asia estavam destinadas a serem os primeiros observatorios, e a servirem de berço ao conhecimento dos astros, a America parece dever verificar mais de uma lei astronomica.

La, é fertil a imaginação, os horizontes vastos, o céu descoberto e puro; a temperatura convida seus habitantes a respirarem o ar livre da noite, e admirarem a magnificencia da natureza. Alli campinas serpenteadas de argentinas agoas, cercadas de montanhas que interceptam da lua a langida e branquejante luz, projectando sobre a planicie suas movidiças sombras, offerecem o mais pictoresco quadro, aos olhos mais indifferentes, e os accustomed á observação.

Quantas vezes porêm, no meio do gozo encantador de tal perspectiva, a execução de uma das leis physicas não incutio o terror? Quantas vezes, o que de-

via manifestar as maravilhas da criação, ea grandeza do Creador não passou nas mentes atterradas por indício de sua cólera? É pois do exame de uma parte d'estes phenomenos , que nos occuparemos n'este artigo, isto é dos cometas.

DOS COMETAS,

O QUE SE INTENDE POR COMETA.

*Cometa*¹. segunda a etymologia da palavra, quer dizer *estrella comada*. Elle divide-se geralmente em tres partes, segundo a gradação de sua luz, e a fórma de cada uma d'estas mesmas partes : assim o ponto, mais ou menos brilhante, que se vê no centro do cometa , chama-se *nucleo* : Anebulosidade, especie de aréola luminosa, que cerca o nucleo de todas as partes , tem o nome de *raios do cometa* : Os rastilhos lucidos de differente comprimento, que acompanham a maior parte dos cometas, quelquer que seja a sua situação relativamente ao caminho seguido pelo astro, denominam-se hoje *caudas*. A nebulosidade e o nucleo reunidos constituem *a cabeça do cometa*. Os antigos appellidavam cometa, todo astro comado, que variava de posição, e que atravessava diversas constellações. Os astrónomos modernos conservam, apesar da etymologia, esta denominação aos astros sem cauda e sem raios, logoque elles preenchem as condições seguintes : 1º *serem dotados de um movimento proprio*²; 2º *percorrerem curvas excessivamente*

¹ *Cometa* cometa.

² Relativamente ao movimento apparente da sphaera celeste.

allongadas, isto é, transportarem-se a taes distancias da terra, que deixem de ser visiveis. O movimento proprio distingue os cometas d'essas estrellas, de que faz menção a historia d'astronomia, que, depois de terem apparecido repentinamente em certas constellações, perdiam a sua luz, e desappareciam: suas orbitas allongadas estabelecem a linha de demarção entre elles e os planetas .

DA CONSTITUIÇÃO PHYSICA DOS COMETAS.

DO NUCLEO.

Os cometas possuem muitas vezes nucleos bastantemente semelhantes aos planetas; geralmente elles são pequenos, porém alguns ha, onde o contrario tem sido observado; assim o nucleo do afamado cometa de 1811 era de 2,178,000 toesas.

Pertendem alguns astrônomos, que os nucleos cometarios ainda os mais assimilados aos planetas pela vivacidade de sua luz, gozam de completa deaphaneidade, em uma palavra, que os cometas não passam de simples agglomerações de vapores. Examinemos os argumentos pró e contra esta opinião.

Em 23 de outubro de 1774 vio, Montaigne, em Limoges, uma estrella da 6ª ordem através do nucleo de um pequeno cometa. Esta observação provaria, que este astro não continha parte nenhuma solida; si a estrella fosse vista através *do meio* do nucleo; mas, qualquer que seja o motivo, o observador não accusa esta circumstancia.

1 Πλανητης errante.

No 1º de abril de 1796, M. Olbers distinguuiu uma estrella da 7ª ordem sem diminuição de luz, posto que estivesse encoberta por um cometa: mas este celebre observador protesta contra toda conclusão, que se pertenda tirar em favor da transparencia do nucleo, dizendo, que a estrella estava situada um pouco ao norte do centro da nebulosidade, e que, si o nucleo ficou algum tempo sem ser visto, a causa foi a approximação da luz mais forte da estrella fixa.

As mesmas objeções podem applicar-se, não só á observação de M. Valz em Nîmes, como tambem ás de igual genero antigamente feitas em Paris, em Palermo, etc., etc.

No principio de julho de 1819, um cometa mostrou-se subitamente ao norte, em todo seu esplendor. M. Olbers, de pois de haver calculado a sua orbita, reconheceo, que, antes de sua apparição, na manhã do dia 26 de junho, elle devia ter-se projectado sobre o disco do Sol depois de 5^h 39' até as 9^h 18'. Elle convidou os astrônomos, que, no intervallo d'estas tres horas, tivessem accidentalmente observado o Sol, a publicarem suas observações. Nem um observatorio se achou em estado de responder. O general Lendener escreveu, que, tendo observado o Sol no 26 de junho as 5, 6, e 7 horas da manhã, não descobriu n'elle uma só mancha. Ora o cometa devia occasionar um eclipse partial do Sol, mas, não existindo n'elle manchas, era forçoso concluir, que este astro possuia uma inteira deaphaneidade. Esta consequencia perdeu toda sua força, logo que se apresentaram as observações de astrônomos,

distinctos, nas quaes se diz existir n'esse dia muitas manchas no Sol.

Seis annos depois do convite de Olbers, M. Pastorff annuncia, que, tendo observado o Sol na manhã do 26 junho as 8^h 26', sobre elle descobrira *uma mancha nebulosa, de 82", 5 de diametro, perfeitamente redonda, tendo em seu centro um ponto luminoso*. Taes resultados parecem inadmissiveis, porissoque elles demonstrariam : 1º que a nebulosidade é pouco diaphana ; 2º ou que o nucleo é mais transparente, que a nebulosidade, ou que, si é opaco, a intensidade da luz propria é maior que a do Sol transmittida á-quem das outras partes do cometa.

M. Arago exprime-se assim ; « si eu desejasse sustentar a existencia de um corpo solido e opaco no centro dos nucleos luminosos dos cometas, os annaes d'astronomia me forneceriam alguns argumentos plausiveis. Assim apoiando-me sobre diversas observações, que, por despresadas, não são menos dignas de interesse, diria, que, quando Messier descobriu pela primeira vez o pequeno cometa em 1774, perto d'elle estava uma estrella telescopica ; que, alguns instantes depois, uma segunda estrella se mostra na visinhança da primeira com igual intensidade. Como explicar este facto, senão admittindo com este academico, que o corpo opaco do cometa a tinha occultado? Ajuntarei ainda que o cometa de curto periodo foi visto em Genova por M. Wertemann, em 20 de novembro 1828, as 10^h da noite, projectado sobre uma estrella da 8ª ordem. Mas, como me acho exempto

» de todo espirito de partido, direi, que a observa-
 » ção de Messier não é assaz demonstrativa, por isso
 » que o observador, não tendo visto a estrella antes
 » do eclipse, e seguido-a em sua immersão até que
 » ella reapparecesse, podia mui bem acontecer,
 » que ella não tivesse sido anteriormente avistada,
 » unicamente, por falta de attenção. Quanto a
 » Wertemann, não dissimularei nem a piquenez,
 » nem a fraqueza do telescópio de que se servia ».
 Passemos á serie de observações apresentadas pelo
 mesmo astronomo, e contra aqual nada ha a oppôr.

« Quarenta annos antes de nossa éra, um cometa,
 » que os Romanos olhãõ como a apotheosis de
 » Cesar. pouco antes assassinado, era enxergado
 » de dia. No anno de 1402 depois de Jesus-
 » Christo dous notaveis cometas appareceram.
 » Oprimeiro era tão brilhante, que a luz do Sol, no
 » fim de março, não impedia de avistar ao meio dia,
 » o seu nucleo, e sua cauda. O segundo mostrou-se
 » no mez de junho, o foi observado antes do entrada
 do Sol.

» Tycho-Brahé *descobrio*, de seu observatorio da
 » ilha de Huèna, antes do pôr do Sol, obello cometa
 » de 1577. O cometa de 1774 estava, segundo che-
 » zeaux, no 1º de fevereiro mais luminoso, que a
 » mais brilhante estrella do céo, esto é, Sirio. A
 » 8 igulava a Jupiter. e alguns dias depois só era in-
 » ferior á Venus.

» Em principios do mez seguinte os raios solares
 » não encobriam sua existencia, e no mez de maio
 » era elle visível a uma hora da tarde.

Da comparação d'estes astros com os cometas observados nos ultimos 50 annos, o astrónomo francez julga natural a existencia de tres classes de cometas : cometas sem nucleos e constando d'uma materia vaporosa ligeiramente condensada em seu centro ; cometas nos quaes o centro, tendo soffrido certo gráo de concentração tornou-se liquido, conservando a deaphaneidade ; cometas emfim, que por um resfriamento sufficiente tomaram uma crusta solida e opaca.

DA NEBULOSIDADE.

Cometas ha, e em grande numero, que são destituídos de cauda : outros existem sem apparencia de nucleo ; nem um porê m foi visto, depois das observações teloscopicas, sem nebulosidade.

Entre os cometas sem nucleo visivel contam-se os de 1795, de 1797, de 1798, observados por M. Olbers, e o pequeno cometa de 1804. Estes astros parecem constar de simples massas globulares de vapores ligeiramente condensadas em seu centro, e cuja maior parte é tam rarefeita, e tam deáphana, que a mais fraca luz a atravessa. Assim differentes astrónomos tem avistado através d'estes cometas estrellas de diversas grandezas.

Quando os cometas são dotados de um nucleo, a porção nebulosa, que o aproxima é mais rarefacta, mais transparente, e menos luminosa : em certa distancia de lá a sua propriedade esclarecente adquire um augmento subito, e a partir d'este ponto vê-se uma especie d'annel ao redor do astro. Algumas

vezes este numero de annéis é de dous, e mesmo de tres, concentricos, e separados por intervallos, cuja luz é apenas sensivel.

Quando os cometas são precedidos, ou acompanhados de uma cauda, o anel compõe-se unicamente de um só semi-circulo fechado da parte do Sol. O anel do cometa do 1811 tinha a grossura de 20,000,000 de toesas ; e sua superficie estava separada do centro do nucleo de 24,000,000 toesas.

Até aqui tem-se supposto a nebulosidade dos cometas como formada de uma agglomeração de gazes permanentes, e de vapores desenvolvidos do nucleo pelo acção dos raios solares. Mas, que são n'este systema, os involucros luminoso concentricos, representados em projecção por annéis. Porque motivo o nucleo é excentrico, ordinariamente mais chegado ao sol, algumas vezes porém opposto a este astro? Qual o motivo d'alteração rapida et continua da luz, observada nas differentes partes da nebulosidade do cometa de 1835?

Por muito tempo se pensou, que a nebulosidade dos cometasse delatava em razão de sua proximidade do Sol. Hévélius foi quem primeiro annunciou, que o diametro da nebulosidade augmentava com a distancia ao Sol. Newton admittio esta proposição, dando uma razão physica. Mas depois a observação do astronomo de Dantzik caíu em total esquecimento : hoje porém, pelas investigações feitas sobre o cometa de curto periodo, a reflexão de Hévélius acha-se collocada entre as verdades mais bem estabelecidas da sciencia. Em 28 de outubro de 1828

o cometa distava do Sol tres vezes mais, do que em 24 de dezembro, com tudo na primeira das épochas o diametro da nebulosidade era 25 vezes maior do que na segunda.

Para explicar este phenomeno, enviou M. Valz uma memoria á *Academia das Sciencias*.

Uma consideração porêm torna-se indispensavel antes d'entrarmos no objecto da memoria, e é a seguinte : Por muito tempo, o accôrdo que existia entre o calculo e a observação sobre a marcha dos planetas, tinha determinado aos astrônomos a supôr os espaços planetarios vasis ; mas os cometas mostraram, que estes espaços eram occupados por uma substancia mui rarefeita, á que se deo o nome de *ether*, aqual oppõe uma resistencia aos corpos, que a atravessam, e si ella é insensivel nos planetas, é por causa de sua massa enorme. É d'este fluido, que provêm a resistencia visivel, que experimentam as caudas, como em breve veremos.

Isto posto, vejamos a hypothese do astrôno de Nimes, segundo elle a materia ethérea forma ao redor do Sol uma verdadeira atmosphaera, cujas camadas inferiores são tanto mais comprimidas e densas, quanto maior é o numero das camadas superiores, que as sobrecarrega, como acontece n'atmosphera terrestre. M. Valz imagina pois, que os cometas, penetrando estas camadas, devem experimentar uma pressão proporcional a densidade d'ellas.

Para ter-se uma idéa clara da hypothese do astrôno imagine-se uma bexiga cheia d'ar nas fraldas

de um alto monte : ella inchará de mais em mais á medida, que se fizer subí-la a differentes alturas, e mesmo rasgar-se-ha, si fôr elevada a uma altura sufficiente. A esta theoria se oppõem uma objecção, que nós julgamos despída de fundamento. O certo é, que ella deo as variações do cometa de curto periodo, e do de 1818.

DA CAUDA.

Pertenderam alguns astrónomos, que as caudas estavam situadas no prolongamento da linha, que vai do Sol ao cometa.

Muito geral é esta condição. Verdade é que ordinariamente a cauda se acha situada atraz do cometa ao opposto do sol, porém tão longe está, que seu eixo siga sempre o prolongamento da linha que reúne os dous astros, que occasiões ha, em que o perpendicularismo se manifesta. Em geral as caudas são inclinadas do lado da região, que os cometas deixaram, como si ellas experimentassem maior resistencia, que o nucleo, nota-se mais um desvio, que cresce á proporção da distancia ao nucleo. Estas differenças de disvio, são taes, que algumas vezes a cauda forma uma curva bem sensível.

Si réalmente existe um meio resistente, as consequencias devem ser as seguintes : a convexidade da cauda estará sempre voltada do lado para o qual marcha o cometa ; ora só citam-se duas excepções a esta regra, e estas mesmas não merecem toda confiança : a materia nebulosa será mais densa, mais agglomerada mais luminosa, e melhor terminada do lado

convexo. Todas as observações são em apóio d'este resultado.

As caudas, affastando-se da cabeça do cometa, allargam-se muito. Ellas são de ordinario divididas longitudinalmente por uma banda obscura, que as separa em duas partes iguaes. Para satisfazer a todas as minucias d'este phenomeno, considera-se a cauda, como um cone óco, cujo envolvero tem certa grossura. Esta figura imaginada, vê-se facilmente, que o raio visual, que passa rente dos bordos, atravessará maior quantidade de particulas nebulosas, que o raio, passando pelo centro. Ora, seja, que estas particulas brilhem por propria luz, seja, que ellas só reflitam a luz do Sol, é seu numero total, que em cada direcção, determina a intensidade da luz.

Não é raro encontrar cometas com muitas caudas distinctas e separadas; o de 1744 tinha, no 7 et 8 de março, 6 caudas, da largura de 4° e de 30 a 40° de compridas. Estas caudas comprehendem algumas vezes espaços immensos; a do de 1680 era de 90° , a do de 1769 de 97° , e a de 1618 de 104° .

Qual é a causa, ou antes a origem d'estas caudas? Mil theorias têm apparecido e desapparecido sem nada explicar; a unica que se conserva hoje, supõe as caudas formadas das partes mais leves da nebulosidade, destacadas e transportadas ao longe pela acção dos raios solares. Esta theoria satisfaz, em quanto as caudas se acham oppostas ao Sol, mas algumas são perpendiculares, outras multiplices, formando angulos differentes entre-si; cometas ha

cujas caudas são voltadas para o Sol, outros em que a cauda se desvanece em poucos dias; nas caudas multiplices descobriram-se indícios de movimento de rotação extremamente rapido; em fim cometas existem, cuja nebulosidade parece ser muito rari-feita, e com tudo não têm caudas.

DA LUZ.

Uma das questões importantes, que se appresenta na constituição physica dos cometas, é a de saber, si elles são luminosos por si mesmo, ou si, como os planetas, elles só refletem a luz do Sol. Desgraçadamente esta questão não está completamente resolvida.

É difficil, a primeira vista, de conceber-se como methodos et instrumentos, que conduziram á determinação do *peso* dos planetas, se tornem impotentes diante de uma questão tão simples. Mas, quando se attende ao quanto a astronomia depende da physica, da optica, da mecanica, ao grande tributo, que ella paga a todas as partes da mathematica, e que o astronomico não goza das vantagens do chimico, que reproduz, quando quer, em seu laboratorio, todas as circumstancias dos phenomenos, cujas leis elle procura descobrir, vê-se, que muitas vezes os esforços dos observadores serão sem proveito. Em primeiro lugar os astronomicos procuraram resolver esta questão por meio das phases, infelizmente tal circumstancia senão tem appresentado até hoje, e tudo, quanto se pertenda

allegar contra isto, não passa de interpretações mal fundadas, inversões, ou observações contraditas por contemporaneos.

Antes de expormos o segundo meio, de que lançaram mão os astrónomos, permitta-se-nos uma pequena digressão.

Logoque um raio de luz cái sobre uma superficie qualquer, parte da luz é absorvida, parte é dispersada, parte emfim reflectida. O raio incidente, e o raio reflectido estão no mesmo plano, e o angulo, que o raio reflectido forma com a normal, ou com a perpendicular ao ponto de incidencia é igual ao que o raio de incidencia forma com a mesma linha. Ora supponhamos, que a superficie seja polida, não metálica, e que o angulo da normal com o raio reflectido seja de $54^{\circ}, 35'$; este raio adquire certas propriedades particulares, e chama-se raio *polarizado*.

Este descobrimento fertil em resultados não podia ser abandonado pelos astrónomos. Com effeito, elle foi ensaiado no observatorio de Paris na cauda do cometa de 1819, a qual apresentou traços de propriedades da luz polarizada; taes ensaios feitos em 1835 sobre o cometa de Halley produziram maiores resultados; com tudo ainda não se póde concluir, que elles só brilhem por uma luz emprestada, por isso que os corpos luminosos por si mesmo, não perdem a propriedade de reflectir a luz dos outros.

Uma terceira maneira de conhecer a qualidade da luz dos cometas, consiste na avaliação da intensidade da luz. Suppondo, como se faz geralmente, que o brilho de um objecto, seja proporcional ao nu-

mero de moléculas luminosas , que o vão chocar , chegaremos , pela consideração de um ponto luminoso, collocado em certas distancias do objecto esclarecido, a esta lei, *que a intensidade esclarecente de um ponto diminue proporcionalmente ao quadrado da distancia*. Substitua-se agora ao ponto luminoso uma superficie luminosa : cada um dos seus pontos produzirá o mesmo effeito , que o ponto isolado, de que acabamos de fallar, isto é, que esta superficie lançará diante de si uma luz , cujo enfraquecimento será proporcional ao quadrado das distancias. Ora si em qualquer posição do caminho seguido pelos raios ; se põe um anteparo , este receberá uma quantidade dos ditos raios, que comparada áquelle veria de um só ponto , será proporcional á extensão da superficie luminosa. D'aqui ve-se, que a propriedade esclarecente de uma superficie é de uma parte em razão directa do numero des particulas . que a compõem, e de outra , em razão iuversa do quadrado das distancias.

Supponhamos agora , que duas superficies de identica intensidade luminosa sejam postas atraz de dous anteparos opacos , cada uma em igual distancia do seu , e que cada um d'estes tenha no centro um buraco redondo de uma linha de diametro. Deixemos uma das superficies, que chamaremos A em sua posição primitiva, e colloquemos B em differentes distancias, a intensidade da luz de B será sempre a mesma em todas as situações, com tanto que o buraco da observação se ache sempre cheio pelos raios luminosos. Com effeito, nós

disscos, que a intensidade da luz decrescia em razão inversa do quadrado das distancias, e augmentava com a superficie luminosa, ora, si estas duas causas se compensam, verifica-se o que avançamos. É o que justamente acontece. Todo mundo comprehende que as linhas divergentes partindo do olho, e passando pelas extremidades dos diametros da abertura circular, pela qual se avista o plano B, circunscreverão sobre a superficie luminosa intervallos rectilinos iguaes entre si, cuja estensão é proportional á distancia, que separa o observador. Assim, si as distancias são 1, 2, 3, etc., os comprimentos reaes dos diametros dos circulos descobertos sobre a superficie serão 1, 2, 3, etc. Mas pela geometria sabe-se, que as superficies dos circulos variam em razão do quadrado de seus diametros, segue-se, que o numero de pontos da superficie luminosa, vistos pela abertura do anteparo nas distancias 1, 2, 3, etc., será como, 1, 4, 9, etc., ou como o quadrado das distancias.

Vê-se pois, que si por causa da divergencia cada ponto envia uma quantidade de luz, que diminue com o quadrado das distancias, por causa d'esta mesma divergencia o numero de pontos augmenta com o quadrado das distancias. Fica portanto demonstrado, que as duas causas se compensam, e que a intensidade da luz de B é, em todas as posições, a mesma.

Suppondo agora, que estas disposições se podem fazer nas lunetas astronomicas, como a visibilidade

¹ O que dizemos de uma superficie plana applica-se a um corpo.

dos cometas não depende do angulo debaixo do qual é visto, logoque a intensidade luminosa é constantemente a mesma, sinão quando este angulo desce áquem de certos limites, claro está, que os observadores tinham á sua disposição uma maniera de conhecer, si a luz dos cometas era propria ou emprestada.

Segundo ella, todos os observadores estavam de accôrdo, que os cometas só reflectiam a luz do Sol, porisso que elles deixavam de ser visiveis, quando o angulo visual era assaz sensivel. Lembremo-nos porém, que em toda a demonstraçoão conservamos implicitamente a hypothese, que a constituição physica da superficie luminosa não mudava : infelizmente esta supposiçoão não tem applicação nos cometas. Sem duvida, quando se pensava, que a nebulosidade dos cometas se condensava á proporção que estes astros se affastavam do Sol, longe d'esta hypothese destruir a conclusão dos observadores, ella dava-lhe maior força ; mas hoje, que o effeito contrario é demonstrado, a conclusão cái. Com tudo uma nova modificação nos instrumentos conduz a exactas consequencias, com tanto que as alterações dos astros não sejam rápidas e frequentes, o que realmente aconteceo em 1835 com o cometa de Halley, que impedio de resolver esta questão.

Antes de deixarmos esta parte, appresentaremos a observação seguinte : por muito tempo julgou-se, que as cometas em suas revoluções perdiam parte da materia, que os compunha. Esta theoria se tornou menos provavel pelo cometa de Halley

em 1835, no qual se observou um augmento depois de sua ultima apparição. Collocamos aqui esta observação, por isso que os terroristas, que de tudo lançam mão, já d'isto se tinham apossado, para provar, que um dia os planetas seriam embaraçados em suas revoluções.

NATUREZA DAS ORBITAS COMETARIAS; ELEMENTOS DOS COMETAS.

Depois de Tycho-Brahe os cometas deixaram de ser olhados como meteoros formados em nossa atmosphaera, e fôram reconhecidos como astros circulantes ao redor do Sol, segundo leis regulares, cujas orbitas são elipses muito allongadas, nas quaes o astro do dia occupa um dos fócios.

O verticie da ellipse mais visinho do Sol chama se *perihelio*; o outro toma o nome de *aphelio*.

Denomina-se *distancia perihelica* a distancia focal da orbita cometaria, ou o intervallo que vai do Sol ao mais proximo vertice da ellipse.

Em todas as observações, o plano, em que a terra se move, e que tem o nome de *ecliptica*², serve de plano de comparação.

Logoque o astronomo tem reunido tres boas observações sobre os cometas, passa a calcular os elementos parabolicos, que são os seguintes: *Longitude do nó*, isto é, o arco de circulo, que vai do equinoxio de março ao ponto emque o cometa pe-

¹ Περι, ao redor, junto, ἥλιος, Sol; aphelio de αφο, longe.

² Assim chamada por que todos os eclipses do Sol e da Lua têm lugar. quando a Lua se acha nos pontos emque a sua orbita encontra esse plano, ou ao menos nos pontos mui visinhos.

netra a ecliptica contado sobre a mesma ecliptica, a *inclinação*, ou o angulo que entre si formam o plano da orbita do cometa e a ecliptica; estes dous elementos determinam o plano em que se move o astro; *longitude do perihélio*, ou o arco de circulo graduado, que vai do equinoxio de março á projecção do perihelio sobre a ecliptica, contado sobre esta mesma superficie; este elemento fixa a situação da curva, descripta pelo cometa, em seu proprio plano; *distancia perihelica*, que tira toda a incerteza sobre a fórma da parabola pois que o fóco coincide com o centro do Sol; *directão do movimento*, que se indica por estas palavras *directo* . ou *retrogrado*; *directo*, si caminha do occidente para oriente; *retrogrado*, si se dirige do oriente para o occidente.

Uma pergunta naturalmente aqui appresenta-se: por que decorrendo os cometas orbitas elipticas, se calculam os elementos parabolicos? a razão é, que o calculo da parabola é pouca causa comparativamente ao da ellipse, e como a ellipse e sua parabola tangente se conservam tanto maior espaço unidas, quanto a ellipse é mais allongada, tudo o que se diz da parabola na visinhança do perihelio, se applica á ellipse; e, si por acaso isto não tem lugar . é prova de que a orbita do cometa se aproxima do circulo.

MANEIRA DE CONHECER SI O COMETA APPARECE PELA PRIMEIRA VEZ, OU SI ELLE JÁ FOI VISTO.

O astronomo, depois de ter calculo os elementos parabolicos, recorre ao cathalogo das cometas, onde se acham inscriptos até hoje, com regularidade, os

elementos de 137 d'estes astros ; si com pequenas differenças os elementos calculados são os mesmos , que os de um dos cometas registrados, o calculista conclue com toda a probabilidade, que este astro já foi visto ; si ao contrario os elementos do astro observado differem muito dos elementos da cometographia¹, o observador nada deve concluir , pois a theoria nos ensina, que a orbita de um cometa póde ser notavelmente alterada passando perto de um planeta, como teremos um exemplo nos cometas periodicos.

DOS COMETAS PERIODICOS².

COMETA DE HALLEY.

Um cometa tendo-se mostrado em 1682, Halley calcula os elementos parabolicos, depois recorrendo ao cathalogo d'estes astros, vio, que elles differiam pouco dos calculados por Kepler e Longomontanus para o cometa de 1607, e dos observados em 1531 por Apian. Desde logo a identidade dos tres astros pareceo evidente. Assim Halley aventurou-se a pronosticar o novo apparecimento do cometa nos fins de 1758 e principios de 1759, e com elementos parabolicos pouco differentes.

Verificando-se esta predicção, devia crear uma nova época na astronomia. Clairaut, para fazer desaparecer o vago em que Halley se tinha legitimamente encerrado, occupa-se d'este problema difficil, e prova que o cometa seria retardado de

¹ Γράφειν, escrever ; κομη, coma.

² Περιοδος, movimento circular ou de revolução.

100 dias pela acção de Saturno, e de 518 pela de Jupiter. Com tudo diz este astrónomo, « obrigado » pelo tempo despresei pequenos termos, que accumulados podem dar uma differença de 30 dias *em mais* ou *em menos*¹. » A reaparição do cometa justificou todos os annuncios. Os elementos parabolicos fôram taes, quaes lhe dera Clairaut.

A periodicidade estando demonstrada, era preciso calcular a data da proxima volta. Varios calculistas emprehendem este trabalho. D'esta vez a acção perturbadora de Uranio e da Terra foi tomada em consideração, e, segundo o calculo de M. Pontecoulant filho, Jupiter avançava o cometa de 135^d, 34; Saturno, Uranio, e a Terra o retardavam o 1º de 51 dias, 53; o 2º, 6^d, o 7; a 3ª, de 11^d, 7; da perturbação total resultavam 66^d, 4 de augmento na marcha do cometa, e sua chegada ao perihelio devia effectuar-se em 13 de novembro, mais ella só teve lugar a 16. Esta differença póde mui bem provir de ter M. Pontecoulant tomado por peso de Jupiter $\frac{1}{1054}$ do peso do Sol, quando pelas novas experiencias elle é de $\frac{1}{1049}$

M. Rosenberg, que dava a situação do cometa no perihelio em 10 de novembro, quer que este erro provenha das acções de Venus, Marte, e Mercurio; M. Pontecoulant diz, que as acções de Venus se compensam, e que as de Marte, e de Mercurio são nullas. Em breve veremos esta questão decidida.

¹ Elle prometteo a chegada do astro no perihelio a 4 de abril, este chegou a 12 de março, 23 dias de differença em menos.

PHENOMENOS NOTADOS N'ESTE COMETA EM 1835.

Em 15 de outubro . ás sete horas da tarde , o cometa apresentava *um sector, cuja luz excedia a do resto da nebulosidade.* A 16 , depois da entrada do Sol, este sector tinha desaparecido, e outro mostrava-se em posição diversa ; os raios , que o circunscrevião, formavam um angulo de 90 gráos, e a intensidade de sua luz era extraordinaria. A 17 este sector pouco tinha mudado de situação ; a luz porém tinha perdido de intensidade.

No dia 18 o enfraquecimento da luz tinha feito rapidos progressos, em 19 e 20 o céo não permittio observar.

A 21 as 6^h 3/4 da tarde exestiam sobre a nebulosidade tres sectores luminosos ; o menos brilhante e menor estava situado no prolongamento da cauda.

A 23 os traços dos sectores eram apenas sensiveis. O cometa tinha inteiramente mudado de aspecto. O nucleo até ahi tão brilhante , tão delineado e tão bem circunscripto tornou-se de talmaneira largo e diffuso, que á primeira vista não parecia o mesmo. N'este mesmo dia a região oriental excedia muito em brilho á região opposta.

M. Schwabe enviou á *Academia das sciencias de Paris* uma memoria sobre este cometa. Entre as observações, que a recheam, encontra-se a seguinte : a nebulosidade geralmente circular offerecia uma depressão mui sensivel da parte voltada para o Sol.

Estas mudanças exteriores de fôrma vieram augmentar a complicação de um problema já assaz complicado.

COMETA DE LEXELL.

Em junho de 1770 este cometa foi observado, seus elementos calculados, e comparados com os do cathalogo, dos quaes differiam muito. Lexell, depois de ter rapetido as observações e o calculo, annuncia que este cometa descrevia a sua orbita em 5 annos e meio.

A periodicidade d'este astro, que apparecia pela primeira vez, tinha sublevado objecções, que só sua reaparição podia anniquilar, mas debalde foi elle esperado, o tempo passa, e o cometa não volta. Examinemos as causas, que se opposeram ao seu apparecimento nas épochas determinadas.

Por que senão vio o cometa 5 annos antes de 1770? porque sua orbita era muito differente.

*Porque não foi elle visto depois de 1770? porque em 1776 elle chegou ao perihelio ao meio-dia, e antes do novo reaparecimento sua orbita foi transtornada. Lexell obteve estes resultados dos elementos do cometa, e mostrou, que o planeta perturbador era Jupiter, mas a gloria da convicção estava reservada ao auctor da *Mecanica celeste* : assim segundo este, a orbita do cometa, antes de 1770, era de 50 annos, em 1779 ao sair da sphaera d'attracção de Jupiter, elle descrevia a sua orbita, ao menos, em 20 annos. Do calculo resulta tambem, que a minima distancia*

do cometa ao Sol é hoje de 262,000,000,000 de toesas, distancia exorbitante para poder ser visto da terra.

É pois uma verdade, que este cometa nos fôra dado por Jupiter por Jupiter nos foi subtrahido.

COMETA DE ENCKE.

Os elementos parabolicos d'este astro fôram calculados em 1818 por diversos astrônomos; mais Encke revê o cathalogo, acha os elementos do astro observado identicos com os de um dos cometas de 1805, estabelece a periodicidade, dá por tempo de sua revolução $3^{\text{as}} \frac{3}{10}$, e indica tambem, que elle se mostraria em 1822. Estas promessas realisaram-se, o cometa tem continuado a apresentar-se nas épocas determinadas até 1835. Elle toma muitas vezes o nome *de cometa de curto periodo*.

COMETA DE 1826, ALGUMAS VEZES CHAMADO COMETA DE BIELA.

Este astro foi observado em 27 de fevereiro de 1826, por M. Biela, que calcula os elementos parabolicos, e que revendo a cometographia reconhece que elle já tinha sido observado em 1805, e em 1772. Este astro sendo periodico, era preciso determinar a sua orbita. MM. Gambar et Clausen emprehem este trabalho; d'elle resulta, que o tempo da revolução é de $6^{\text{as}} \frac{3}{4}$. Este cometa tornou a vir ao seu perihelio em 1832.

Tal é o numero dos cometas periodicos, si senão, quer á verdade substituir meras hypotheses, porque então teriamos, entre outros, o de 1680, cuja orbita se julga ser discripta em 575 annos¹.

EFFEITOS DOS COMETAS SOBRE A TERRA.

Si os cometas, nas distancias em que se acham, obram sobre a Terra, sua acção ou será attractiva, ou provirá dos raios luminosos e calorificos, que elles lançam ou reflectem. Si os raios calorificos tem alguma influencia, nos annos, em que os cometas se apresentam, haverá augmento de temperatura. M. Arago examinou a temperatura média de 49 annos, em que existiram cometas, e a de 25^a sem cometas; a primeira foi de 10°, 9 do centigrado, a segunda de 10°, 4. D'esta differença, sem duvida sensivel, nenhuma conclusão se tirará, quando se der attenção, que nos annos mais frios o céo se acha frequentemente coberto, e por isso cometas passarão sem serem vistos.

A comparação da temperatura média de 25^{as} de um só cometa, e de 24 de dous, dá para a primeira 10°, 9 e para a segunda 10°, 8. A differença não é aqui tão sensivel, mas em todo caso contraria ao que se podia suppôr.

¹ M. Olbers determinou a periodicidade de um cometa, cuja revolução, de 72^{as} é mas qualquer que seja á razão, elle não é fallado.

ANNOS EMQUE DESCEO MAIS A TEM- PERATURA ¹ .			ANNOS EMQUE MAIS S'ELEVOU A TEM- PERATURA ² .		
ANNOS.	CENT.		ANNOS.	CENT.	
1665	21° 2	Dous cometas brilhantes.	1705	33° 8	Nada de cometa.
1709	23 1	Nada de cometa.	1706	35 3	Um cometa.
1716	18 7	Nada de cometa.	1753	35 6	Nada de cometa.
1729	12 2	Um cometa.	1754	35 0	Nada de cometa.
1742	17 0	Dous cometas.	1775	34 7	Nada de cometa.
1747	13 6	Um cometa.	1793	38 4	Dous cometas.
1748	15 3	Um cometa.	1800	35 5	Nada de cometa.
1754	14 1	Nada de cometa.	1802	36 4	Um cometa.
1755	15 6	Nada de cometa.	1803	36 7	Nada de cometa.
1767	15 3	Nada de cometa.	1808	36 2	Um cometas.
1768	17 1	Nada de cometa.	1818	34 5	Dous cometa.
1771	13 5	Um cometa.	1822	33 8	Tres com com o d'Encke.
1776	19 1	Nada de cometa.	1825	36 3	Quatro cometas como d'Encke.
1783	12 1	Um cometa.	1826	35 5	Cinco cometas com o de 6 ^u ³ / ₄ ou de Biela.
1788	22 3	Dous cometas.	1827	33 0	Tres cometas.
1795	23 5	Cometa de Encke.	1832	35 0	Dous cometas periodicos.
1798	17 6	Dous cometas.	1834	34 3	Dous cometas.
1820	14 3	Nada de cometa.	1835	34 0	Tres cometas, dous perio- dicos; o da Halley eo d'Encke.
1823	14 6	Um cometa brilhante.			
1827	12 8	Treis cometas.			
1829	17 0	Cometa de Encke,			
1830	17 3	Dous cometas.			

D'esta táboa vê-se, que nada é possível concluir sobre a temperatura.

Experiencias. Pelas experiencias feitas sobre o cometa de 1811, a luz enviada sobre a Terra, não igualava ao decimo, da que se recebe da Lua cheia. Esta luz concentrada no foco dos maiores espelhos, ou lentes, e obrando sobre a bola ennegrecida de um thermometro de ar não produziu effeito sensivel. Com tudo por estas experiencias apprecia-se $\frac{1}{100}$ de gráo do thermometro ordinario. Vê-se pois, que, si os cometas influem sobre a Terra é por meio da attracção.

1 Em Paris.

2 Em Paris.

No exame d'esta propriedade tomamos a Lua por termo de comparação. A Lua produz grandes marés no Oceano. Rigorosamente fallando, o cometa de 1811 devia occasionar marés análogas; mas ninguem as tendo observado, segue-se, que, por sua pequenez, ellas escaparam á observação. Logo, como a altura da maré varia proporcionalmente á intensidade da potencia attractiva, a conclusão é, que o resultado d'attracção do cometa sobre a Terra será uma mui pequena parte do d'attracção da Lua. Ora os effeitos produzidos pela acção da Lua sobre a nossa atmosphera são muito duidosos, e aquelles, que mais se têm pronunciado em favor de sua existencia, os restringem a variações barometricas entre limites muito aproximados; que se deve concluir para os cometas?

O choque da Terra por um cometa é uma das cousas, que têm sido apresentadas para atterrar os espiritos fracos. Não ha duvida, o choque é possivel, mas de nenhuma maneira provavel. Assim o calculo de probabilidades demonstra, que um cometa, que tiver o seu perihelio mais perto do Sol, do que o do nosso planeta, e que o diametro do nucleo fór igual ao quarto do da Terra, por uma probabilidade em favor do choque fornece 280,999,999 em contrario. Agora si se attende, ao que dissemos, tractando da constituição physica dos cometas, vê-se, que para a maioria dos cometas, o numero das probabilidades oppostas ao choque tornar-se-ha pelo menos dez vezes maior.

INFLUENCIA DOS COMETAS.

Desde os mais remotos tempos a generalidade dos homens não vio nos cometas, sinão o que lhe dictava uma imaginação exaltada, e sem freio; um pequeno numero porêem só os encarou como objecto de estudo e de reflexão. Assim em quanto os potentados d'Europa consultavam os astrologos, os Chinas passavam as noites em observação. Em 837 apresentando-se o quarto cometa inscripto na cometographia, o chefe dos Normandos o toma por signal da cólera celeste, e para a aplacar, funda mosteiros; por estes e outros meios desenvolve-se a terrivel lei do celibato. Em 1456, apparecendo o cometa de Halley, o Papa Calisto II ordena precis publicas contra o cometa, e contra os Turcos, e para que não houvesse esquicimento manda, que, em todos os lugares, se tocassem os sinos, na passagem do Sol pelos respectivos meridianos²; dahí data o costume de tocar meio-dia.

A estes e outros factos seguiram-se as memorias de Sydenham, as dissertações de Lubienietki, e de muitos outros. Em 1818 o *Magazine* narrando os grandes feitos do cometa de 1811 acaba o seu artigo por estás palavras « o que ha de muito notavel, é » que na metropole, e em seus suburbios nasceram » muitos gemios, e a mulher de um sapateiro de

¹ Apalavra Astronomia é composta de *αστηρ* astro, *νόμος* lei; Astrologia de *αστήρ*, astro, *λογος*, discurso. Astrologia dissigna hoje uma reunião de idéas supersticiosas, com aqual se pertende ler nos astros os acontecimentos, que devem ter lugar na superficie da terra.

² Meridies, meiodia.

» Whitechapel teve 4 filhos de um só parto ». Vê-se pois, que o bello sexo não está livre da influencia dos cometas, ainda mesmo nas altas funcções da maternidade. Em 1829 M. Forster publica uma obra sobre este objecto, segundo ella, com mui pouca differença, tudo quanto é máo, é obra dos cometas; nós deixamos de parte a peste, a fome, a guerra, as tempestades, etc., etc.; dous exemplos menos fatigosos nos mostrarão até onde chega a influencia dada a estes astros: Em 1746 os gatos Westphalia adoecem, a causa é um cometa, que existe no horizonte; n'America uma grande quantidade de pombas apparece no inverno, a razão é, que um segundo cometa está submettido ás observações.

Si nós tencionassemos responder a estas exagerações, comecariamos por perguntar ao auctor; que males causou o mais notavel dos cometas modernos, e um dos que mais se aproximou da terra, isto é, o cometa de 1680? qual a causa da grande, e extensa tempestade de 1833, pois n'esse anno não appareceo nenhum cometa? mas responder seria dar peso a extravagancias.

Quanto a nós os effeitos dos cometas serão superiores aos dos planetas n'isto, que elles nos farão melhor conhecer os espaços celestes, abrirão novo e vasto campo ao genio, avançarão as sciencias, e fornecerão sublimes imagens á poesia.

C. M. D'AZEREDO COUTINHO.

¹ Ὄριζων, en termino.

CONSIDERAÇÕES ECONOMICAS

SOBRE

A ESCRAVATURA.

Quando vieram os christãos do seculo XVI estabelecer-se na America, aonde deviam semear os germes da vindoura civilisação, e associar os destinos do novo aos do antigo hemispherio, assignalaram sua presença por todas as calamidades, e horrores, de cuja comitiva andava a conquista n'aquellas eras constantemente ladeada : por extranho jogo das cousas humanas teve o genio do mal larga parte em um movimento tão rico de futuro, de potencia, e de civilisação. De principio até causaram um mal tanto mais terrivel, quão grande era a obra, que as leis providenciaes do universo os incumbiam de levar á effeito, e quanto insuperavel o antagonismo, que ia de per meio entre o fim e mira da conquista, e a paixão indomavel de independência individual, que caracterisava os filhos do deserto. A par de espoliar os aborigenas, ainda os exterminaram, como vissem, que nada d'elles podiam obter, por que erradios sempre resistiam á assentar morada, onde podesse prender o grillhão da dependencia. Lançados pelo tanto no seio da solidão de uma terra, aquem o exterminio Indiano não tornava espontaneamente productiva, e fallecendo-lhes a facilidade de recru-

tar-se no mae-patria, nenhum outro recurso julgaram mais a proposito para explorar seu immenso territorio, e arrancar ouro das entranhas das minas, do que o de ir buscar escravos em Africa, essa terra povoada com a raça amaldiçoada de Cham, para com quem levados de religiosos pré-conceitos não cuidavam haver mister de respeito algum. Sem consciencia da alta missão, cujos ultiores resultados longe estavam de prever, apressaram-se a transportar para o solo virgem do continente americano o elemento do trabalho por braços escravos, chaga nodora da antiga civilização.

Propensão do capital fixo do proprietario, pura manobra, méra força muscular comparavel em sua acção aos esforços de um dromedario, ou de um boi, tal foi o trabalhador no renovado systema de escravidão domestica, systema, que com admiravel facilidade se dilatou alem de trez seculos. De um lado a propria generalidade d'aquelle facto ataviada com razões de aparente utilidade sob o Céu ardente dos tropicos, deixava em paz a consciencia dos povos, e falsificava os calculos da industria: por mistura de fraquesa, e de orgulho é o homem naturalmente propenso a transformar seus proprios feitos em verdades necessarias. D'outro lado os governos, expressão completa dos pre-concétos, dos erros, e falsos interesses da epocha, e desvairados pelos motivos d'aquella economia, que antepõe o trabalho bruto, instinctivo, e forçado ao livre, e intelligente, mantinham, e protegiam como altamente util ao paiz um genero de trafego, que sobre o abrir uma larga

lérída á humanidade, corrompe as nascentes da prosperidade publica. Hoje em dia porêm hão rebentado do seio da civilisação outras ideias, outras combinações, outros costumes, outros interesses mais perfeitamente concebidos, que a passo cheiotendem a demolir uma ordem de cousas, que nunca destinada fora a ter futuro, e contra a qual está protestando um longo passado. Os progressos da reflexão, uma mais comprehensiva concepção da unidade humana engeitam por des-harmoniosa, e immoral a exploração do homem pelo homem : o Christianismo descartando-se da pre-occupação do Judaismo, e lembrando, que o seu fundador fora punido com o supplicio dos escravos por pregar a fraternidade de todos os homens diante Deos, convida pela boca dos Clarkson, e dos Wilberforce aos que se tem por discipulos seus á não desmentir das crenças pela oppressão dos negros : alfim a sciencia das riquezas dá cabal sancção aos dictames da moral, e á palavra do Evangelho. Ella prova do modo o mais irrefragável, que os suores do obreiro escravo jamais se vertem em chuva d'ouro para o proprietario, que menos funesto ao primeiro, que ao segundo, é o facto da escravidão, e que si o livre trabalho em sua lata accepção é um dos destinos da especie humana a titulo de instrumento primordial de toda a civilisação, os povos, que tem a desdita de engastar em seu solo os horrores da escravidão domestica, compromettem de gravissimo modo o seu porvir, afugentando todo o prospecto de opulencia, e prosperidade. D'esta revolução nas ideias rompeo a origem da propaganda,

que ora trabalha os paizes possuidores de escravos, e bem assim o movimento, que acaba de levar o Parlamento Britannico a um passo sem igual nos fastos do mundo, votando 20 milhões sterlingos em favor da emancipação do trabalho nas suas conquistas de golfo Mexicano, e isto quando a Inglaterra vergada sob o peso de uma divida colossal, accossada pelos soffrimentos de sua população obreira, cuja miseria avulta de dia em dia, volve olhos inquietos para todas as partes de suas despesas, por que as submetta á mais severa economia. A Deos não prasa, que ao Brasil proponhamos o exemplo Britannico; a profunda differença das circumstancias de uma, e outra nação accarretaria a mesma differença nos resultados, differença, que só poderia desconhecer quem sobre as espadoas trouxesse uma cabeça de louco. Mas é doloroso expectaculo para os amigos do paíz, que ao mesmo passo que ou paixões generosas, ou interesses bem calculados da industria militam açodadamente para o termo definitivo da servidão, seja o Brasil assignalado como um dos paizes recalcitrantes, onde o trafego de Africanos continua á escala vista, mediante um contrabando, que renunciamos a qualificar. Na primeira linha das causas deste resultado tão funesto como pouco lisongeiro para a dignidade nacional figuram as preoccupações, que arraigadas de longo praso no espirito dos lavradores Brasileiros, e mais proprietarios de escravos, difficilmente cedem campo ás innovações da economia social, e antes pelo contrario a cenam com seguros, e levantados proveitos aos ne-

gociantes de creaturas humanas. Lamentamos semelhante opposição, mas não a criminamos; ha naturalmente na ordem de cousas, que os annos consagraram, uma grande força de resistencia; o espirito humano pugna com a mesma energia por inveterados erros, como por verdades adquiridas, e nem sem grande constrangimento divorcia-se do passado para acceitar o futuro. Mas certo é tambem, que os interessados no *statu quo* do systema da escravidão offendem a um tempo o senso commum, e a experiencia dos factos, quando presumem, que a inteira cessação do trafego implica em suas consequencias sacrificio da producção nacional, e desfalque nos beneficios da industria particular; e igualmente deslembram-se dos conselhos da prudencia, quando ouvindo rodar ao longe o carro da civilisação, em vez de aparelhar-se para alcançal o na passagem, e dentro tambem lançar-se, procuram ao contrario empecer-lhe a marcha com barrancos, e aturados esforços. No fim de contas porém, e a despeito de todos os obstaculos, o carro tem de passar, e tem de passar, por que obedece em seu curso a uma lei infinitamente mais forte, que a vontade dos recalitrantes, a Lei do progresso, e da civilisação; somente em vez de leval-os por diante, pode abalroal-os com as suas rodagens. A historia diz, que as grandes reformas se hão feito no mundo, não só a despeito, mas á custa dos que para ellas se não achavam preparados.

Entretanto como na base de velhos erros, e nas desconfianças das promessas do futuro libram-se

os esforços feitos em prol do actual systema de trabalho, não será talvez fora de proposito, que este artigo consagremos ao exame da questão que circumstancias singulares tem posto na ordem do dia isto é, quaes os effeitos sejam da servidão domestica relativamente á produccão das riquezas. — Fugindo do sentimentalismo pueril, assim como tambem de um cynismo insolente, máos meios, um, e outro de raciocinar em materia tão grave pelas suas consequencias, nós procuraremos, para a solução da questão, na vida de alguns povos possuidores de escravos o genero de influencia, que sobre a sua marcha industrial exercera a escravatura, e logo desde o primeiro passo nesta investigação daremos fé de dous factos assás notaveis : 1º o desprezo da classe livre para quantas occupações tem por fim dar utilidade, e valor aos objectos da natureza material para a satisfação das humanas necessidades : as unicas proffissões, que pelo contrario assomam ao galarim, as unicas condecoradas com o timbre da publica estima, são as que ministram meios de influencia, e de acção sobre os outros homens, ou sobre a sociedade ; 2º decadencia da agricultura, e das artes, pobreza mais, ou menos geral. Uniforme, invariavel, e absoluta é a verificação historica da relação existente entre estes dois factos, e a escravatura. Principiemos por consideral-a nos Romanos, o povo, que na antiguidade mais escravos possuio.

Na quadra primitiva da republica, e quando ainda estreme da lepra da escravidão domestica, nenhum trabalho util desprezaram os Romanos, no-

taveis então pela simplesa dos costumes, affinco ao trabalho, modestia, e frugalidade da vida : d'outro lado o solo de Roma gratificava os esforços do trabalhador livre com ricas, e abundantes colheitas. Logo porêem, que levaram vencimento dos povos bellicosos da Italia, e a medida, que pela conquista do orbe adquiriram grande numero de escravos, deram de mão á industria, e até á agricultura, que de primeiro tanto haviam honrado, e por cujo proposito offerecem os annaes de Roma primitiva magnificos episodios. Os proprios homens, que mor afferro tinham ás antigas usanças, como era Catão partilha-ram o universal desdem contra a industria. É o horror ao desprezo um sentimento, que nasce, e desce com o homem ao tumulo; cada qual cobrava receios de ter parecença com os escravos, applicando-se de envolta com elles á producção material; a ignominia do obreiro escravo passava ao trabalho, e este uma vez aviltado, aviltava por seu turno o trabalhador livre, deploravel resumo da historia de quantos povos possuem escravos. «Necessitamos, dizia Me-»
 »nenio no Senado, de soldados aguerridos, de gram-»
 »maticos, oradores, e não de lavradores, merca-»
 »dores, e outros da mesma laia dados á vís e
 »ignobeis proffissões¹ » Neste ponto o senador fazia
 »toada com a philosophia da Grecia², a qual erigira

¹ Deonísio de Halycarnasso, tom. II; liv. VI, pag. 53.

² «Em um Estado bem governado, escreveu Aristoteles, não devem os cidadãos exercer artes industriaes, e nem dar-se ao commercio. Si por ventura quereis, que os cultivadores da terra cneham as medidas do des-
 jo, cumpre, que sejam escravos, e escravos estrangeiros.» (Aristoteles,

em maxima de politica, que indignas eram do homem livre a agricultura, o commercio, e as artes : isto assim deveria ser. A philosophia de uma epocha é a representante a mais completa dessa mesma epocha ; somente ella resume, e formúla scientificamente as crenças das massas, ou por que assim o digamos, distilla em gotas limpidas a substancia grosseira do pensamento popular.

Dionisio de Halycarnasso que nos conservou aquelle singular discurso de Menenio, conta-nos, que a legislação seguiu de perto o movimento dos costumes, e que bem depressa foi tolhida aos cidadãos a pratica das artes mecanicas, tocando-se por este modo á perfeição social preconizada pela philosophia grega. A verdade foi, que de dia em dia desmedrou a vida dos campos, e o amor do trabalho, e que a introducção de escravos torceo para o ocio o animo da população Romana de tal sorte, que quando C. Graccho corria a Toscana, demandando a Numidia, deparou, ao dizer de Plutarco, com o paíz quasi ermo : « Os que a terra cultivavam, ou » guardavam rebanhos, eram em totalidade escravos » Barbaros¹. » Nós sabemos a maneira por que esta nação se fornecia de escravos ; os Commentarios de Cesar ensinam, o como este conquistador destinava nações inteiras a ser vendidas de baixo da lança do

Moral, e Politica, tom. II, p. 458 edição de M. Thurot). Dissemelhante não era o theor de pensar de Platão à este respeito, e este homem, que alias por tantos titulos se recommenda à postéridade, agastava se mui seriamente, de que se houvesse desbotado as sciencias por sua applicação as artes.

¹ Plutarco, *Vida dos Gracchos*.

Prétor. As fronteiras do Rheno, do Danubio, as da Africa, e do Euphrates eram especies de mercados de escravos; e como estes substituissem a massa dos cultivadores livres, em breve se agglomeraram as propriedades ruraes nas mãos de um diminuto numero de opulentos proprietarios, sendo tragadas as pequenas culturas pelo sorvedouro dos grandes dominios. A completa decadencia da agricultura foi a immediata consequencia de um tal estado de cousas. Todos os agronomos Romanos, que como Plinio, Columella, e Varro por muito allumiados não capitulavam com os erros do seu tempo, queixam-se amargamente da fatal influencia da escravidão sobre a agricultura. « Qual era a causa daquellas abundantes colheitas, pergunta *Plinio*, fallando dos primeiros tempos da republica? É que então homens consulares se occupavam do cultivo dos campos, entretanto que hoje anda entregue á desgraçados carregados de ferros, e que sobre a frente trazem o ferrete vergonhoso da servidão¹. A negligencia, incapacidade, e má vontade dos escravos, donde resultára a deterioração da agricultura, são por *Columella* descriptas com uma sagacidade admiravel, descripção, que elle termina, estabelecendo como principio fundamental, que o trabalho do colono livre é sempre superior ao do escravo, qualquer que possa ser o genero de cultura².

¹ Plinio, *Hist. nat.* liv. XVIII, c. III.

² Eis as proprias palavras de Columella. « Maxime vexant servi, qui boves elocant, eosdemque, et cætera pecora male pascunt, nec industri-

E o que diremos do estado das artes industriaes depois da introdução dos escravos? Não é intenção nossa desherdar totalmente a antiguidade da parte, que a este respeito lhe é devida; mas quando se lança os olhos para industria Romana, fica-se confundido da immensa distancia, que a separa não só da industria das nações modernas, mas ainda da de outras contemporaneas de Roma, que escravos não possuíam. Qualquer que fosse então a potencia individual do sabio, a sciencia não penetrava nas officinas. A mecanica pratica dos antigos consistia essencialmente em um espantoso consumo de homens empregados como força muscular. Uma vez que o homem tem a sua discrição grande quantidade de outros homens a titulo de escravos, a necessidade de economisar tempo, e forças jamais se lhe apresenta ao espirito. É esta a razão, por que o uso das maquinas foi desconhecido de toda a antiguidade, e por que em alguns paizes modernos a escravatura é insuperavel empeço á introdução dessas engenhosas, e brilhantes filhas da civilisação, que tão efficas assistencia prestam ao homem, enriquecendo-o de uma potencia, que elle em vão procuraria nos seus orgãos phisicos, ou que só poderia provir de numeroso concurso de forças humanas. A distinc-

terram vertunt, longeque plus imputant seminis jacti, quam quod sererint: sed nec quod terræ mandaverint, sic adjuvant, ut recte proveniat idque cum in arcã contulerunt, per trituram quotidie minunt, vel fraude, vel negligentia. Nam et ipsi deripiunt, et ab aliis furibus non custodiunt. Sed nec cum fide rationibus inferunt.
Omne genus agri tolerabilius sub liberis colonis quam sub villicis. »

ção principal, que lavra entre o homem no estado de uma sociedade grosseira, e imperfeita, e o homem na sociedade civilisada, consiste em que um prodigalisa suas forças naturaes, entretendo que o outro as economisa, e as poupa, tirando partido das forças, que encontra esparsidas em torno de si: para domar a resistencia da natureza material, elle arma sua fraquesa com maquinas. Dous exemplos, um escolhido entre os antigos, e outro entre os modernos, farão bem sentir a verdade daquella differença.

Le-se em Herodoto, que a construcção da grande pyramide Egypcia occupára 100 mil homens durante 20 annos, o que equivale a 2 milhões de obreiros por um anno, sem contar os trabalhos da extracção, carroto das pedras, abertura de galerias subterraneas, trabalhos, que per sí sós dez annos duraram. O serviço de 100 mil homens, renovados de trez em trez annos, e estupidamente empregados neste monumento, que nenhum outro fim tinha alem do de satisfazer o orgulho do tyranno, que o erigia, foi um objecto de calamidade, e de horror para o povo Egypcio, por que privados os obreiros de maquinas, e empregando quasi exclusivamente forças braçaes, pereciam em extraordinario numero de affan, de miseria, e de molestias junto daquelle colosso de pedra. Ora tem-se calculado, que todas as maquinas de vapor de Inglaterra postas em acção por trinta mil homens somente extrahiriam a mesma

1 Herodoto. liv. II. Euterpe.

quantidade de pedras, e as levantariam á altura da grande pyramide no curto espaço de 18 horas¹

Um outro facto recente, mas que por sua natureza é um anachronismo na historia moderna, revela igualmente todas as miserias da condição humana, quando no escravo encarando tão somente a pura força corporal, o empregais como utensilio, ou como maquina. O Pacha actual de Egypto em um desses accessos de capricho, á que os tyranos costumam a ser sujeitos, querendo, ha bem poucos annos, alimpar um dos antigos canaes do paiz obstruido pela vasa, nenhum outro meio imaginou para obter este resultado, senão o de encarregar desta tarrefa 50 mil homens despidos de toda a espece de maquinas, 50 mil homens, que a sí mesmos deviam servir de pas, de bombas, e de bartidouros; o volume dos corpos humanos, seus peitos, e braços, taes foram os utensilios. Elles obedeceram, e precipitaram-se no canal. Não sabemos, si este foi com effeito limpo, por que a historia o não diz; ella diz somente, que no fim do primeiro anno haviam perecido mais de trinta mil d'aquelles infelizes homens-maquinas². Ora qualquer paiz civilisado da Europa, aonde não existem escravos, nem a possibilidade de consumir-se homens com a mesma facilidade, com que se consomme o combustivel em uma fomalha, e onde por consequencia a necessidade fórça o homem a ser inventor, teria estabelecido maquinas de vapor

Des Machines et de leurs effets, cap. xi. p. 133.

² *Das Maquinas, e seus resultados*, c. xv. Edição Inglesa.

para sorver a agoa , e alimpar a vasa , ou simplesmente teria adaptado á bomba o parafuso por Archimedes inventado para seccar as terras daquellas mesmas regiões.

Recorrendo á potencia do vapor, e das maquinas em vez do trabalho muscular do escravo , a sociedade moderna teria feito precisamente aquillo que reclamam os interesses da industria , e o respeito para a natureza do homem , isto é , o operar sobre a materia pelo intermedio da materia , como condição unica de successo, e reservar a intervenção do trabalho dos órgãos phisicos a não ser outra cousa mais do que a expressão da intelligencia, como na marcha do navio intervem a mão do piloto.

Assim tambem que enorme distancia entre o mundo antigo, e *parte* do mundo moderno sob o ponto de vista da producção das riquezas! Quem diz trabalho, presuppõe trez terminos, o objecto, ou o mundo material, o agente, ou o homem, o instrumento directo, e immediato, ou seus órgãos, e sua intelligencia, dupla força como dupla é a sua natureza. Mas bom é notar, que não tem sido pelo desenvolvimento do poder corporal, que as sociedades modernas hão feito maravilhas no campo da industria, e porêm sim pelo desenvolvimento do poder intellectual, o qual lhes procura energicos auxiliares para a grande obra da transformação do globo. Ora incompativel com a escravatura é este genero de desenvolvimento. Que incentivo levaria o escravo a dilatar a esphera de sua intelligencia? D'outro lado que força ha ahi bastante para mudar de di-

recção a marcha natural das cousas, que convida o senhor a votar desprezo ás artes mechanicas? Por isso quanto recurso, quanta potencia nas sociedades modernas existe, de que os Romanos nenhuma ideia tiveram, ou de que nunca curaram tirar partido por sua applicação em grande aos trabalhos da industria, e do commércio! Hoje um habitante da mais modesta classe social em França, em Inglaterra, ou no norte dos Estados-Unidos gosa de mil objectos da industria, e das artes, de que não podia gosar o povo-rei, á excepção de um diminuto numero de patricios. As sedas se vendiam em Roma antiga ao peso dos metaes preciosos, o que certamente provinha das enormes despesas de producção em consequencia da imperfeição dos processos industriaes, e da incapacidade dos obreiros. Plinio relata ¹, que os estofos de lã vendiam-se igualmente ao peso d'ouro; e por que se faça ideia justa da exorbitancia daquelle preço, releva lembrar, que o ouro, e a prata valiam então quatro vezes mais do que na epocha actual, conhecimento, a que os economistas tem chegado, tomando como medida de comparação o valor pouco variavel do trigo. A esculptura, e a architectura, que haviam sido importadas da Grecia, onde subiram ao vertice da perfeição, permaneceram sem desenvolvimento algum nas mãos dos escravos romanos. Nem uma só estatua romana existe, que merecer possa, não diremos a admiração, mas ao menos a attenção da posteri-

¹ *Hist. nat. c. xxxix.*

dade, por sua perfeita execução, com quanto tivessem os escravos excellentes modelos nas estatuas trazidas da Grecia para decorar os monumentos de Roma, como o Laokoon, o Gladiador, a Diana, o Apolo de Belvedero, e muitos outros primores do Grego sinzel. Os monumentos mais perfeitos, que de Roma remanescem, são todos devidos a artistas Gregos, e offerecem não pequeno contraste com os levantados pelos escravos Romanos, como por exemplo o arco de Constantino, a basilica de S. Pedro, e S. Lourenço, cujos mosaicos são tão mal concebidos, quão grosseiramente excutados.

Ao lado da imperfeição das artes, e sobre as ruínas da agricultura surgio um flagello terrivel, que trabalhou Roma em todo o decurso da sua difficil existencia, o flagello do pauperismo. Não quer isto dizer, que não existiam no paiz riquezas colossaes; mas essas riquezas adquiridas pela conquista, e pela oppressão não eram transformadas em capitaes para dar trabalho ao obreiro livre, e alimentar a industria; ellas eram pelo contrario improductivamente consummadas, servindo de pasto ao luxo dos Patricios, vicio commum a todos os povos possuidores de escravos. Pobreza geral das massas sociaes ao lado de um fasto desmedido, immoral, e insolente, era o vicio radical, que nos fins da republica solapava pelos alicerces o edificio balofo da cidade eterna. O plebeo do campo, uma vez substituido pelo escravo Barbaro, correo a Roma para engrossar no Foro as filas daquelle enxame de cidadãos deslustrados pela miseria, que alem do ar, e da luz do Sol tinham uni-

camente por cabedal o suffragio eleitoral, desgraçado cabedal, sobre o qual especulavam no rodopello das desavenças civis, vendendo-o ao primeiro chefe de facção! Privada do exercicio da agricultura, habituada pela constituição social a desdenhar a industria, e demais disso inibida pela natureza das cousas de entrar em concurrencia com os escravos, a plebe Romana só armou então ás munificencias do thesouro publico¹ a quem alimentavam as delapidações exercidas sobre os povos vencidos pelos pretores, e proconsules, para fazer face já as distribuições gratuitas de trigo, já aos jogos sanguinolentos do circo. *Panem et circenses!* Tal foi o grito geral dessa triste epocha de miseria, de ocio, de corrupção, e de desordem. Quem a iniquidade semea, não pode colher o bem; mal foi aquelle que a Providencia divina associou, como o abutre de Prometheo, á violação da lei universal da Ordem.

Nos tempos modernos o mesmo factó reproduz-se, sem mudar de phisionomia. Ha abi poucos homens no globo, que possam equiparar-se ao Hollandez em actividade, paciencia, e perseverança nos trabalhos da industria. Irrefragavel mostra desta verdade é a propria Hollanda de um solo tão ingrato, tão esteril, tão mal aquinhoado nos dons, com que a natureza mimoseou outros paizes, e quasi disputado polegada a polegada ao imperio das agoas. Todavia essa Hol-

¹ No fim da republica orçava a 320 mil o numero dos cidadãos que recebiam trigo gratuitamente do thesouro. (Dionisio de Halycarnasso, tom. II, p. 322.)

landa, graças ao maravilhoso industrialismo de seus habitantes, em uma epocha, que não está muito arredada d'aquella, em que vivemos, era o emporio, e a pedra do annel do mundo eommercial. Pois bem; o Hollandez, logo que deixa o solo natal para estabelecer-se nas colonias, onde a agricultura, e as artes meecanicas são o apanagio dos eseravos, torna-se outro homem; o eontaeto da escravidão nelle opera a mais repentina metamorphose; de industrioso, que era, muda-se em indolente, entrando-se de invencivel repugnancia para aprodução material. No Cabo da Boa-Esperança, o Hollandez jamais trabalha; até os individuos saídos das ultimas filas da ordem soeial e que por isso mesmo mais modestos deveriam ser, euidam deshonnar-se applicando-se á industria, e miram todos á posição mais alta do que aquella, eom que os sorteou a fortuna, logo que eonsequem a posse de eseravos, uniec alvo, á que atira a ambição dos eolonos, uniec fim de todas as eeconomias. Um viajante, que estudou attentamente as faeuldades industriaes deste paiz, não reparou em dizer, que o expediente uniec para fazel-o marehar na via dos progressos, seria o de povoal-o eom eolonias de Chinas¹. O estado da agricultura, e das artes é o reflexo fiel do torpor, e preguiça, em que jazem os habitantes. « A » charrua, de que se servem, é uma immensa, e » pesada maquina tirada por quatorse bois, que ape » nas raspa a superfiee do solo. Si os plantadores

¹ Barrow. *Viagem a parte meridional d'Africa*, tom. II, c. v, p. 202.

² *Idem.*

carecem de cordas, servem-se de tiras de couro; si carecem de linha, a substituem com fibras de veado; uma mistura de agoa, assucar, e fuligem de chaminé recebe da indolencia a missão de representar a tinta: graças ás consequencias da servidão domestica, o agricultor Hollandez conserva-se immovel no seio de todas as precisões da vida.»

Quasi insensivel é a differença das influencias geraes, que hão operado sobre o desenvolvimento da civilisação do Meio-Dia, e do Norte dos Estados-Unidos. A mesma origem, a mesma historia politica, e religiosa, os mesmos destinos sociaes, a mesma liberdade nas instituições, e nos governos, em o habitante de um, e outro lado da União. Entretanto todos os viajantes, que visitaram os Estados-Unidos, concordam em assignalar uma immensa distancia não só entre a capacidade industrial do homem do Sul, e do homem do Norte, como tambem entre o gráo de producção, e de riqueza dos Estados collocados nestas duas diversas latitudes. O clima do Sul é mais salubre, o seu solo mais fertil, e rico que o do Norte; apesar porèm destas vantagens naturaes o Sul offerece desmarcada inferioridade em prosperidade, e opulencia comparativamente ao Norte. «As leis das tarifas, diziam os habitantes de Carolina¹ em 1812, enriquecem o Norte, e arruinam o Sul, por que de outro modo como poder-se-ha conceber, que o Norte com seu clima inhospitaleiro, e seu solo arido augmente em riqueza, e

¹ Vede o Relatorio feito pela commissão.

» carecem de cordas, servem-se de tiras de couro ;
» si carecem de linha , a substituem com fibras de
» veado ; uma mistura de agoa, assucar, e fuligem
» de chaminé recebe da indolencia a missão de re-
» presentar a tinta : graças ás consequencias da ser-
» vidão domestica , o agricultor Hollandez conserva-
» se immovel no seio de todas as precisões da vida. »

Quasi insensivel é a differença das influencias geraes , que hão operado sobre o desenvolvimento da civilisação do Meio-Dia , e do Norte dos Estados-Unidos. A mesma origem, a mesma historia politica, e religiosa, os mesmos destinos sociaes, a mesma liberdade nas instituições, e nos governos, tem o habitante de um, e outro lado da União. Entretanto todos os viajantes, que visitaram os Estados-Unidos, concordam em assignalar uma immensa distancia não só entre a capacidade industrial do homem do Sul, e do homem do Norte, como tambem entre o gráo de producção, e de riqueza dos Estados collocados nestas duas diversas latitudes. O clima do Sul é mais salubre, o seu solo mais fertil, e rico que o do Norte ; apesar porém destas vantagens naturaes o Sul offerece desmarcada inferioridade em prosperidade, e opulencia comparativamente ao Norte. « As leis das tarifas, diziam os habitantes de Carolina¹ em 1812, enriquecem o Norte, e arruinam o Sul, por que de outro modo como poder-se-lia conceber, que o Norte com seu clima inhospitaleiro, e seu solo arido augmente em riqueza, e

¹ Vede o Relatorio feito pela commissão.

habitantes, os obreiros livres desaparecem em massa dos estados possuidores de escravos: a emigração dos primeiros está na razão da importação dos segundos¹. Elles affluem para o gremio dos infatigaveis Estados do Norte onde a industria longe de ser menospresada é precisamente a profissão do galarim. A mor das vezes o habitante do Sul nasce empregado publico, ou al para nada serve². O Americano do Norte, que escravos não possui, nasce agricultor, manufactureiro, negociante, artista; elle é quem leva a todos os pontos do globo as riquezas nacionaes, e traz as do globo para o seio da confederação; elle é quem affronta a flecha do Indio, e os horrores do deserto; são as povoações puras de escravos de Rhode-Island, Massachusetts, Connecticut, Pensilvania, New-Yorck, Ohio, etc., que hão comprehendido, e levado a effeito a assombrosa quantidade de obras hydraulicas, estradas, maquinas de vapor, bancos, fabricas, instituições uteis de toda a especie com fervor tal, que nestes ultimos annos vai disparando em um industrialismo febril: são ellas, que marcham em columna contra a Floresta, sua natural inimiga, que improvisam villas, e cidades como por encanto, e que agora mesmo, como si já o espaço lhes faltasse, estão avançando sobre as montanhas Pedragosas (*Rocky Mountains*) e apresentando o aspecto de um diluvio de industria, e de civilisação, que sóbe sem parar, e levanta incessantemente a mão do Creador. Para que mais precisa

¹ M. Charles Comte. *Tratado de Legislação*, tom. IV pag. 87.

² *Idem*, tome IV. pag. 3.

ideia façamos do caracter industrial do Sul, e do Norte, vejamos o que diz a este respeito M. de Tocqueville na sua admiravel obra acerca dos Estados-Unidos. « A servidão tão cruel para o escravo é ainda » mais funesta ao senhor. Esta verdade recebe a ultima confirmação, quando se chega ás margens » do Ohio. O Rio, que os Indios chamam por excellencia o Ohio, ou Bello Rio, banha com suas » agoas um dos mais magnificos valles, que o homem tem habitado. Sobre as duas ribas do Ohio se » espraiam terrenos ondeados, onde o solo quotidianamente offerece aos lavradores inexgotaveis thesouros : em ambas o ar é salubre, e temperado o » clima : cada uma dellas forma a fronteira limítrophe de um vasto Estado : aquelle que á » esquerda segue as mil sinuosidades, que em seu » curso vai descrevendo o Ohio, chama-se Kentucky; o outro, que lhe demora a direita, tomou o » nome do Rio. Os dois Estados somente em um » ponto se discriminam : Kentucky admittio escravos ; Ohio os repellio do seu territorio. O viajante, » que posto no meio do rio, deixa-se levar da corrente » até a sua embocadura no Mississipi, navega entre » a liberdade, e a servidão, e por pouco que lance » os olhos em derredor de si, ajuisa instantaneamente, qual das duas cousas é a mais favoravel á humanidade. No lado esquerdo divisa-se de » quando em quando uma banda de escravos percorrendo com ar morno, e descuidado terras quasi » desertas : a floresta primitiva re-apparece a cada » passo : dir-se-hia, que a sociedade dorme : o ho-

mem parece engolfado na ociosidade, e só a natureza offerece alli a imagem da actividade, e da vida. Do lado direito pelo contrario levanta-se um confuso bulicio, que proclama de longe a presença da industria; ricas seáras cobrem os campos; elegantes edificios annunciam o gosto, e disvellos do lavrador; de todas as partes a abastança se revela; o homem mostra-se contente; *elle trabalha*

Estes effeitos diversos da liberdade, e da servidão, continua M. de Tocqueville, facilmente se comprehendem: elles sobejam para dar conta da differença entre a antiga, e a moderna civilisação. Em Kentucki o trabalho naturalmente confunde-se com a ideia da escravidão; em Ohio com a dos progressos materiaes; degradado no primeiro Estado, é um titulo de honra no segundo. A natureza dotou tanto os habitantes de Kentucki, como os de Ohio de um character energico; diverso porém foi o emprego, que deram a aquella qualidade commum. O habitante de Ohio obrigado a viver á custa dos proprios esforços cifrou na prosperidade material o fim principal da existencia; e como o paiz, que habita, inexgotaveis recursos lhe offerece á actividade, e industrialismo, a sua paixão de adquirir riquezas ultrapassa as barreiras ordinarias da humana cubiça: atormentado pelo desejo de adquirir fortuna, torna-se indifferentemente navegante, manufactureiro, lavrador, supportando com uniforme constancia o affan destas differentes occupações. O Americano de Kentucki não só abhorrece o trabalho,

» mas ainda as empresas, cujo successo do trabalho
» depende; e só ama com paixão a caça, a guerra,
» os jogos violentos.
» Si quisessemos dar môr extenção a este parallelo,
» facilmente provaríamos, que a grande differença
» entre o Sul, e o Norte da União tira exclusivamente
» origem da escravidão¹. »

O habitante do Norte por um contrato bilateral paga um salario aos seus obreiros livres em permutação dos servicos productivos, que estes lhe fazem : o habitante do Sul pretende-se isento da paga d'aquelle salario, não remunerando o serviço do escravo : uma grande economia nas despesas da producção devia pois dahi resultar para os Estados do Sul. Levando sobre os do Norte a vantagem do trabalho gratuito do obreiro, parece ao primeiro intuito, que mais baratos deveriam ser os seus productos, e maior a criação das riquezas. Entretanto o contrario acontece. Os Estados servidos por trabalhadores livres, avultam á olhos vistos em prosperidade; os que consomem o serviço gratuito do escravo, offerecem o expectaculo inverso, e isto contra a ordem apparente dos principios. Jaz a agricultura do Sul no maior atraso; o uso da charrua é desconhecido da pluralidade dos Estados; a deterioração das terras pelos pessimos processos agronomicos é um facto attestado pelos viajantes, que estudaram aquellas regiões². As florestas são mais nu-

¹ *Democracia na America.*

² M. Michaux. *Viagem ao Oeste dos montes Alleghany*, p. 9. Hudson. *Carta a J. B. Say comparando o trabalho livre com o servil.*

merosas, mais vastas e densas no Sul, que no Norte; as madeiras de construção deveriam pelo tanto ser um artigo mais commum na primeira do que na segunda parte, tanto mais que é alli menos consummido em razão da mais quente temperatura. Pois bem; é precisamente o opposto. Das madeiras de construção dos Estados do Norte fornecem-se os do Sul para a edificação das casas. Nos paizes de grandes florestas, as madeiras só na presença de uma condição podem ter utilidade, e valor venal, isto é, quando existem faceis meios de transporte, por quanto o seu preço, que figura como um dos mais custosos artigos no orçamento da construção de uma casa, é até certo ponto o resultado das despesas do transporte. Ora o Sul por falta de industria em vez de abrir canaes, e estradas no interior de suas regiões, dá aos capitaes um outro destino, e por isso não nos devemos maravilhar si do Norte importa elle aquillo mesmo, que em suas florestas superabunda. E como não possa, diz M. Michaux, importar de New-Yorck, e de Philadelphia casas já feitas, e prontas, manda vir destes Estados com grande dispendio os obreiros livres, de que ha mister, visto que a escravatura é incapaz do exercicio das artes mecanicas¹. Aos obreiros livres são os habitantes obrigados a pagar não só os dias do trabalho, como tambem um premio de indemnisação pelo despreso, a que se resignam, trabalhando na terra dos escravos, e demais disso as custas da ida, e volta,

pois que uma vez a obra ultimada, os obreiros dão-se pressa a abandonar o Sul, para volver ás regiões não funestas á industria .

As substancias alimentares são no sul demasiadamente caras em relação ao Norte, onde a cultura tem feito infinitamente mais progressos. As terras do primeiro tem menos valor que as do segundo; a differença é quasi de metade². Bem simpleses são as razões deste facto. Primeiramente, duas circumstancias limitam a extenção de todo o mercado; de um lado a quantidade dos consummidores dos productos, doutro lado a somma dos meios para pagal-os. O total dos productos, que o trabalho cria annualmente, e traz ao mercado de uma sociedade deve ser comprado com a renda collectiva dessa sociedade, de modo, que quando a renda é limitada, a massa total do producto social não pode augmentar. Os productos da agricultura, como todos os productos em geral, não se compram senão com outros productos; a permutação por meio da riqueza, que temos, nos procura a que não temos. Ora o Sul para o consummo dos seus productos agricolas não contem, como o Norte, uma população industriosa, sendo a sua composta em grande parte de escravos; e como a escravatura produz por produzir sem realisar beneficio algum do seu trabalho, como forma uma massa miseravel de consummidores destituídos de toda a posse de productos, para effectuar permutação

² Charles Comte.

¹ *Carta de Hudson a J. B. Say.*

tações, como *consomme* o rigoroso necessario, unicamente para não desfallecer de fome, á similhaça de uma maquina, de uma especie de *tread-mill*, que obra sem fim intencional, e absorve a quantidade de oleo, e outros socorros necessarios á sua acção, por que a marcha se lhe não interrompa; dahi resulta, que o valor das terras, e o proveito do serviço dos capitaes empregados na sua exploração são menores no Sul que no Norte, onde a riqueza é distribuida por todas as classes, por todos os individuos em relação á sua capacidade productora, e á energia de seus esforços, e onde por consequencia mais abundam os productos destinados a ser permutados pelos da industria agricola. Em segundo lugar, releva notar, que o trabalho, que acompanhado do capital dá á terra o valor, que ella de per sí só não possui, é no Sul mais imperfeito e menor em quantidade que no Norte. A escravatura é um instrumento ruinoso de producção: o obreiro livre produz incomparavelmente mais que o escravo: do mesmo modo que a liberdade do trabalhador favorece a potencia da industria, e o desenvolvimento da riqueza, a servidão produz o resultado inverso. O *sensus communis* de todos os homens verifica, e confirma a experiencia feita nos Estados-Unidos.

A industria fez a sua appareição no mundo no dia, e na hora, em que o homem sentio a primeira precisão, como elemento condicional de sua existencia, aqual elle só poderia manter, pondo-se a braços com a natureza externa. Limitada, e circunscripta no principio, como limitado, e circunscripto era o cir-

culo das precisões naturaes, mais tarde ella seguiu em progressão igual a multiplicação infinda das creadas pela civilisação. Em relação ao mundo externo a industria não figura só como uma potencia, mas tambem, e principalmente como uma necessidade. Supprimí pelo pensamento a necessidade de trabalhar, e tereis supprimido toda a industria, e com ella a civilisação. Ora o trabalhador do Sul não pertence a sí mesmo, não leva nos trabalhos fim, e intenção alguma, não tem diante de sí futuro, nem dia d'amanhã; trabalhe muito, ou pouco, elle sabe, que o proprietario tem obrigação de nutril-o no seu proprio interesse, que a sua ração está medida como a do boi da charrua, qualquer que seja a extenção dos seus esforços: não sendo por consequencia influido por algum dos incentivos, que empuxam o homem ao trabalho, abandona-se completamente ao pendor da inercia, e da preguiça, torna-se uma maquina obstinada, uma maquina difficil a conduzir. Os golpes do asurrague são inefficases meios para substituir os estimulantes naturaes do trabalho: a experiencia de todos os dias tem mostrado, que o escravo acaba por habituar-se aos supplicios os mais duros. O obreiro do Norte é seu proprio fim, tem uma personalidade, resultado de sua intelligencia, e moralidade; elle não produz por produzir, e porêm sim para viver, para arredar a miseria de sí, e de sua familia, para melhorar o seu destino, para gozar, para desenvolver-se, para representar o papel, que nesta curta viagem do homem pelo globo a Providencia marcou a cada individuo. O mais alto inte-

resse convida pois o obreiro livre a applicar todo o seu zelo, actividade, e intelligencia á obra da producção na certesa, que a maior, ou menor somma de trabalho por elle feita implica augmento, ou diminuição nos seus proprios lucros. O escravo produzindo sempre para o senhor, e nunca para sí, trabalha o menos que possivel é, e de industria procura causar ao proprietario todos os generos de perdas.

Quer na quantidade dos productos, quer na sua qualidade; quer na industria agricola, quer na manufactureira o trabalho do obreiro livre é superior ao do escravo. Mas é mormente na producção manufactureira, que um abismo de differença separa o primeiro do segundo. São os productos da agricultura em grande parte a obra da natureza, aqual mais, ou menos faz o seu dever, por imperfeito que seja o processo do lavrador : os productos das manufacturas sendo essencialmente devidos ás varias especies de transformações, que á materia primeira imprime o obreiro, são pelo contrario criação do homem, si é que nos é licito usar de similhante metaphora, e requerem por consequencia mais que tudo aquella intelligencia, habilidade, e zelo, de que é absolutamente incapaz o escravo Africano, não só pela desgraçada conformação do seu craneo, como pelo embrutecimento, e má vontade inseperavel da condição servil, que o impedem de levantar-se acima de uma estúpida rotina, e de applicar á producção outro trabalho alem do physico, maquinal, esclarecido apenas de um pallido reflexo de intelli-

gencia . E quando mesmo , por uma assombrosa anomalia elle tivesse de um James Whatt , ou de um Bolton a potencia intellectual , forcejaria por escondel-a aos olhos do proprietario , e por não empregal-a no seu serviço , não redundando semelhante emprego em vantagem alguma individual.

O obreiro livre para não succumbir na concorrência dos outros da mesma especie , cura de dar a seus órgãos aptidão , e destresa , e a seu espirito a maior capacidade techniqua , tanto mais que sabe , que por este meio se enriquece de um duplo capital , capital tão verdadeiro , e tão real , como as maquinas , as materias primeiras , e o numerario do empresario de industria , que o assalaria.

De todos os elementos , sobre que reposa a economia das manufacturas , o mais importante , talvez , é a divisão do trabalho entre os obreiros , que concorrem

⁴ A estas causas da supina estupidez do escravo devemos ajuntar que o Sul da Uniao Americana ha vedado por leis violentas , e severas a instrucção dos seus escravos . Singular situação , ainda que consequencia logica de um máo principio ! O estado de Carolina por uma lei promulgada em 1800 pune com 20 açoutes o escravo encontrado em uma aula de instrucção primaria ; e uma multa de 100 dollars 120 : 000 rs. é inflingida por uma outra lei do mesmo estado ao mestre , que ensinar á ler , e escrever ao escravo . Em 1821 Virginia adoptou uma lei concebida no mesmo espirito , e prohibindo a reunião de escravos em uma escola , com o fim de apprender á ler , e escrever , sob pena , em caso de violação da lei , de vinte açoutes , pena pronunziata por um simples juiz de paz . A legislação de Carolina do Norte pune o mesmo crime com 29 açoutes , e condemna o mestre , ou aquelle , que vende Biblias á escravos , á pagar a multa de 500 dollars , 600 : 000 rs. Em Georgia a cifra da multa é idêntica , e idêntico o numero de açoutes , com que se castiga o escravo .

á producção de um mesmo artigo. Elle economisa o tempo, que inevitavelmente perderia o obreiro, passando de uma á outra occupação, e servindo-se successivamente de instrumentos differentes : aperfeiçoa, e multiplica rapidamente os productos, applicando exclusivamente a intelligencia do obreiro á uma operação simples, e dando lhe aos órgãos, pela frequente repetição dos mesmos actos, uma celeridade, e dextresa, a que nunca chegaria aquelle, que a um tempo executasse trabalhos de genero diverso, e variado. Ora incompativel é com a escravatura a divisão do trabalho.

Ella pre-suppõe no obreiro bóa vontade, e desejo de dilatar a sua capacidade productôra, desejo que jamais assoma no espirito do escravo. Ainda que milhoens de vezes repita a mesma operação, a ultima vez assimilhar-se-ha á primeira na falta de agilidade, e imperfeição da cousa produzida, observação esta, que induzio M. Charles Comte a avançar, que todos os escravos dos Estados-Unidos reunidos de concerto aos das colonias Europeas não poderiam jamais fabricar um bom alfinete¹. Em fim não necessitamos de insistir sobre estas ideias, quando é geral o clamôr em toda a America² con-

¹ *Trat. de Leg.* tom. IV, pag. 276.

² Não é so na America, que o escravo mostra-se preguiçoso, e incapaz para o trabalho. Os servos da Russia não tem igualmente alguma das qualidades, que constituem o bom trabalhador; e as terras por elles, cultivadas dão uma renda incomparavelmente menor que as cultivadas por camponeses livres. M. Storck estimavel economista Russo, depois de ter provado com varios exemplos, o quanto em seu paiz é a cultura livre superior em vantagens á cultura servil, prosegue nos seguintes termos

tra a incapacidade, reluctancia, preguiça, e vida desordenada de escravos. Até aqui havemos accettato a hypothesis de ser com effeito gratuito para o proprietario o serviço do escravo; mas esta illusão, que domina o fundo do espirito dos Americanos do Meio-Dia da União, desvanece-se diante o mais leve sopro da analyse. Si de um lado aos escravos não pagam salario, d'outro lado fazem um dispendio de natureza mais ruinosa, o qual se compõe dos seguintes artigos:

1º Os fundos accumulados dispendidos na compra dos escravos. Sobe o numero dos escravos ora existentes nos Estados-Unidos á 2,009,000; Computado á 250:000^{rs} o valor medio de cada um, representará o computo adicional feito sobre o total da escravatura a quantia de 502,250,000,000^{rs}. Assim entretanto que o Norte em salarios dispense

« Si apesar de todos os estimulantes prodigalisados desde seculo e meio com o fim de animar a industria, esta tão poucos progressos tem feito em nosso paiz; si laboramos na carestia, já não digo de manufacturas, mas ao menos de obreiros nas officinas as mais communs, e de primeira necessidade, si os nossos operarios trabalham pela mor parte com instrumentos imperfeitos; si a divisão do trabalho é quasi nulla; alfim si os productos da nossa industria são inferiores aos do estrangeiro na qualidade, e quantidade, deve-se disso accusar a escravidão. É ella a principal causa, que na Russia comprime as molas da industria, e o maior obstaculo á riqueza, que os povos podem encontrar. Quando de riqueza fallo, entendo a riqueza nacional, e não a de alguns individuos. Todos os paizes possuidores de escravos contam ao lado de uma innumera quantidade de pobres alguns proprietarios immensamente ricos; mas esta desigualdade de fortuna é um outro mal politico, e antes condemna, do que justifica o princio da servidão.» (*Curso de Economia politica*, tomo III, p. 184 e 185.)

1 M. Baumont. *Esclavage aux États-Unis*, t. II, p. 229.

gradualmente os valores accumulados, o Sul é obrigado a embeber de uma só vez na escravatura aquella enorme copia de capitaes. Ora não é indifferente para a industria, e para a riqueza social a diversidade d'estes dous methodos de obter o serviço do obreiro. O Norte pagando ao obreiro livre por dia, por semana, ou por empreitada, conserva livres as suas riquezas para applical-as á producção, e ás empresas, que fazem gradar a publica prosperidade, como estradas, canaes etc. etc. O manufactureiro do Norte emprega os fundos, que á aquisição de escravos destina o manufactureiro do Sul, em materias primeiras, e instrumentos, reservando taõ somente uma fraca parte em numerario para paga dos obreiros: outro tanto faz o lavrador do Norte, que consagra todas as economias a agricultural, e a bemfeitorizar a maior quantidade possivel de terras. É verdade, que no fim de uma certa epocha haverá equação entre a cifra, que representa os capitaes consumidos debaixo da forma de salarios, e a cifra dos valores empregados na compra dos escravos. Mas não é igualmente menos certo, que quando chega aquella epocha, as sociedades do Norte se hão enriquecido com os beneficios, que, no intervallo, lhes procurara a applicação dos seus capitaes aos trabalhos productivos. A escravatura assimilha-se á aquillo, que os economistas chamam *capital fixo*. Ora toda a economia feita sobre as despesas de um capital fixo, quando ella não diminua a potencia da producção, deve augmentar os fundos, que põem a industria

em actividade, e avultar por consequencia o producto annual da terra, e do trabalho, principaes fontes do redito de todas as sociedades.

2º O interesse annual da somma empatada na escravatura, o qual calculado a 5 p. % nos Estados-Unidos monta á 25,112,500,000^{rs}.

3º O premio de seguro pela vida do escravo supputado sobre o termo provavel de sua duração. Assombrosa é a mortalidade dos Africanos importados na America. Fixam uns á 6, outros á 7 p. % o numero dos negros, que a morte ceifa cada anno nas plantações americanas. O premio de seguro deve pelo tanto ser assás alto, por que renove os fundos perdidos com a vida do escravo.

4º As despesas da mantença, vestidura, e cura das molestias.

5º As perdas de serviço productivo, que soffre o proprietario, quando o escravo por enfermo, ou por velho não pode trabalhar. «Nada ha aqui tão » frequente (diz M. de La Rochefoucault, fallando » de Maryland) como ver-se um proprietario de » 50 escravos não poder empregar 30 nos trabalhos » da plantação. 10 obreiros livres fariam pelo menos » um trabalho igual' »

Antes de por remate á estas observações acerca dos Estados-Unidos, cumpre que não passemos por alto um facto assás notavel, e significativo, originado pela escravatura; queremos fallar da desigualdade do desenvolvimento numerico dos habitantes entre o Meio-Dia, e o Norte da União. O progresso

1 3ª parte, tom. IV, pag. 85.

da população sobre-modo rapido no Norte, é vagaroso no Sul, onde offerece o traslado do lentor, com que allí caminha a industria. De 1790 á 1830 os Estados-Unidos mais de uma vez pararam no meio da carreira para tirar conta dos seus ganhos em população, e mais de uma vez deram fé d'este resultado importante, que os Estados proprietarios de escravos são superados no accrescimo da população pelos Estados servidos por obreiros livres. — Para abonar este facto invoquemos alguns exemplos.

Em 1790 possuia Kentuki mais de 61 mil habitantes; Ohio ainda não existia ; foi fundado doze annos mais tarde, que o Estado de Kentuki. Em 1830 era a população deste ultimo de 522,704 habitantes, entretanto que na mesma epocha possuia Ohio 937,903, sobrepojando por consequencia a Kentuki em 415,199 habitantes.

Mais quantiosa, que a de New-York, era a população de Virginia em 1790 ; orçava então o numero de seus habitantes á 454,183, quando New-York só contava 318,796. Volvidos quarenta annos, appareceu um resultado inverso : em 1830 Virginia tinha 741,654 habitantes, e New-York 1,918,534. New-York, que apenas 10 representantes dava ao Congresso Federal. quando Virginia dava 19, conta allí hoje 40, e Virginia somente 21. Tal atraso no augmento dos habitantes desfalca de dia em dia aquella antiga preponderancia de Virginia sobre a Federação, que lhe acareara a gloria de ter fornecido a Republica de quatro Presidentes.

O Estado de Maine era inferior em população ao

de Carolina do Sul em 1790 ; constava a do primeiro de 96,740 habitantes, e a do segundo de 141,979. Na segunda epocha, que tomamos por termo de comparação, Maine continha 399,955 habitantes, e Carolina do Sul 265,784¹.

Si este mesmo parallelo applicarmos a todos os Estados do Sul e do Norte, alcançaremos sempre uma resulta identica, á que acabamos de assignalar. Mas qual é a causa d'este effeito? — Por que mecanismo pode a escravatura empecer o livre desenvolvimento da população? — Para sua solução, esta questão ha mister. que remontemos ás leis geraes, que regem o augmento, e a diminuição da população.

A raça humana encerra em sí grande tendencia á reproducção, e uma prodigiosa força prolifica. Mettendo em linha de conta os casos de celibato, viuvez, esterilidade, morte de fetos, e outros accidentes, tem-se calculado (termo medio) seis filhos para cada familia, como uma possibilidade incontestavel, e um dado innegavel, podendo-se por isso affirmar, que si por ventura as circumstancias exteriores marchassem em harmonia com as disposições physicas do homem, em curto tracto de tempo se multiplicaria a população de cada paiz, em 10, 15, 21, ou 25 annos, pouco importa. Mas quaes são as resistencias exteriores, que atalham este rapido desenvolvimento da especie humana? Os limites dos meios de subsistencia. A população nume-

¹ Veja-se á respeito da população nos Estados-Unidos as tabellas statisticas inserta na obra de M. de Baumont, Marie, ou *l'Esclavage aux États-Unis*, tom. II, pag. 251.

rica de cada paiz está invencivelmente subordinada á quantidade dos productos necessarios para satisfazer-lhe as precisões. Indifferente é para o que affirmamos, o saber, si é exacta, ou não, a famosa theoria Malthusiana na parte, em que pretende, que a população se multiplica em progressão geometrica, como 2, 4, 8, e as subsistencias em progressão arithimetica, como 1, 2, 3, etc. O que anda fora de toda discussão, é que a producção das riquezas constitue a medida da população, ou que a segunda se multiplica na razão da primeira. Si infinitas fossem as subsistencias em um paiz, ningem poderia calcular o ponto, em que cessaria de realizar-se o accrescimo virtual da população: a multiplicação infinita dos productos multiplicaria infinitamente os consumidores d'esses productos.

Mas esta hypothesis é um brinco da imaginação: os meios de subsistencia são pela natureza das cousas limitados, e a somma de obstaculos, que offerecem á população, é como o quadrado da rapidez, com que esta tende a crescer, de sorte que as resistencias ao seu augmento obram realmente como aquellas, que ao movimento dos corpos oppõem os meios, que elles atravessam. Todas as outras causas, que na opinião popular parecem ter decidida influencia sobre a população, não a tem realmente. A peste, as epidemias, as guerras, os desastres sociaes sobre ella exercem uma acção imperceptivel, insignificante, por que a virtude prolifica da especie humana tende com rapidez admiravel a encher os vacios feitos por aquellas calamidades, até que o numero dos

recrutas toque as balisas postas pelos meios de subsistencia. Assim tem-se visto (e a este respeito numerosos são os exemplos) populações estacionarias decimadas por epidemias horrorosamente mortiferas a ponto de ceifar o quinto dos habitantes do paiz, multiplicar-se em progressão geometrica, uma vez cessada a epidemia, e reparar em curto praso as perdas soffridas, mas conservar se estacionarias como d'antes, logo que este resultado teve logar isto é, logo que entre a producção do paiz, e o numero dos habitantes restabeleceo-se o equilibrio. D'outra parte longa serie de observações tem feito vêr. que os estimulantes artificiaes empregados com o fim de avultar a população, como hospitaes, casas de engeitados, instituições hygienicas, premios pecuniarios para casamentos, não surtem o desejado effeito. Alguns d'estes meios produzem, sim, o precioso beneficio de melhorar a condição das sociedades. prolongando o termo medio da vida dos habitantes : elles são vantajosos neste sentido, que conservam a população no numero exigido pelo principio inexoravel das subsistencias, por uma mais longa duração media da vida, e não por renovamentos mais frequentes : mais val que um logar no mundo seja occupado durante 46 annos por um só individuo, do que successivamente por dous, cada um dos quaes viva 23 annos. Quanto porêm á quantidade absoluta dos habitantes, elles a não augmentam de um só homem.

Ora d'estes principios, que pela natureza circumscripção d'este artigo somos obrigados a apresentar de uma maneira geral, e despida de provas, resulta, que

o meio unico, em que um paiz de-se cifrar as esperanças de augmentar a sua população, é o de dar incremento á industria, e á producção das riquezas. Quanto maior for a abundancia da prosperidade material, e melhor regulada *a sua distribuição*, tanto maior será o desenvolvimento numerico da população : o fim se proporcionará exactamente aos meios. É de observação, que uma estrada, um canal fazem medrar a população : simples é a explicação d'este facto : o canal, e a estrada diminuindo consideravelmente as despesas do transporte, baixam o preço dos productos, os põem ao alcance de maior numero de consumidores, estimulam a producção, augmentam a publica abastança, e com ella a população. A differença por tanto entre o Sul, e o Norte dos Estados-Unidos relativamente á marcha da população tira origem da copia maior de productos do Norte confrontado com o Sul. Ora como igualmente vimos, que a escravatura tolhe o largo desenvolvimento da industria, e da riqueza, então em nome do senso commum, e autorisados pela observação dos Estados-Unidos metteremos tambem na lista dos mil inconvenientes da escravatura o de embargar o accrescimo da população, accrescimo, que quando acompanhado de certas condições, é a principal causa da força, e da potencia dos Estados. Entretanto em opposição ao que avançamos, poder-se-hia dizer: « No Sul, bem como no Norte da União, a ninguem fallece o pão, ninguem é excluido do banquete social, como acontece ao misero Irlandez, o Ilota da Inglaterra protestante, e mais razoavel se-

» ria attribuir a inferioridade do Sul em população á
» que as emigrações Europeas dirigem-se principal-
» mente para os Estados do Norte. » É verdade, que a
escassez de subsistencias, que abrevia a vida dos
habitantes, não pesa sobre classe alguma nos Esta-
dos-Unidos, tanto mais que em these geral o ho-
mem pode supportar grandes privações antes de
succumbir; nenhum ente organizado pode com elle
rivalisar na faculdade de soffrer. por que nenhum
possue a energia de sua vontade, e as illusões de
suas esperanças. Mas entre o rigoroso necessario
para viver, e o necessario para viver commodamente,
e manter uma familia, medeia amplo inter-
vallo occupado por uma numerosa classe social,
aquem a previdencia, e a moralidade impõem a
necessidade de coacção: oscillando entre as tenden-
cias naturaes, e as previsões racionaes, mas compre-
hendendo ao mesmo tempo as condições do casa-
mento, ella acaba por resignar-se ao celibato. Em
o paiz onde a producção anda restringida á estreit-
tas dimensões, onde não são faceis os meios de vida,
o numero dos individuos comdenados a renunciar
aos prazeres do casamento, e a mostrar-se avaros
de filhos, é incomparavelmente maior do que n'a-
quelle outro paiz, que por sua industria, e rique-
zas distribue á cada habitante um mais largo quinhão
de prosperidade.

Quanto á importação de colonias Europeas, ella
de modo algum pode explicar a differença da mar-
cha da população. M. Warden³ na sua Descripção

³ Tom. V pag. 104. Jean-Baptiste Say. *Cours complet d'économie politique*, tom. V, pag. 315.

dos Estados-Unidos estima á 4,000 o numero de Europeos, que annualmente vem estabelecer-se nos diversos Estados da União : de 1808 á 1829, espaço que comprehende 21 annos, haviam emigrado para o seu seio 84 mil colonos. Ora durante este mesmo periodo a população duplicou-se de 5 milhões de habitantes, e por consequencia sem a vinda de um só Europeo ter-se-hia duplicado do mesmo modo em 21 annos, mais 4 ou 5 mezes, differença pouco sensivel no resultado geral da população.

Assim é obvia a injustiça de Carolina, quando enfiando os factos a seu modo, queixava-se de que ao Sul, ao Jardim da America mingoava a potencia, por servir de pedestal á grandeza, e á fortuna do Norte. Si os Estados do Norte mais ricos, mais povoados, mais poderosos são que os do Sul, é por que são mais dignos de o ser, é por que na ordem das cousas d'este mundo a palma da riqueza, e da potencia pertence de direito á capacidade, á energia, e á moralidade. Livres do laço metropolitano, os habitantes do Norte, como os do Sul marcharam de companhia ao clarão da bella estrela, que se lhes levantou sobre o horizonte, para explorar o vasto continente, em que nasceram, com esta differença porém, que os primeiros marcharam armados do machado, e do martelo, entretanto que os segundos sótiveram o azurrague por instrumento de industria. Certo que são as regiões do Sul o Jardim dos Estados-Unidos, mas Carolina olvidava de metter em linha de conta, que são as arvores d'esse Jardim regadas com o suor do escravo, suor venenoso, que

as impede de florescer, ao mesmo tempo que a terra do Norte, dado que com ella a natureza se mostrasse um tanto esquivosa, rende-se todavia aos esforços engenhosos, e perseverantes do trabalhador livre, e lhe accode com os seus thesouros. É unicamente o trabalho esclarecido do homem, quem as riquezas cria, quem imprime valor aos objectos que o cercam; sem elle as mais favorecidas regiões do globo nenhuma vantagem, e utilidade accareariam á existencia da raça humana. A pobreza, e a miseria lavram na bella, e ferrosa terra da Italia, quando a opulencia brilha debaixo do céu desabrido, e severo, que balanceam as pallidas ondas do Tamisa¹.

Quantas differenças deixamos acima estabelecidas entre os diversos Estados de uma mesma nação, segundo que possuem ou não escravos, podereis applicar á America Hespanhola. Olhai para Cuba, e Porto-Rico. Durante vinte annos o trafego de Africanos feito com incrível actividade sob o pavilhão Hespanhol dava por resultado immensa importação

¹ Alem da escravatura, o Sul tem que precaver-se contra um outro mal, a presença dos numerosos negros libertos em seu territorio. Afim de varrer o solo desta ruim laia de população, uma sociedade de colonisação fundou em 1820 na costa de Guiné ao 7º gráo de latitude Norte, um estabelecimento com o nome de *Liberia*. No principio de 1834 trez mil negros continha a colonia, resultado este em verdade pouco satisfatorio, quando se considera, que nos quatorze annos, que decorrem desde a fundação de *Liberia*, nasceo nos Estados-Unidos uma quantidade de escravos passante de 700 mil. A sociedade de colonisação tem calculado o transporte de cada liberto á 38 dollars (reis 38400). Ora que grandissimo dispendio não é mister fazer, para eliminar a raça negra, quando os nascimentos enchem por um lado o que a colonização vasa fora pelo outro.

de escravos em Cuba, onde um extenso commercio produziu massas de capitaes, que acharam emprego na revoltante especulação. Quanto a Porto-Rico, durante aquelle mesmo tracto de tempo conservou-se puro do trafego fatal; não existiam no paiz fortes capitalistas, e nem mercadejantes em escravos. D'outro lado não havia tambem vantagem em importal-os, visto que seu trabalho não podia sustentar concurrencia com o dos obreiros livres. D'esta diversidade de situação dimanaram consequencias differentes para um, e outro paiz. Identica á do Sul dos Estados-Unidos é a historia industrial de Cuba, entretanto que Porto-Rico distingue-se por sua actividade, intelligencia, industrialismo, e o que mais é, offerece cabal desmentido á opinião sustentada pelos proprietarios de escravos, que o Sol dos tropicos inhabilita o colono livre para os trabalhos da agricultura. O Coronel Flinder, em cuja obra acerca do estado actual de Porto-Rico abundam os factos em favor do systema do trabalho livre, attesta que as producções de Porto-Rico, como o café, o assucar, o tabaco, o anil, são quasi em totalidade o fructo da industria dos colonos europeos, e dos cultivadores livres do paiz. Em 1832 o cultivo da cana produziu 414,717 quintaes de assucar (cada quintal de 112 libras inglesas), e segundo o Coronel Flinder os dous terços desta quantia foram produzidos por braços livres: sobre o total de 250:000 quintaes de café colhidos no mesmo anno, apenas 20:000 foram devidos ao trabalho servil. « Com o vol- » ver do tempo, diz o Coronel Flinder, a cultura dos

» productos coloniaes tornar-se-ha menos dispen-
 » diosa, mais proficua, e incontestavelmente mais
 » humana pelo emprego de colonos livres de prefe-
 » rencia aos escravos. Fiz disso experiencia sobre
 » uma plantaçãõ de café, que me pertencia; ví en-
 » saios da mesma natureza tentados sobre plantações
 » de anil (os dous ramos da agricultura colonial os
 » mais penosos, e insalubres), e sempre de minhas
 » observações deprehen-di ser menos dispendioso o
 » empregar homens livres do que escravos. »

Vede a differença que lavra entre Caracas, e Aragua, Carora, e Merida. Em Caracas povoada de de escravos, e cujas reminiscencias inspiram tanto horror, as classes livres, por um falso sentimento de orgulho de modo algum se applicam ás artes mechanicas, e como estas sejam exclusivamente devolvidas aos cuidados dos escravos, os homens de baixa condiçãõ para furtar-se ao desprezo, dão-se á profissãõ menos deshonorosa de recorrer á caridade publica. De 50 mil habitantes, que contem Caracas, 3 mil constam de mendigos⁶. Si desgostoso do miseravel espectaculo da indolencia deste paiz, o viandante sobe ás montanhas de S. Pedro, que separam Caracas dos bellos valles de Aragua, e dahi desce á villa do mesmo nome, que demora na parte oriental do Lago de Valença, onde não existem senhores, nem escravos, cuida-se transportado para o seio de um povo totalmente differente.

⁶ Depont. *Viagem a parte meridional de Terra Firme*, t. III, c. x, pag. 108.

« Allí, diz Depont¹, vê-se os productos coloniaes
 » cultivados com summa perfeição, moinhos d'agoa,
 » edificios suberbos destinados ao fabrico, e prepa-
 » ração dos mesmos productos. Cumpre-me ajuntar,
 » que obreiros livres, pagos a jornal, executam os tra-
 » balhos os mais afanosos, e que a riqueza, o aceio,
 » os bons costumes de todos os lados resplendemem.»

Outro tanto, diz M. de Humboldt de Carora, situada á 10 grãos somente do Equador, e de Merida, sob o outavo gráo e 8 minutos ao Norte, villas estas florecentes ambas na agricultura, e ambas estremes da servidão domestica².

Desnecessario julgamos o ir por diante, continuando a amontoar aqui quantos exemplos tirados de alheias nações existem a este respeito, e que tão numerosos se deparam. Os factos citados sobejam, a nosso ver, para comprovar o asserto estabelecido no principio deste artigo; e aos partidistas do trabalho servil dirigimos um desafio solemne, para que nos mostrem um só povo possuidor de escravos, que podesse medrar na industria, e nas artes uteis. Aquelle asserto recebe nova confirmação do que infelizmente no Brasil observamos. Qual é a razão, por que o Brasil, que com tão largos passos ha progredido na carreira da vida politica, é ao mesmo tempo um dos paizes mais atrasados na industria? Por que tanta differença entre o Brasil politico, e o Brasil industrial? Favorecido no seu desenvolvimento poli-

¹ Id. tom. III, cap. x, pag. 150.

² *Viagem as regiões equinoxidas*, t. V, liv. v, cap. 15.

lico pelas mais favoraveis circumstancias, herdeiro dos fructos elaborados na longa civilisação da Europa, e da sua experiencia tão caramente adquirida, sem ter que lutar com as resistencias do passado, amparado pelas florestas de um lado, e pelo Atlantico do outro contra a ambição estrangeira, o genio do Brasil tem realisado em um pequeno numero de annos aquillo, que á velha Europa custou largos seculos de dolorosas tentativas. O seu desenvolvimento industrial porêm foi retardado pelo monstruoso corpo extranho implantado no coração de sua organisação social. A posse de escravos nos tem evidentemente impedido de trilhar a carreira da industria. Vede as consequencias da escravatura! A sede dos publicos empregos, e a esquivança para as proffissões industriaes são factos mui geraes entre nós, e que amiudadas vezes hão sido assignalados pela administração, como uma grave enfermidade do corpo politico. O negociante, que pelas economias feitas sobre os beneficios realisados no seu commercio accumulou um certo cabedal, nenhum outro destino dá na generalidade dos casos aos seus filhos á não ser a carreira dos cargos do Estado. Os filhos uma vez empregados publicos consommem improductivamente riquezas, que empregadas sob a forma de capitaes no engrandecimento do commercio paterno, lhes procurariam posição mais util á sí, e á prosperidade material do paiz. O rico lavrador envia o filho estudar nas capitaes illustradas da Europa não sciencias, que relação tem com a agronomia, e lhe prestam indispensaveis luzes, mas sim

aquellas, á que os prejuizos, e o desprezo da industria sobem dar certo verniz de aristocracia. Para que o mercador dedique o filho ao seu proprio estado, é de mister, que inteiramente desvalido seja dos meios da fortuna; na hypothesis contraria as escolas de S. Paulo, e Olinda o aguardam. Si d'estas classes volvemos á aquellas, que vivem entre a pobreza e a riqueza, não deparamos com menor aversão para as proffissões industriaes, e nem menos gana dos empregos publicos, empregos, que em muitos casos não podem rivalisar em lucros, com os que promette a mais tenue, e modesta industria, a qual alem disso nenhum sacrificio requer da independencia individual, entretanto que os empregos publicos (digamo-lo de passagem) o mais das vezes implicam como condição de successo, e de duração o ministerialismo systematico, especie de antropomorphismo, singular especie de culto, que não tem superstição, por que cessa quando o ministro caie, que não tem fanatismo, por que muda de dogma, quando o ministro muda de systema, religião de medo para uns, de respeito para outros, e de abdicção de liberdade para muitos. D'esta tendencia dos espiritos nasce a penuria de capacidades agronomicas, fabrís, commerciaes, e artisticas, em que labora o Brasil; dahi uma das razões do deploravel atraso material da pluralidade de nossas Provincias. Ora com o menospresar os trabalhos uteis, nós parecemos não conceber o espirito, e as necessidades do seculo, em que vivemos. O mundo do seculo XIX admite, e comprehende tudo; compre-

hende a jurisprudencia, a guerra, a religião, a philosophia, o bello da poesia, e das artes : elle é susceptivel de veneração, de admiração, e até de enthusiasmo para Napoleon, Willberforce, Byron, David, e Hegel, mas por momentos, quasi sob a forma de distracção. Sua idea fixa porêm, a ideia fixa de todo o mundo não éahi, que se cifra; o pensamento dominante está em outra parte. As sociedades modernas são essencialmente productoras, industriaes, votadas ao accrescimo da riqueza. O mundo moderno com suas estradas, canaes, caminhos de ferro, com suas engenhosas officinas, maquinas de vapor, bancos, instituições industriaes de todos os generos, apresenta o aspecto de um vasto *bazar*, e de uma immensa fabrica. Na hora, em que traçamos estas linhas, a industria, conquistadora irresistivel, tem tudo invadido na Europa. No asilo do cenobita fia-se algodão; as torres cedem o logar as chaminés das maquinas de vapor; a igreja gothica é transformada em armase, a solidão dos bosques turbada pelas pancadas do machado do forneedor das fundições; alfim os fornos, o fumo, os cyclopes expelliram desapiedadamente o caçador aventureoso, e o pio solitario.

Pela sua influencia soporifera sobre as faculdades industriaes dos proprietarios obra sem duvida a escravatura como um grande mal; mas neste ponto não se esgotam as suas consequencias relativamente á riqueza, e prosperidade do paiz. Em resumo; a escravatura apoz de sí arrastra os seguintes inconvenientes : 1º a inercia das classes livres; 2º a

difficuldade da emigração dos colonos Europeos, que de modo algum se querem expor a concorrer com escravos ; 3º a impossibilidade do uso das maquinas ; 4º o estado de pobreza da nação , pela limitada producção , e pela imperfeição dos productos, resultado da indolencia , e incapacidade do escravo ; 5º a lentidão da marcha da população.

F. S. TORRES-HOMEM.

REFLEXOENS

SOBRE O CREDITO PUBLICO,

E SOBRE

O RELATORIO DO MINISTRO DA FAZENDA.

Poucas questões ha em economia politica tão simples, e de uma solução tão facil, como as do credito publico : em troco porê m , e como por uma especie de compensação ha tambem poucas, sobre que as opiniões tenham sido tão diversas, e tão extravagantes. No começo de toda sciencia o espirito humano á verdades positivas mescla o maravilhoso; a sciencia das finanças não escapou ao destino common. Era com effeito difficil cousa o descobrir o maravilhoso nos impostos; a difficuldade de sua percepção, os queixumes, que excitam da parte daquelles, que os pagam, deixam pouca carreira aos sonhos da imaginação. Mas que vasto campo de milagres não parece abrir o credito! Sommas immensas procuradas como pelo movimento de uma vara magica, uma divida, cujo peso desapparece pela multidão dos devedores, fortunas novas formadas pela criação dos fundos publicos, alfim tudo concorre á seducción, e aos prestigios. Assim os escriptores, que apprehenderam o elogio do credito, não se mostraram avaros de enthusiasmo, e de hyper-

boles, e gabaram esta nova fonte de thesouros, como outros, em mais remotas epochas, celabraram as nossas minas, e as do Perú. E para que a sciencia das finanças não deixasse de ter, como todas as outras, seus paradoxos, chegou-se a crer, e a sustentar, que um Estado se enriquecesse pela via dos emprestimos, e que as dividas publicas são para os povos uma rica mina de prosperidades. Não foi unicamente entre escriptores obseuros, que esta these singular encontrou defensores. Lede o engenhoso *Pinto* : elle vos ensinará, que as dividas publicas lançam na circulação uma nova sorte de bens, multiplicam o numerario, augmentam os capitaes, tornam mais faceis os futuros emprestimos, e que por consequencia para cobrir um paiz de riquezas, nada ha ahi, que equiparar-se possa aos emprestimos. No momento, em que se contrahe uma divida, tudo é bello, mas as cousas mudam, quando se trata de pagar. Um Estado não pode ser estrangido a embolçar o principal dos emprestimos, e não está conseguintemente exposto aos embarços dos devedores ordinarios; mas paga os interesses, e estes crescem á medida, que se pede emprestado. Com a cifra dos juros cresce a dos impostos, e quando os impostos augmentam, a nação soffre, a potencia do Estado diminue. Estas tristes consequencias dos emprestimos eram mui evidentes, por que não fossem notadas. Então os gabos se trocaram em vituperios; escriptores distinctos taxaram os emprestimos de expediende funesto, e as devidas,

³ Tratado da circulação e do credito.

a que se havia conferido a honra da prosperidade das nações, foram accusadas de arruinal-a. O que devemos pensar dos elogios, e dos vituperios? Em outros termos, quaes são as vantagens, e os inconvenientes do emprego do credito, como meio de prover á certas dispesas do Estado? O objecto é grave; as tendencias, que entre nós existem para os empréstimos, os erros palmares contidos sobre este assumpto no Relatorio do anno passado do Excellentissimo Ministro da Fazenda, convidam á este exame. Esta primeira questão resolvida, apresentar-se-ha naturalmente a do systema de amortisação.

Concedamos primeiramente uma larga parte aos meritos dos empréstimos.

Consiste sua principal vantagem em procurar dinheiro com promptidão, e facilidade. Abra um Governo, cujo credito floresce, um empréstimo de varios milhões, bastará para obter esta somma, que se empenhe a servir os interesses. Com o soccorro unico de um imposto adicional, attrahirá ao thesouro publico uma somma quinze, vinte, ou trinta vezes equivalente ao valor do imposto. Nos momentos primeiros, pouco soffrerão os contribuintes, por que o imposto é a medida dos seus sacrificios: d'outro lado, a industria, que produz a materia imponivel, não receberá aquelle violento choque, que de ordinario lhe inculcem as taxas consideraveis; seus trabalhos proseguirão no curso accostumado, sem que mudança alguma repentina faça estremecer a superficie do solo.

Até aqui nada de melhor, de mais commodo, e de

mais brilhante, que os empréstimos. Alguns escriptores lhes assacaram o crime irrimissivel dos abusos, á que dão aso, das facilidades, que offerecem ás loucas despesas, ás prodigalidades dos Governos. Mas si este por ventura fosse o inconveniente unico dos empréstimos, si outros motivos não militassem contra elles, poder-se-hia dizer, que partilham aquelle defeito com todos os meios de força, com todos os instrumentos de prosperidade. É apanagio da natureza humana, que o abuso exista ao lado da potencia, e o excesso ao lado da força. Neste capitulo de accusação, não podemos condemnar os empréstimos.

Mas quando, escapando á seducção das primeiras apparencias, examinaes as consequencias remotas deste systema expedito de encher os cofres do thesouro, quantos inconvenientes assomam, quantos perigos ferem a vista! Todo o mundo sabe, o quão necessarios são os capitaes á producção da riqueza; ora os empréstimos não só desviam os capitaes da producção, e da industria, como tambem os destro em completamente. Acompanhai a marcha dos seus effeitos: o governo, que pede emprestado, em vez de appellar para os contribuintes, dirige-se a capitalistas para obter os fundos, de que necessita; e como o emprestimo feito ao Estado seja para os emprestadores um bom emprego da fortuna, estes dão-lhe os capitaes, que subtrahem á industria do paiz, a aqual teriam alimentado, si não fossem lançados fora de sua natural direcção. D'outra parte, os contribuintes, aquem tão somente pede-se o pagamento do interesse, encerram neste limite suas economias,

e sacrificios. Pelo methodo do emprestimo um capital é pois tirado á producção, e por consequencia a riqueza publica é ferida nas suas nascentes. Si o emprestimo consomme capitaes já empregados nos trabalhos da industria, ha diminuição de riqueza; si absorve somente capitaes recém formados, e ainda sem destino, ha retardamento causado aos progressos. Em ambos os casos, o emprestimo prejudica do mesmo modo á publica prosperidade; e si no segundo caso o mal é menos apparente, nem por isso é menos real, e importante.

A resultados contrarios conduz o systema do imposto. Advertido pelo accrescimo das taxas, que para conservar a fortuna, não deve recuar diante das privações, o contribuinte redobra de economia, e restringe suas despesas na razão das necessidades do Estado. Então as sommas dispendidas pelo Estado não são arrancadas á producção, e porêm sim aos gastos, e consummos improductivos; ha diminuição nas rendas, mas não nos capitaes sociaes, que continuam, como d'antes, a alimentar a industria. Passado o momento da crise, a riqueza publica fica intacta.

O que o emprestimo tem de doce, e de seductor é precisamente aquillo, que o torna funesto; elle mantem o contribuinte na imprevidencia; não provoca a economia, unica cousa, que nas crises do Estado, pode satisfazer as necessidades publicas, sem alterar as fontes da riqueza, quando o Governo sabe invocar em favor do thesouro a energia, e o bom senso do patriotismo; dissimula ás nações sua verdadeira posição, as adormece, occulta-lhes os

embarços, e por que assim o digamos, as embala com a mentira.

Considerado nas relações com a produção, elle apresenta pois o inconveniente grave de destruir os capitaes. Mas isto não é tudo. Apóz da despeza feita, e do capital consummido, subsiste a obrigação de servir os interesses; de um imposto equivalente aos juros fica o paiz onerado por largos annos. Em troco da exempção passageira, que lhe accarcou o systema dos emprestimos, o contribuinte vê-se sujeito a um gravame duradouro; dahi diminuição das rendas, e impossibilidade de accumular. O mal, que surte o imposto, não deve ser avaliado simplesmente pela cifra das sommas, que dá ao thesouro, releva sobre modo metter na balança os obstaculos, que semea diante o desenvolvimento da industria, a direcção artificial, que lhe imprime, as difficuldades, com que complica as relações commerciaes com os povos estrangeiros; regimen funesto, que, enfraquecendo a potencia do trabalho, restringe o campo de seus successos!

A potencia do Estado atira este systema um golpe terrivel. Si parece seductor o obter-se grandes sommas, mediante o expediente facil do emprestimo, é o futuro, quem as custas paga da facilidade do expediente. Mas o futuro terá suas precisões como o presente; sempre crescente é a marcha das necessidades dos povos. Ora que recursos remanescerão para o futuro, quando o presente lhe houver legado seus gravames, quando os meios de força forem de ante-mão dissipados? Esta triste experien-

cia fez a Inglaterra : si no principio da guerra contra Napoleon, em vez de pedir emprestado, ella augmentado houvesse seus impostos, como mais tarde o fez, estrangida pelos emprestimos, ter-se-hia achado, no momento de depor as armas, com a livre disposição da maior parte de suas rendas, havendo 600 milhões sterlingos de menos na divida publica.

No systema financeiro dos povos modernos é a guerra, quem forma o principal objecto das despesas extraordinarias do Estado. A economia politica ha mais que muito demonstrado, que é prudencia o abandonar á industria privada os grandes trabalhos da paz, a construcção de estradas, de canaes, etc.; querendo curar de empresas taes, o governo, cuja mão é excessivamente pesada, prejudica os publicos interesses, em vez de servir-os. Para a execução destas obras quasi ninguem ha ahi hoje, que a necessidade preconise dos emprestimos, por isso que é mais economico o confial-as aos capitaes communs, á industria dos particulares. A guerra, as avultadas despesas, que requer, eis a causa do accrescimento dos budgets, e a fonte a mais ordinaria das dividas publicas. Ora na hypothesis de uma guerra, invoquemos o irrefragavel testemunho do calculo, para comparar os resultados dos dous systemas; o do imposto, e o do emprestimo; e nesta confrontação, por que encaremos simplesmente os effeitos da divida, ponhamos de lado as considerações de amortisação.

Supponhamos uma guerra de vinte annos, acompanhada da despesa extraordinaria de 10 mil contos por anno. No systema do imposto, tanto que durar

a guerra, de 10 mil contos crescerão annualmente os impostos; assim nos vinte annos orçará a carga dos contribuintes á 200 mil contos. No systema do emprestimo, os impostos ao principio só serão de 500 contos, admittindo o caso raro de um emprestimo de 5 p. % ao par. Mas elles iráo progressivamente augmentando de 500 contos por anno para o serviço dos interesses de cada novo emprestimo, de tal arte, que decorridos os vinte annos, haverá equação entre as duas cifras; de um, como d'outro lado levantar-se-ha á 10 mil contos o interesse do imposto additional nascido da guerra. Assim attentemos na differença capitalissima, que os dous systemas discrimina. Com o expediente do imposto, depois de ultimada a guerra, nem um real de divida pesará sobre o thesouro, livres, e disponiveis ficarão as rendas publicas para reparar as perdas occasionadas pela luta; ao mesmo passo que com o expediente do emprestimo o Estado remanescerá sobrecarregado da divida de 200 mil contos, e da obrigação de pagar cada anno 10 mil contos de interesse, obrigação sobre-maneira dura, e sempre de máo grado enchida pelos contribuintes, quando reluz a aurora da paz, visto que ja não existe então o incentivo da crise nacional, que com o despertar o espirito dos povos, os dispõe aos sacrificios, e á seus olhos justifica o peso das taxas.

Capitães esgarrados do seu destino o mais proficuo, e destruidos pelas despesas publicas, impostos estabelicidos por largos annos, futuro sacrificado ao momento presente, taes os resultados são

do systema dos empréstimos, tal a maneira, pela qual contribue para a riqueza das sociedades. « Quando os selvagens da Louisiana querem fructa » (diz Montesquieu traçando o quadro de uma in- » forme especie do governo) cortam a arvore pelo » pé para colhel-a. » Ora é mormente em materia de finanças, que cumpre evitar aquelle singular processo dos selvagens da Louisiana, dado que por elle seja tão asinha obtido o appetecido effeito. Ao expediente commodo, facil, mas ruinoso das dividas ante-porá pois todo o governo esclarecido o recurso laborioso dos impostos.

Bem que adversarios dos empréstimos, não queremos todavia concluir, que seja bom o proscreevel-os em todos os casos. Não, sem duvida, e demasiadamente absoluta pareceria tal conclusão. Algumas vezes um governo novo, cuja auctoridade é assaltada pelas vagas irritadas dos partidos politicos, póde deparar vantagens em associar aos seus interesses, pelo laço das dividas publicas, uma numerosa classe de cidadãos. O empréstimo póde então ser util como meio politico. Identica é a conclusão no caso raro, em que as necessidades publicas ultrapassando toda a medida, o imposto levado á uma taxa excessiva, destruisse a massa dos capitaes já empenhados na produção.

Neste caso são os empréstimos um engenhoso meio de substituir o credito publico ao credito variavel, e muitas vezes desfallecido dos particulares. Sobre este ponto não podemos partilhar a opinião do grande mestre David Ricardo, o qual quizera, que quando

nesmo não bastam as rendas dos contribuintes para satisfazer aos impostos, fossem os particulares, e não o Estado, quem os empréstimos contrahisse. Este plano por elle desenvolvido no artigo *Funding system* da Encyclopédia Britannica seria, quiçã, o melhor, si possível fosse a sua execução; mas supõe um desenvolvimento de credito, de que paiz algum do mundo não tem até hoje offerecido o exemplo. Mais vale pois, na hypothesis de Ricardo, e até os novos progressos das sociedades, que venha o Estado inter-por-se entre o contribuinte, e o emprestador.

Ajuda destes preliminares examinemos a doutrina do Relatorio do Ministerio da Fazenda na parte relativa aos effeitos, que os empréstimos surtem. Nenhum exame de principios é ocioso em economia politica, por que de sua applicação mana immediatamente o bem, ou o mal do paiz; e neste ponto differe ella de certas outras sciencias. Os erros celebres de Descartes, e de Tico-Brahe sobre o systema de mundo nenhum transtorno causaram ás sociedades, e nem á ordem physica: sem aguardar o desmentido delles, continuaram os corpos celestes a mover-se segundo leis não susceptiveis de ser modificadas pela influencia das humanas theorias. Outro tanto porém não acontece em economia politica; é verdadeira calamidade o dominio de um máo principio, sobre tudo quando proclamado por aquelles, que governam as sociedades, e quando não lhe falta por consequencia o appoio do poder legal para ser levado a effeito. Citemos textualmente o capitulo do Relatorio.

« Não se diga , que os empréstimos em paiz ex-
» trangeiro , com tanto que obtidos a condições
» mais favoraveis , são preferiveis aos feitos no pro-
» prio paiz , quando taes condições são um pouco
» mais onerosas : no primeiro caso os interesses re-
» sultantes dos capitaes emprestados , isto é , os ju-
» ros , e amortisação , que o paiz devedor é obrigado
» a pagar , são irrimissivelmente tirados da circula-
» ção nacional , desfallecendo por consequencia a
» massa de sua riqueza geral ; entretanto que no se-
» gundo os mesmos , ou maiores interesses revertendo
» em beneficio dos capitalistas nacionaes , ou estran-
» geiros residentes no paiz , alem de não sacrificarem
» o governo á depressão dos cambios , não só não di-
» minuem a massa dos valores em circulação , mas
» antes animam grandemente esta , e habilitam a
» Nação , e por consequencia o governo , para em
» casos urgentes fazer face á qualquer despesa ex-
» traordinaria com todos os recursos , de que o pro-
» prio paiz é susceptivel. »

Neste conceito dos effeitos dos empréstimos inter-
nos , e no seu parallelo com os estrangeiros ressum-
bra em verdade a mais estranha confusão de ideias ;
elles são a repetição dos erros d'aquella escola , que
presume , que as dividas contrahidas no proprio
paiz são dividas da mão direita para a esquerda ; é
a economia politica qual a entendia Voltaire , e a
Encyclopedia , e que a ninguem é hoje facil vêr re-
produzida , sem cair das nuvens. Uma nação , que
só á si mesmo deve , augmenta os seus recursos , em
vez de empobrecer-se ; o mal proveniente das divi-

das reduz-se unicamente, á que os interesses dos capitaes, e o producto da amortisação saiem do paiz, eis a derradeira palavra da douctrina do Relatoiro. Si verdadeira fosse similhante douctrina, o Estado deveria continuar a marchar na vereda encetada dos empréstimos internos, pela razão que deve ser abraçado tudo quanto se apresenta como bom, util, e verdadeiro. Mas ella está longe de o ser.

Um fabricante, no interesse de sua industria, contrahe um empréstimo; emprega o producto d'elle em materiaes do seu fabrio, e nos salarios do obreiro: estes capitaes assim empregados são consummidos, por que tal é o destino de todos os capitaes, mas no momento mesmo do seu consummo um novo valor se fixa sobre as materias fabricadas, valor, que representa todos os valores destruidos, de modo que na industria os capitaes se perpetuam pela reproducção, re-apparecendo, depois de consummidos, sob novas formas: *consummo productivo* é o nome official deste phenomeno.

Os governos são productores de productos immateriaes; elles produzem a paz, a ordem interior, escoram a acção das leis, defendem a dignidade do paiz, etc., etc.; mas pela propria natureza de sua missão não produzem directamente a riqueza material. Quando um governo dos capitalistas recebe os capitaes emprestados, elle os destrõe por suas despezas, semque seja esta destruição acompanhada de um resultado ulterior analogo ao do consummo do fabricante, ou em outros termos, os capitaes não se reproduzem não re-apparecem debaixo de outras

formas, são pelo contrario irrimissivelmente tirados do paiz, aniquilados no sentido rigoroso da expressão, ou *consummidos improductivamente*.

O fabricante, depois do *consummo productivo* dos capitaes emprestados, acha-se mais rico : o Estado, depois do *consummo* pelo governo feito, acha-se mais pobre. Si á 20 mil contos, por supposição, monta o emprestimo, de um igual valor desfalca-se a riqueza geral. Per sí mesmo claro, evidente é este ultimo effeito, e nem pareceria poder prestar azo á falsas illusões; elle é commum á todos os generos de emprestimos, quer internos, quer externos, a diversidade de origem do prestador não lhe muda a natureza. Entretanto affirma o Relatorio, que no caso dos emprestimos internos os juros, e amortisação revertendo em beneficio dos capitalistas nacionaes, não é diminuida a massa dos valores em circulação.

Antes de contrahido um emprestimo, duas riquezas existiam na sociedade, os fundos productivos do contribuinte, e as economias do futuro prestador : depois de concluido, só uma remanesce, a do contribuinte, aniquilada foi a do prestador. A amortisação não gera riquezas, á similhaça de uma manufactura, ou de uma fazenda. Com as rendas tiradas ao contribuinte pelo imposto, a caixa da amortisação resgata successivamente, segundo o valor da praça, os titulos da divida, ou as apolices, fortificando-se nesta operação com os interesses destinados ás sommas remidas. Para libertar o paiz de suas devidas, os governos nada mais fazem do que passar uma nova

riqueza das mãos dos contribuintes para as dos credores do Estado; ha nisto simples deslocação de uma mesma riqueza de um para outro lado. Quanto porém aos primeiros capitaes consummidos pelas despesas, esses a amortisação não ressuscita; elles não voltam mais para o paiz, e nem para parte alguma.

Ainda uma vez, transportemo-nos pelo pensamento ao futuro, e colloquemo-nos n'aquelle ponto do tempo, em que o Estado extingue a ultima porção das dividas; então dahi vemos restituído aos actuaes credores todo o principal do emprestimo. Mas esta restituição restabelece por ventura no paiz a quantidade de valores, que alli deveriam existir, caso os emprestimos internos não houvessem tido logar? O Relatorio o affirma; mas levanta-se contra similhante conclusão o tribunal humilde da simples arithmetica. Dous generos de valores, e não um, deveriam existir na circulação nacional, no caso supposto: 1º as novas riquezas nascidas da terra, do trabalho, e do capital do contribuinte, que mediante o imposto, e as operações da amortização, serviram de pagamento aos publicos credores; 2º a somma dos capitaes emprestados, e destruidos. Assim, bem que do paiz não sáia o producto da amortização nos emprestimos internos, a riqueza geral desfallece, precisamente como si a saida tivesse logar, e a massa dos valores em circulação diminuesse de uma quantidade igual á cifra dos capitaes emprestados.

Consideremos agora a questão pelo lado dos beneficios, que realisam os capitalistas nacionaes

com o *pagamento da amortisação* (para servir nos da palavra do Relatorio), e notemos de passagem a confusão de amortisação com os interesses do empréstimo; sem duvida uma caixa de amortisação alem dos fundos de que é dotada, engrossa-se em sua marcha com os interesses das apolices já resgatadas, mas esta engenhosa operação, que resulta da acção dos interesses compostos, não é propriamente um beneficio para os credores, mas sim para o thesouro, que em mais curto prazo, e com menor quantidade de fundos resgata a divida publica.

Si entre o capital, que o governo recebeo do capitalista no momento de emittir as suas apolices, e os valores, com que mais tarde as resgata, houvesse relação de perfeita igualdade, o capitalista nenhum beneficio colheria *do pagamento da amortisação*. Sendo identico o valor da compra, e da venda não haveria nisto perda, nem ganho, como não ha em uma restituição pura, e simples. Mas de outro modo vão ordinariamente as cousas. Não procedem os governos da mesma maneira, que os particulares em seus empréstimos. Entretanto que estes ultimos pedem emprestado um certo capital, e depois dão a preferencia á aquelles emprestadores, que o menor interesse requerem, os governos pelo contrario principiám por fixar a taxa do interesse, e reconhecendo-se depois devedores do capital, que aquelle interesse suppõe, tratam com os capitalistas, que pelo interesse offerecido offerecem a somma a mais forte. Nos empréstimos ordinarios, o interesse é o moavel; nos empréstimos dos governos,

é o capital pelos emprestadores fornecido. Dahi resulta, que quando a taxa do interesse offerecido pelos governos não corresponde á taxa real do interesse, o capital nominal differe do capital emprestado, e por consequencia o futuro promete aos emprestadores um accessimo de capital, caso o interesse venha a baixar. Em geral com effeito é a tendencia do interesse para a baixa. A mor parte dos emprestimos contrahe-se durante a guerra, ou nas circumstancias difficeis do Estado; quando volve a paz, ou a prosperidade, com ellas renasce a confiança, e pelo repouzo ganha forças o credito do governo. Ora é então, que começam a realisar-se para os capitalistas credores do Estado os principaes beneficios, acompanhados, apressemo-nos a ajuntar, de uma perda equivalente para o thesouro, e o paiz.

O governo é successivamente vendedor, e comprador. É vendedor, quando emette as apolices, e em troco recebe os fundos do capitalista: comprador, quando empregando os fundos da amortisação, dá capitaes em troco das rendas. Em ambos os casos, obra elle sempre do modo o mais desavantajoso á aquella dupla qualidade: como vendedor vende á preço vil as apolices, por isso que o capital não podia ainda subir no critico momento da emissão; e como comprador chega em epochas progressivamente mais desfavoraveis, resgatando á medida, que a renda se approxima do par: assim, por exemplo, si á 66 vendeo as rendas, e amortisa á 80, dá 14 mais do que recebeo. Diamétralmente opposta é a posição do emprestador; o que o thesouro perde,

redunda em ganho seu ; as desvantagens, que vexam o paiz, são a base das fortunas rapidas dos emprestadores.

No ponto, em que estamos, de uma maneira sensivel discortinamos o engano do relatorio. Os beneficios dos capitalistas, por mais brilhantes que sejam, não enchem de um só atomo o vasio feito na circulação pela destruição dos capitaes emprestados, por que são contrabalançados por uma perda correspondente do contribuinte, cuja riqueza passa, mediante o imposto, para a algibeira do credor publico. Os unicos beneficios, que augmentam a massa da riqueza geral, são aquelles, em que todo o mundo ganha, e ninguem perde. O negociante, que a lã compra ao agricultor para vendel-a ao fabricante de panos, não tira os seus lucros de uma perda equivalente soffrida pelo agricultor, e o fabricante. Elle fixa sobre a lã uma nova utilidade, um novo valor, produz uma nova riqueza, pondo aquella mercadoria ao alcance do fabricante, que o embolça do excedende do valor ; eis a origem de seus beneficios. O fabricante pela sua vez, pelas successivas transformações que imprime á materia primeira, accrescenta-lhe uma utilidade, que não tinha, ao sair das mãos do negociante ; nesta nova criação de riqueza fundam-se os seus ganhos. Não de outra maneira se enriquece o mercador, que á lã convertida em pano adiciona igualmente novo valor, facilitando a sua aquisição ao consummidor, o qual nada perde, comprando em ultimo resultado os valores sobre elle successivamente accumulados,

visto que dá valor igual por valor igual. Com este genero de beneficios nascidos da producção grada a massa dos valores sociaes ; a riqueza geral compõe-se do total das riquezas dos particulares. Similhante effeito não surtem os altos beneficios dos emprestadores ; ha nelles uma transferencia rigorosamente steril da riqueza de uma parte para a outra ; o emprestador ganha aquillo, que pe de o contribuinte , sem que brote esta dislocação outro effeito alem da perturbação nas operações da industria.

Por consequencia os beneficios, que para os capitalistas nacionaes resultam do *pagamento da amortisação*, em nada impedem o effeito destruidor dos emprestimos internos, a riqueza geral diminue do mesmo modo, que si não houvessem tido logar aquelles beneficios. Passemos á outra face da questão, a dos juros.

Todo o capital procura um emprego, nenhum é destinado á uma esteril ociosidade, excepto o do avaro. Raramente o emprego falta aos capitaes, sobretudo nos paizes novos, e pobres, onde as economias não bastam para satisfazer as necessidades da industria nascente, e onde por isso, a *demand*a excedendo a *offerta*, são os juros assás elevados. Na presença deste principio mui vulgar, a primeira ideia, que ao espirito se apresenta, é, que os juros, que o emprestimo dá aos capitalistas, não são para estes um novo beneficio, visto que a industria lh'os dava, ou lh'os daria, caso o emprestimo não existisse. Mas si não é isto um novo beneficio para os capitalistas, por outro lado é um mal grave para o paiz.

Quando o juro é dado ao capital pela industria, o capistalista ganha, e a riqueza geral augmenta; quando dado pelo Governo, o capitalista ganha do mesmo modo, mas a riqueza geral diminue. No primeiro caso os capitaes serviam de fundos productivos, concorriam com a terra, e com o trabalho á formação das riquezas: do producto bruto, criado por estes trez agentes da poducção o empreiteiro tira com que pagar o serviço do capital, e ainda fica-lhe uma porção da nova riqueza.

No segundo caso os juros são gratuitamente dados pelo contribuinte a um capital, que por destruido não faz serviço algum gerador de riqueza; e o paiz desfalca-se dos interesses, que per sí mesmo devera ello produzir, caso na industria permanescesse, e lhe coadjuvasse a acção.

Em resumo; antes do emprestimo duas sortes de rendas existiam realmente, as do contribuinte, e as do futuro prestador provenientes do serviço productivo do seu capital: o emprestimo feito, só restam as do contribuinte, por que aniquilado foi o fundo, que as outras produzia. Aqui, como no resgate do capital, as rendas passam do contribuinte para o credor do Estado. Assim o pagamento dos juros, quando mesmo feito aos capitalistas nacionaes, longe de annullar os effeitos destruidores dos emprestimos, é pelo contrario tambem uma origem de diminuição na substancia do paiz. Pelos emprestimos, quer internos, quer externos, a massa da riqueza geral deve decrescer annualmente de uma quantidade exactamente igual á somma dos juros pagos pelo Estado.

Até aqui o Relatório, nos seus encomios aos empréstimos internos, limitou-se a notar, que elles a riqueza geral, e os valores em circulação não diminuem. Mas encerrada neste limite a apologia ficaria incompleta, e nem nella encontrariam sufficiente pasto as imaginações avidas do maravilhoso. Não bastava defender a innocencia dos empréstimos da accusação de arruinar a fortuna do Estado; era tambem mister assignalar as prosperidades, que com sigo arrastam. A isto não faltou o Relatório, deo um passo mais avante, e a mystificação financeira ficou completa. Eis aqui os bens dos empréstimos, segundo o Relatório: elles *animam grandemente a circulação* das riquezas, e habilitam a nação para occorrer as despezas extraordinarias.

De que especie de circulação trata o Relatório? Da dos productos da industria? Da circulação dos fundos publicos? si da primeira, os empréstimos a affrouxam, e desanimam. Si da segunda, então o Relatório preconisa-nos uma circulação improductiva, esteril, e não izenta de inconvenientes para a ordem, e moral publica.

Na prosa do commercio, e das finanças a passagem dos productos do trabalho, ou dos titulos, que os representam, de uma mão para a outra, pelo meio da permutação, é designada com o nome de *circulação*. A circulação se anima, sempre, que os productos entram, e d'ella saiem rapidamente, que não levam demora no trajeto, que são destinados a correr. Esta rapidez de passagem é uma das condições da fortuna da industria, e do Estado. Nos vimos em um exemplo acima empregado, que a lã no

seu curso desde o agricultor até o consummidor, que a recebo sob a forma de pano, avultou successivamente de valor, resultando disso um augmento equivalente na fortuna da sociedade. Ora é do interesse substancial de todos, que esta mesma operação se repita grande numero de vezes, por que a riqueza multiplicar-se-ha pelo numero das vezes, que houver sido reproduzida. Assim quando mais curto for o intervallo, que a lã comprada ao agricultor pelo negociante se demorar nos depositos deste, tanto mais depressa o negociante terá os seus fundos livres, e disponiveis para re-começar a operação, comprando de novo uma outra porção de lã ao agricultor. De uma circulação activa brotam beneficios não ó para os productores, como tambem para os consummidores.

As mercadorias conservando-se ligeiro prazo na circulação, os capitaes, que as produsiram, tornam-se logo livres, des-occupados, e menos consideraveis são por isso os custos da producção. Então os productos baixam de preço sem lesar os ganhos do productor; e a compra d'elles absorve uma parte menor das rendas do consummidor. A actividade da circulação é pois um symphoma de vida, e de força do corpo social.

Mas quaes são as cauzas, que trazem a actividade da circulação? Todas aquellas, que augmentam a producção. A medida, que grada a actividade do trabalho, que a industria, e o commercio adquirem maior desenvolvimento, os productos mais multiplicados tendem a permutar-se mais rapidamente; e a

circulação deve crescer na mesma medida, que a produção. Pela mesma razão, quando a produção declina, as transacções diminuem, visto que os productos não se permutam senão com outros productos; a circulação é então menos cheia, e mais vagarosa.

Ora os empréstimos atacam a produção, como acima mostramos, destruindo-lhe um dos seus mais indispensaveis agentes; elles obram pois no sentido inverso das causas, que animam a circulação.

Depois dos empréstimos, não pode a industria produzir a mesma quantidade de productos, e nem dal-os pelo mesmo preço que d'antes, visto que pela escassez dos capitães augmentaram os custos da produção, e attenta alem disso a redução de suas rendas pelos novos impostos. O preço de todos os productos sobe, e com esta subida o consumo diminue, a sphera das transacções se restringe, o movimento dos valores se affrouxa. Nós accusaremos portanto os empréstimos de desanimar a circulação da riqueza, e de profundamente anti-economica a doutrina do Relatorio.

Si por outro lado encaramos a questão sob o ponto de vista do movimento dos fundos publicos, achamos que essa circulação é improficua para a riqueza geral. Quando um credor do Estado dos fundos publicos retira seus capitães, vendendo na praça as apolices, a situação das couzas não muda, a somma dos valores existente no paiz conserva-se a mesma, ha simples substituição de um credor a outro. O letor da circulação dos productos da industria a

damnifaria pelo empate improductivo dos capitaes. O lensor da circulação das apolices á nimguem damnifica , por que o credor continua a perceber os juros dos fundos stagnados. Com quanto o gráo da circulação dos fundos publicos não augmente, nem diminua a prosperidade do paiz, todavia é de desejar que grande numero de compras se effectue, ou que a circulação das apolices não se affrouxe; e eis aqui as razões. Quando na praça a quantidade dos pedidos de apolices sobre-excede a quantidade das offerecidas á venda, os fundos *sobem* : do mesmo modo, quando a *offerta* excede a *demanda*, a *baixa* é produzida. Duas causas, uma material, e outra moral decidem das proporções entre a demanda, e a offerta dos fundos publicos, e vem á ser, a maior ou menor quantidade de capitaes existentes na praça, o maior ou menor gráo de confiança, que aos capitalistas inspira a ordem de cousas do paiz. Pela subida, e pela baixa a circulação dos fundos pode pois servir grande numero de vezes de signal indicador do gráo de prosperidade material, e de confiança, que no Estado se deposita. Mas do mesmo modo, que o thermometro as variações da temperatura denuncia, sem comtudo exercer sobre ellas a minima influencia, da mesma maneira a circulação dos fundos é mero indicador, que não reage sobre os phenomenos, que revela. Assim o Estado anheia pela rapida circulação dos fundos, não por que isso de sorte alguma lhe avulte o credito, e a fortuna, mas unicamente por que é bom signal, signal muitas vezes mentiroso, quando obrando sob a influen-

cia de causas artificiaes , denota o inverso do estado real das cousas.

Si o merito unico desta especie de circulação reduz-se a assignalar uma situação , et não á criá-la, por outro lado ella dá aberta á uma funesta especulação , a *agiotagem*. A esperança de ganhar muito sem grande esforço , que desgraçadamente tão alto falla ao coração de homem , encontra alimento nas alternativas da subida , e da baixa. As consequencias desta especulação são mui conhecidas, e o seu desenvolvimento mui longe nos arrastaria. Como aos empréstimos, o Sophisma não deixou de accodir á agiotagem , e de justificar-a como necessaria ao credito publico. Mas é hoje verdade geralmente reconhecida , que é do interesse da nação, e do governo, que sejam as suas rendas tomadas como emprego fixo pelos compradores ; então o credito repousa sobre uma base solida, e nem o solo se agita , entretanto que quando uma parte consideravel dos fundos publicos existe nas mãos dos especuladores, nada ha ahí tão movediço, tão variavel, tão tempestuoso como o credito ; o menor estremecimento o embalança, e produz uma crise ; uma massa de fundos conserva-se constantemente fluctuante, e espiando a primeira occasião para lançar-se na praça, e esmagal-a com seu peso.

Os empréstimos internos ao governo facilitam os recursos para prover ás extraordinarias despesas do

estado? A solução affirmativa, que á esta questão dá o Relatorio, era uma consequencia rigorosa do seus principios precedentemente estabelecidos. E com effeito, si pelos emprestimos feitos no proprio paiz a riqueza geral não desfallece, e a circulação se anima, que razão haveria, para que diminuíssem os recursos do governo? Mas nós, que nos collocamos em um ponto de observação diametralmente opposto ao do Ministro, que lhe repudiamos os principios em nome da sciencia, não podemos igualmente accetar como verdadeiro este final effeito dos emprestimos; e afim de o luxo evitar de uma argumentação desnecessaria, bastam os principios acima expendidos para convercer-nos de que, desfalcando a riqueza do Estado, e enfraquecendo as molas da industria, devem de necessidade os emprestimos estreitar o circulo dos recursos do governo. Estes principios, nós o confessamos, não possuem as brilhantes apparencias do systema lisongeiro, e magnifico do Relatorio; elles não ensinam a theoria de satisfazer as grandes necessidades publicas, sem que isso nada custe à fortuna do Estado. Mas provavelmente não quiz Deos, que taes milagres fossem deste mundo. Nem a potencia, nem a riqueza jorram da montanha ao golpe da vara ministerial, não ha sciencia magica, que as produzir possa gratuitamente. A razão fria, positiva, e severa do nosso tempo cessou de crer nos prodigios das Fadas, e nos thesouros do Eldorado. Si os individuos nenhum outros recursos tem, alem do trabalho, e da economia, a fortuna nacional é tambem exclusivamente

alimentada pelos impostos, e pelos sacrificios de todos os membros da associação. Embalde o espirito se esgota em esforços, elle encontra sempre na sua passagem o axioma incommodo, que do nada nada saie, e com elle o seu corollario economico, que do aniquilamento dos capitacs não pode a riqueza provir.

Bem que seja o emprego do credito um expediente funesto, todavia, quando o caso se apresenta, em que entre o methodo do imposto, e o do emprestimo não ha possibilidade de escolha, em que é forçoso accurvar diante a lei imperiosa da necessidade, qual dos dous generos de emprestimos é então o menos ruinoso, os feitos no paiz, ou os contrahidos no estrangeiro? Eis aqui posta francamente a questão, que o Relatorio suscitou. Não ha principios absolutos em economia politica, e a sua solução varia segundo as condições diversas da situação de cada paiz.

A proporção que as sociedades avançam no caminho da industria, e que as accumulacões mais numerosas se tornam, o proveito dos capitacs tende a diminuir. Tomemos a Inglaterra por exemplo. A despeito das suas dividas, a produção das riquezas, tem ido progressivamente augmentando, graças a introduccão na sua industria de novas materias, de novas maquinas, e especialmente da maquina de vapor, graças à facilidade dos transportes, e das communicacões pelo grande numero de novas

Linhas de caminhos de ferro , e de canaes , graças á extenção, que neste ultimo meio seculo hão tomado as suas viagens de longo curso , etc., etc. Pelo desenvolvimento da producção a industria vai-se fortificando com a addição dos novos capitaes formados pelas economias até o ponto , em que todas as empresas se acham saturadas de capitaes, isto é, até o ponto, em que tem absorvido o *maximum* de capital, de que são susceptiveis. Mas antes de tocar este ponto a offerta começa a exceder á demanda, os capitaes não acham facilmente emprego, e o seu interesse declina ; tal é o caso, em que se acha a Inglaterra.

A esta causa natural da baixa do interesse dos capitaes se associa uma outra artificial. Os excessivos impostos, que pesam sobre a Inglaterra, elevam o preço de todos os consummos necessarios. Ora os consummos não podem encarecer, sem que na mesma proporção suba o salario *necessario* do obreiro; este pela sua vez não pode subir sem diminuir o proveito dos capitaes, por que o producto do trabalho se divide em duas partes , a do trabalhador; e a do capital ; e é cousa evidente que quando uma augmenta, a outra decresce. Dahi resulta , que grande parte dos capitaes Ingleses , não achando no paiz emprego assás lucrativo, d'elle fogem para ir alimentar a industria dos outros povos, ou soccorrer as prodigalidades dos governos estrangeiros.

Nesta situação, si o governo Britannico recorresse de novo ao expediente do credito, é de primeira in-

tuição, que o empréstimo interno deveria ser preferido ao estrangeiro. O primeiro levaria sobre o segundo a vantagem de dar emprego a capitaes superabundantes, e prestes a lançar-se fora do paiz com seus proprietarios; e nem do seu consummo se poderia resentir a industria nacional, por que sufficientes fundos productivos lhe restavam para auxiliar-lhe a acção. Todo o mal reduzia-se ao gravame do imposto adicional para amortizar a dívida, e pagar-lhe os juros, mal commum ao empréstimo estrangeiro.

Appliquemos agora a questão ao Brasil, e vejamos, si deve a solução ser identica.

No Brasil, como em todas as nações novas, onde a industria começa a reluzir, as accumulacões não tem tido tempo de tornar-se numerosas, e fortes; e a somma dos capitaes, que circulam nos canaes da agricultura, do commercio, e das artes, é ainda pouco consideravel, e insufficiente para satisfazer as necessidades da producção. Innumeras empresas de uma utilidade directa, e palpitante não podem realizar-se entre nós, visto que muito alem das economias feitas anda o pedido de fundos productivos. Por que razão não abrimos vias rapidas, e commodas de communicacão entre as Capitaes das Provincias, por que não fazemos navegaveis os nossos Rios, não encurtamos as distancias das Provincias maritimas pela navegacão a vapor, não exploramos convenientemente as nossas riquezas mineraes, etc. etc.? Sem duvida não é a carencia de capitaes a causa unica deste effeito, mas ella figura no primeiro

plano entre as principaes. Comprovado este estado de couzas , comparai os effeitos das duas especies de emprestimos.

Si o Governo do Brasil o emprestimo conclue fóra do paiz , entam essa fatal destruição de capitaes , á que acima fizemos o processo , é operada sobre os fundos estrangeiros , os capitaes nacionaes continuam a alimentar a producção do paiz , e deste modo deixa o governo á industria os meios de acção , de que tanto necessita. O pagamento do capital sendo repartido por um grande numero de annos , é feito gradualmente á custa das rendas , e não do capital nacional , que fica intacto. Ora precisamente nisto está a immensa vantagem dos emprestimos externos sobre os internos , quando se trata de povos principiantes. Por meio de um o governo arruina pelas raizes a arvore da producção , e depois lhe pede os fructos , e pede porção maior que d'antes quando ella já lh'os não pode dar na mesma quantidade , pois que diminuiu-se-lhe a potencia vegetativa pelo facto da ruina das raizes. Por meio dos segundos , o governo nada desfalca da arvore , e tão somente lhe arranca os fructos.

Não percamos de vista , que ambas as especies de emprestimos são um mal grande para a nação , por que ambas com sigo arrastram o augmento das taxas para o pagamento dos juros , vexame , de que a preservaria o methodo do imposto. Mas uma é menos ruinosa por conservar na industria nascente os capitaes , que a outra aniquila.

As objecções allegadas pelo Relatorio contra os

emprestimos externos são mais que muito notáveis pela simpleza, e ingenuidade financeira, que n'ellas ressumbram: O producto do pagamento dos juros, e do capital é dado aos estrangeiros, e saie irremissivelmente da circulação nacional; eis aqui segundo o Relatorio as grandes culpas deste genero de empréstimos, de maneira que para ser elle puro de inconvenientes, e merecer plena absolvição perante o tribunal da economia politica do Relatorio, seria mister, que os capitalistas estrangeiros dessem gratuitamente os seus capitaes, e nem os juros exigissem. Mas nós temos, que não é necessario grandes tractos dar á intelligencia para descobrir, que si por um lado o capital pago saie do paiz, por outro lado esse mesmo capital tinha antecedentemente para elle entrado, e dispensado o governo de consumir o capital nacional. Identica é a resposta ao argumento dos juros; si por um lado os pagaes ao estrangeiro, por outro os capitaes Brasileiros, não tendo sido devorados pelo empréstimo, dão na industria interesses equivalentes á aquelles, que saiem do paiz: uma cousa se compensa com outra, e os effeitos são iguaes.

Entretanto para pôr em derrota os nossos principios poder-se-hia dizer « A riqueza do Brasil longe de retrogradar, vai em progresso com os empréstimos internos, os fundos sobem, o que denota accrescimento da massa geral dos capitaes, e confiança nos recursos do governo, quando o contrario devera succe-

der, caso verdadeiros fossem os principios expendidos. »

Mas releva lembrar, que o principio de vida, que anima as sociedades, e as leva avante, muita força tem, por que deixe de triumphar de mais de um obstaculo grave. Quão numerosos não seriam os progressos, que o Brasil teria feito de mais, á não ser as destruições operadas pelos empréstimos? Afigurai-vos que os capitaes, e seus interesses dissipados pelas dividas tinham sido derramados nas nossas terras, e nas impresas uteis, e vede depois, si o Brasil assim fertilizado não seria mais rico, e mais prospero que o Brasil de hoje? Apesar das dividas, apesar da crise do papel moeda, e do cobre, apesar da submersão de grande parte dos seus fundos no horroroso golpham da costa de Guiné, apesar do desanimo, da incertesa, e do terrivel scepticismo politico, que hão até aqui trabalhado o espirito do paiz, e que devem felismente cessar com a eleição do novo Regente, cujos precedentes constituem uma bella garantia do futuro, alfim apesar de outros obstaculos, o Brasil tem marchado, por que possui uma dessas organizações athleticas, e felizes, que de todos os males triumpham.

Si as dividas nenhuns males accarretassem á riqueza publica, seria um extranho desatino o procurar extinguil-as. Amortizar é precisamente o contrario de pedir emprestado, e as vantagens da amortiza-

ção se explicam pelos inconvenientes dos empréstimos.

De duas sortes são os efeitos da amortização: de um lado ella accumula as rendas do contribuinte, reduz a divida, conduz á diminuição futura dos impostos, desempenha os recursos do Estado, em uma palavra, repara os males causados pelo empréstimo, e liberta o futuro: d'outro lado, com o resgatar os fundos publicos a amortização tende a sustentar o valor das rendas, animando pela intervenção do comprador publico os particulares timidos, e desconfiados.

Alguns escriptores tem repetido, que visto ser a amortização alimentada unicamente pelo imposto, mais util seria á sociedade o renunciar a extinguir as dividas, deixando nas mãos dos contribuintes uma porção maior de suas rendas, afim de empregal-as nas empresas productivas. Mas alem de que numerosa parte dos contribuintes, em vez de augmentar a economias, dilatariam os seus consummos, aquelle systema tem igualmente o inconveniente de tornar perpetuos os impostos, que requer o pagamento dos juros, quando um sacrificio temporario pode d'elles livrar o paiz.

Quando a divida augmenta, os fundos da amortização devem augmentar com ella. Nada ha ahí tão razoavel, como o principio da amortização proporcional. Mas qual deve ser a proporção? Pitt estabeleceo em Inglaterra a de 1 p. 100 do capital nominal do empréstimo. Esta proporção peca evidentemente pela insufficiencia. Ella confia-se em de-

masia no momento presente, e não calcula as extraordinarias occorrencias do porvir.

É de uso o applicar-se á amortização os interesses das rendas, que ella resgata, de tal maneira, que o fundo se engrossa pelo accumululo continuo dos juros, ou pela *acção dos interesses compostos*.. Ao Doutor *Price*, famoso calculador politico, cujos escriptos inspiraram os planos de Pitt, pertence a honra de ter sido o primeiro, que esclareceo os effeitos desta pratica salutar; mas elle não lhe comprehendeo a verdadeira natureza. Tendo sempre diante dos olhos o seu *dez-reis* prodigioso, que posto a interesses compostos no principio da era christã, devia achar-se mudado pelo decurso dos annos em um globo de ouro 500 milhões de veses mais volumoso, que o Planeta, que habitamos, o respeitavel Doutor afigurou-se, que o fundo da amortização possuia uma propriedade de crescimento maravilhoso, e que dotado da potencia de produção inchava-se por propria virtude intrinseca.

Dahi a especie de culto, que votou á amortização, e as fervorosas recommendações de não tocar-se nunca n'esta nova sorte de gallinha de ovos d'ouro. Outro Doutor porem mais perspicaz levantou o véo, e descobrio o segredo. Desde a publicação do excellento livro de sir Robert Hamilton a ninguem foi mais permittido o ignorar, em que consiste este prodigio, que tanto, e tanto deslumbrou a vista

† An inquiry concerning the rise and progress, the redemption, and present state, and the menagement of the national debt of great Britain by Robert Hamilton.

de Pitt. A amortização nada produz por si mesma; em lugar de annular as rendas resgatadas, e de diminuir proporcionalmente os impostos, o Estado, para estinguir mais promptamente as dividas, mantém os impostos estabelicidos, e augmenta a dotação da amortização com a porção, que pelo resgate torna-se livre. Do imposto, e do imposto unicamente é que deriva a potencia de amortizar; ella outra origem não tem; a amortização, que Price collocava fora do systema geral de finanças, a elle se une pelos mais estreitos liames; e para que surta os seus effeitos, uma condição é de rigorosa necessidade; é mister, que ella seja real, ou em outros termos, que provenha de um verdadeiro excedente das receitas sobre as despesas. Aos Estados acontece o mesmo que aos individuos, que não podem diminuir as dividas, senão tanto quanto as suas rendas ultrapassam os gastos.

Abrir empréstimos por um lado, e amortizar pelo outro, é operação completamente falsa, e illusoria. Sempre que o Estado vê-se na precisão de recorrer ao credito, de necessidade suspensa fica a acção da amortização, senão nas formas, aos menos no facto, pela força das circumstancias. A posteridade difficilmente accreditará, que esta verdade tão simples, e hoje tão vulgar não fosse comprehendida pela alta intelligencia de Pitt.

As operações do *Sinking Fund*, à cuja primeira dotação em 1786 elle consagrou um milhão sterl. produziram um effeito magico sobre o espirito publico naturalmente exaltado pela ancia de vêr dimi-

nuido o peso de uma divida, que já no fim da guerra contra a emancipação politica dos Estados-Unidos (1783), elevava-se em capital à 233,733,000 liv. st., e em interesses á 8,176,336 Com aquelle primeiro fundo não se contentou Pitt, e no mesmo anno creou um segundo com o titulo de fundo consolidado, que junto ao primeiro devia operar pelas accumulacões successivas dos dividendos das partes resgatadas, a total liquidacão da divida no espaço de 36 annos. No periodo da intervençãõ contra a França, o fundo amortizador tornou-se consideravel, chegando a subir à 17 milhões st. Entretanto a divida nacional augmentava cada anno em progressão estupenda; aos empréstimos succediam os empréstimos, e nem diante d'elles recuava a confiança publica fascinada pelo prestigio da amortizaçãõ, e pela propaganda de uma sceita de visionarios que assoalhavam, que o capital ficticio creado pelos empréstimos era uma verdadeira opulencia, um vasto capital disponivel, uma parte das riquezas circulantes. Os ministros de S. M. Britannica, que sempre pediam emprestado muito mais, do que resgata-vam, nem por isso deixavam de vir alardear-se no Parlamento dos magnificos resultados da amortizaçãõ. O Estado, diziam elles com orgulho, chegou a consagrar ao seu desempenho uma somma annual igual à 80ª parte da divida. Estas declarações acolhia com applausos a maioria da caza dos Commons, parte d'ella por partilhar a illuzãõ do mo-

† Pablo Pebrer, t. II. part. II, tabella 2.

mento, e parte pela convicção originada artificialmente ájuda dos meios de corrupção parlamentar aperfeiçoados por Walpole, e consolidados por Pitt. Mas por desgraça a cifra da divida não parava em crescer poreffeito dos novos empréstimos, que alimentavam a amortização, de tal sorte, que o Estado, dado que proprietario de uma maior porção de sua divida, todavia em ultimo rezultado devia mais, do que antes. Na concluzão da paz de Paris orçava a divida à somma enorme de 864,822,441 liv. st. . Os successores de Pitt continuaram-lhe o systema, atéque emfim em 1828 a commissão de Fazenda acabou com aquelle instrumento financeiro, condemnando os empréstimos com amortização. Como constantemente superior à receita era a despeza, como cumpria encher o *deficit* com empréstimos, e que o descoberto compunha-se dos quatro quintos do fundo destinado á amortização, dahi resultava o expediente absurdo de pagar dividas com novas dividas mais onerosas. Mas no ponto, a que havia subido o passivo da nação, impossivel se tornava a illuzão; e a Casa dos Communs em 11 de Julho do mesmo anno confirmou a condemnação, declarando que para o futuro consistiria a amortização no excedente das rendas sobre as despezas. «Assim desvaneceu-se, (diz Pebrer na sua *Historia Financeira do Imperio Britannico*) aquelle phantasma, esperança da geração passada, e o resultado dos votos de Pitt, assim quebrada foi essa maquina espantosa, cuja

¹ Pablo Pebrer, t. II, part. II, tabella 2.

alavanca impellida pela imaginação, e dirigida pelos desejos tão ardentes e tão naturaes de um povo inteiro, devia operar a extincção da divida nacional.»

Desde a fundação da caixa da Amortização, a divida publica no Brasil não ha cessado de progredir pelas novas rendas emittidas para accodir à extroardinarias despezas; mas a Administração por outro lado não tem dis-continuado ao mesmo tempo de amortizar. A fallar francamente, si persevera o Brasil em deixar-se levar das tendencias, que o empuxam para o systema do credito, não haverá methodo algum de liquidação, que preservá-lo possa do abismo de uma divida enorme, o que seria tanto mais de deplorar, quanto é elle talvez o povo, que menos impostos paga, e a cuja posição por consequencia menos aggravaria o sacrificio de novas taxas para cobrir as occorrencias sobrelevantes, sem o fatal auxilio das dividas. A amortização é o unico methodo razoavel de liquidação quando os emprestimos são negociados com augmento de capital nominal, ou abaixo do par. mas, nós o repetimos, o excedente da receita sobre a despeza é condição *sine qua non* de successo.

O Governo do Brasil resgatando as apolices com uma mão, e emittindo novas com a outra, não embica por ventura na ficção do systema de Pitt? A alliança das duas operações é repugnante, e contradictoria. Lembremo-nos, que a decepção da amortização Britannica no tempo d'aquelle celebre Ministro não dimanava de sua primitiva, e essencial constituição, mas sim de dissimular os *deficit*, e

de entreter o erro do publico augmentando a divida de uma somma mais forte , que aquella , cujo emboleo effectuava-se.

Dado que illusoria seja para a redução da divida a amortização , que subsiste na ausencia de *excedente* , todavia cremos , que é de boa administração o manter sempre no systema financeiro um fundo de amortização , e eis aqui os motivos.

Quando tal instituição existe , e que consagrado foi pela legislação o principio do resgate proporcional , o Estado não pode concluir emprestimos sem augmentar os impostos , para pagar-lhes o interesse , e elevar a potencia da amortização na determinada proporção : a permanencia do fundo amortizador conduz ao accrescimento dos impostos , que unico pode fortificar o presente , e dar ao futuro meios de desempenhar-se. Mas então , para não descair na ficção de amortizar com novas dividas , seja a caixa da amortização o primeiro prestador até a concurrencia das sommas , de que dispõe. O que ha ahi mais simples? O Estado , necessitando de dinheiro , dirige se directamente à amortização , pede-lhe em emprestado , com condição de pagar-lhe os interesses , e de ajuntar lhe uma dotação proporcionada , o que quer dizer salvas as formas de contabilidade . quo o Estado não tendo verdadeiro excedente de receitas , applica ás suas despezas as rendas destinadas á extincção da divida , mas que para ressarciar a amortização , eleva a cifra dos impostos. Este systema , cuja primeira ideia á Greafell pertence , e que obteve os suffragios de David Ricardo , e Ro-

bert Hamilton, nenhum justo motivo de queixa offerece aos publicos credores. Si de um lado o Estado suspende os resgates, d'outro lado diminue as emissões. O preço das apolices, como o preço de todas as couzas, é determinado pela proporção entre a quantidade pedida, e a quantidade offerecida; ora a emissão das rendas multiplica as vendas na mesma proporção, que a amortização fortifica os resgates, as duas operações se contrapesam, como pesos iguaes nos dous copos de uma balança. De que vantagem é pois para os proprietarios das rendas, que o Estado á novas emissões recorra para resgatal-as? Notai alem disso o quanto é falsa, e enganosa similhante operação! Os capitaes, que compram as rendas do Estado, e vão formar o fundo amortizador, teriam do mesmo modo, e sem a intervenção do Governo, comprado na praça as apolices, de que os credores se querem desfazer. O Governo, que simultaneamente resgata, e pede em prestado, não introduz na praça um novo comprador elle faz-se corrector, e corrector inutil entre credores, que desejam vender, e capitalistas, que querem comprar.

Sem duvida melhor seria a posição dos capitalistas, si circumstancias mais favoraveis ao governo permittissem uma amortização real, e verdadeira; mas deve-se disso accusar as extraordinarias precisões, que causam o *deficit*, e não a suspensão do resgate. Mais de uma vez foi este systema provado em Inglaterra com successo pleno; no emprestimo de 24 milhões st. em 1815 o Ministerio decidio-se á

pedir 12 milhões á amortização. Mal foi esta resolução conhecida, que os fundos subiram', tanto é verdade que a emissão das rendas pela maneira por que opera, e com o effeito moral, que produz, tende talvez a desapreciar os fundos mais, do que o resgate a sustental-os.

Antes de rematar estas observações, uma ultima questão nos resta. A amortização é o meio o menos oneroso de extinguir as dividas publicas? Ha algum outro meio, á que a economia politica assignar possa a preferencia? A esta questão se liga de necessidade a outra sobre a melhor forma de empréstimos.

Desnecessario é fallar aqui das *anticipações*, *ton-tinas*, loterias, rendas vitalicias, grosseiros esboços do credito na sua infancia.

Digamos duas palavras sobre as *annualidades*, e a amortização, os dous systemas, que hoje o terreno disputam-se.

Consiste o modo de liqui daras dividas pelas *annualidades* em addicionar cada anno ao pagamento dos dividendos uma parte do principal emprestado, de maneira á extinguir a divida em um dado prazo. Ao lado de grandes inconvenientes não é sem vantagens este methodo de liquidação; por meio d'elle são possiveis os empréstimos ao par, donde resulta ao thezouro o beneficio de restituir aos credores uma somma igual á que d'elles recebeo, beneficio, de que o priva o resgate das rendas perpetuas, onde algu-

¹ David Ricardo. *Funding system*.

mas vezes monstruosa é a differença entre o capital nominal, e o capital realmente recebido pelo Thezouro. Destinando-se um penhor especial ás *annualidades*, pode-se-lhes assegurar o mesmo credito, que á amortização per accumulo. Uma receita exclusivamente consagrada á este serviço, deposta em caixa sufficientemente garantida, preenchendo as condições de uma liquidação certa, e a termo fixo, aos emprestadores daria confiança, e seguridade.

O methodo das *annualidades* tem em favor seu o exemplo dos Estados-Unidos. Depois da paz de 1783, que lhe consolidou a independencia, a União por um sentimento de confiança no futuro, e nos recursos da propria industria, adoptou o *embolço* por meio de fortes *annualidades*, porque a extincção da divida effectuassem no prazo o mais curto. 10 milhões de dollars foram votados ás extincções annuaes, 1,500,000 para o serviço dos juros, e 8,500,000 para o embolço de uma porção equivalente do capital. Mais consideravel algumas vezes foi a annualidade paga: em 1829 ella elevou-se á 12, 383,500 dollars: assim a divida da União, que em 1816 era de 127,334,933 dol., havia sido redusida em 1831 á 39,123,131 dollars, e a Mensagem do General Jackson ao Congresso no anno p. p. proclamou a liquidação completa da divida nacional, devendo achar-se no thesouro publico em 1836 perto de 19 milhões de dollars disponiveis, e sem destino! Em menos de 20 annos pois os Estados-Unidos se descartaram de uma divida de quasi 160 mil contos de reis, bello e admiravel resultado devido aos es-

forços, ás economias, á industria do povo, e aos desvelos, e perseverança de Administrações esclarecidas, e eminentemente patrioticas!

Entretanto apezar da brilhante experiencia feita nos Estados-Unidos, sérias objecções militam contra os empréstimos com annualidades; elles provocam o consummo do principal, a destruição das fortunas. Nocivos á riqueza publica, ferem a moral, aqual reprova, que o bem das familias seja arrancado á legitimas esperanças.

Pode sem duvida alguma restabelecer o capital o emprego bem entendido do excedente do interesse, mas nem todos os homens tem, como os industriosos Americanos do Norte, assás cuidado, e previdencia na gestão dos seus negocios, por que á cada termo façam a partilha do juro, e do principal, e combinem a numerosa serie de empregos, d'onde possa o capital renascer.

Segundo inconveniente: as *annualidades*, como todos os empréstimos temporarios, impõem ao Estado a obrigação de embolçar o capital em termos marcados, e d'este modo enfraquecem o recurso do credito, e preparam ao governo perigosos embarços. Quem sabe, si em todos os termos terá elle os necessarios meios para desempenhar as suas promessas? Ao mesmo tempo elles o privam da faculdade de aproveitar-se das alternativas do futuro, para substituir os seus primeiros empréstimos por outros contrahidos mais vantajosamente. Elles vão pois contra as duas regras importantes de todo o bom systema de credito, por que a prudencia quer, que o Estado seja

sempre senhor de embolçar á seu grado, e nunca possa a isso ser constrangido.

Accresce d'alem que as *annualidades*, cujo valor vai sempre diminuindo, nunca na praça obtem o preço, que o calculo lhes fixa, por submeter os seus possuidores, si não querem perder o capital, aos embaraços continuos de pôr á renda as parcelas diversas, que cada anno recebem.

No estado actual das couzas a forma de empréstimos em rendas *perpetuas* sendo á toda outra preferivel, a liquidação por meio da amortização é tambem a unica possivel. Entretanto o genero de condições, que arrastra o pagamento d'esta forma de empréstimos, é sobre-maneira danoso á publica fortuna; e aqui a occasião repete-se de notar-mos ainda uma vez, o quão funestos são os expedientes do credito. Supponde, que o Governo em rendas de 6 p. 0/0 contrahe o empréstimo; elle não receberá realmente o capital 100; mas isso não obstante, constituir-se-ha d'elle devedor. Este empenho não significa, que quando approuver ao credor, será o Estado obrigado a dar 100 por uma apolice de 6. p. 0/0. Mas elle demitte-se da faculdade de offerrecer ao credor a alternativa do embolço, ou da redução dos juros, tanto que a renda não toca o par na praça, bemque o par seja differente do capital recebido pelo thesouro; e aguardando aquelle termo da subida dos fundos, o governo resgata as rendas segundo o curso do dia, seja, ou não, o seu preço su-

perior ao da emissão. Quanto mais consideravel é a differença entre o capital nominal, e o capital fornecido pelo emprestador, tanto mais importantes são os direitos, de que se despoja o Estado, e tanto mais duros os encargos, a que se sujeita o Thesouro nacional. Não sendo facil prever com certeza as vicissitudes do credito, o qual pode ganhar, ou perder, o contrato torna-se *aleatorio*. Todavia a tendencia do interesse é para a *baixa*, e o governo compra por um preço elevado aquillo, que vendeo por barato nos máos dias da sua situação financeira. Ordinariamente é tal a differença entre o capital real, e o nominal, que os ganhos dos capitalistas ultrapassam todas as medidas. Quando o governo cede á 50 as apolices de 6 p. 0/0, o emprestador tem realmente os juros de 12, e não de 6, e demais disso um premio de seguro de cento por cento, que lhe dobra o capital, quando as apolices sobem na praça ao valor nominal, ou quando o governo o embolça! Não com maior uzura emprestavam os Israelitas aos governos dos seculos passados, quando a atrocidade da banca-rota entrava como elemento essencial nos seus systemas de finanças.

A mor parte dos escriptores, que esta materia hão tratado, feridos das grandes desvantagens das dividas com accessimo de capital, as repudiarão de todo, recommendando fervorosamente os emprestimos ao par. Mas por uma observação incompleta dos factos não repararam, que o emprestimo, que aconselham, maiores inconvenientes praticos tem que o outro, sem excedel-o em vantagens.

Nas rendas *perpetuas* o ajuste entre o governo, e os capitalistas, fundando-se sobre o credito, que por natureza é eminentemente variavel, não pode deixar de prestar-se ás suas variações. A perspectiva da subida é a indemnisação natural do risco da baixa. Assim, as condições que o governo offerece aos empreendedores, fundam-se, parte, nos interesses, e parte na perspectiva da elevação dos fundos: a differença entre o capital por elle garantido, e o emprestado exprime o ganho, á que o capitalista julga-se ter direito para ressarcir-se da perda, que pode experimentar. Alem disso, afim que illusoria não seja a indemnisação, é tambem necessário, no caso de realisar-se a sorte favoravel, que os emprestadores assegurem-se da manutenção das condições durante certo tempo, de maneira, que possam ter latitude sufficiente para d'ellas goar. Em theze geral, as condições dos emprestimos de capital nominal são fixadas pela somma, que o Estado recebe; e a sua duração pela somma, que suppõe ter recebido. Ora indaguemos agora, quaes os effeitos do emprestimo ao par. O governo vende as apolices á 100, e necessariamente com a cifra dos juros mais elevada, que no outro emprestimo. O tempo corre, o credito publico augmenta, as apolices sobem gradualmente de 100 á 110, á 120, à 130, em um tracto de tempo maior, ou menor. De que maneira procederá o Governo. Resgatará ao curso do dia? Então os effeitos da liquidação deste emprestimo identicos são aos do primeiro. Elle em ambos os casos paga 10, 20, 30 mais, do que recebeo. Proporá aos capitalistas a al-

ternativa do embolço dos seus fundos, ou da conversão dos juros? Dada esta hypothesis, uma nova questão surge. Embolçará ao par, ou segundo o valor, que lhe houver dado o movimento da praça? Ao par, é impossivel no systema de emprestimo, de que tratamos, por que collocaria os capitalistas no caso de possuir titulos, que podem desapreciar-se em detrimento seu, sem offerecer nunca a ventura de um augmento de valor: si o capital das rendas pode descer, pelo mais justo equivalente é mister que possa subir. O embolço ao par só é possivel nos emprestimos feitos abaixo do par, ou nos emprestimos temporarios, por motivos, que é superfluo enumerar aqui.

Embolçando ao curso do dia, então igualmente por este lado os dous emprestimos igualar-se-hião nos prejuisos da liquidação; em um, como n'outro caso o Estado não escaparia ao inconveniente de pagar uma parte do capital, que não recebo. A isto ajuntai, que quando a divida é concluida abaixo do par, os capitalistas ficam certos, que o governo não reduzirá os juros, antes que os fundos cheguem ao ao par, por que mais o interessa o resgate na praça; e aquella certeza do termo dá aos capitalistas a confiança, de que tanto o Estado necessita nas suas operações.

Na supposição porém do emprestimo ao par, a alternativa do embolço, ou da conversão das rendas podendo ter logar sem termo algum fixo, o espirito dos credores achar-se-hia em um estado permanente de suspensão, incerteza, e desconfiança,

com a qual incompative issão a estabilidade do credito, e o valor dos fundos publicos. Para remover este inconveniente, o governo poderia fixar um determinado numero de annos, como termo da reduçãõ. Mas esta clausula, que certo tranquillisaria os capitalistas, accarretar poderia tambem ao governo ter-riveis difficuldades.

Nos emprestimos com elevaçãõ do capital nominal, o termo da reduçãõ estando implicitamente comprehendido na subida dos fundos ao par - o go-vernno pode embolçar os credores, ou deixar de fazel-o; a operaçãõ torna-se *eventual*, e facultativa. Mas quando fixa elle por termo um numero preciso de annos, o contrato é rigoroso; na expiraçãõ do termo as circumstancias serãõ talvez desfavoraveis, e aquella clausula é de natureza a expol-o ás difficuldades de embolçar, ao perigo dos expedientes, á necessidade de novos emprestimos ainda mais one-rosos etc.

Assim no systema de rendas perpetuas sãõ os emprestimos abaixo do par aquelles, que a preferencia merecem. Considerados absolutamente, para que offereçam elles condições menos ruinosas, convem que contrahidos sejam na proximidade do par, afim de que dando aos capitalistas uma moderada, e razoavel indemnizaçãõ contra os *casos* desfavoraveis, lesem igualmente o menos possivel o thesouro pu-blico: convem em segundo logar, que a taxa nomi-nal dos juros seja assás baixa, e até inferior á do com-mercio; a economia nos interesses é condiçãõ essencial á natureza desta especie de emprestimos,

em que a differença entre a somma emprestada , e o capital nominal promete sempre sufficientes ganhos ao emprestador.

Resumamos agora os resultados , a que nos levou esta breve discussão acerca do credito publico. Eil-os aqui os principios mui simples , á que , segundo nossa maneira de vêr . reduz-se a theoria do credito.

O credito é uma ruinosa maneira de provêr á despesas extraordinarias ; por meio d'elle o Estado procura subtrahir-se , e furtar-se ao peso ; mas o que hoje não dispende , dispendirá mais tarde , pagando o triplo das sommas dispendidas , e prodigalizando a sua fortuna de um modo desastroso.

Sempre o imposto de preferencia aos emprestimos : para trabalhar , economisar , e sacrificar os gozos ás precisões do Estado , necessaria é a energia , mas o premio vale o esforço , quando se trata da prosperidade , e da ventura da Patria.

Nas crises imminentes do Estado , que tornam impotente o recurso do imposto , os emprestimos estrangeiros devem ser ante-postos aos feitos no paiz. Os primeiros tiram o sangue ao corpo politico , mas poupam-lhe os orgãos ; os segundos extrahem o sangue , e extirpam os orgãos , que o fabricam.

A melhor forma de emprestimos é a das rendas perpetuas com o capital aproximado do par . com juros pouco elevados , sem obrigação de embolço , mas com a faculdade de operal-o , e de reduzir os

interesses, quando a taxa dos juros vem a diminuir.

Para liquidar a divida, uma amortização consideravel, obrando com interesses compostos, proportional, augmentada á cada emprestimo, e engrossada com os excedentes das receitas, e o producto das reduções. Nada de resgates, quando o governo é forçado a novos emprestimos, e seja então a amortização o emprestador, cujas rendas devem crescer na proporção do emprestimo.

F. S. TORRES HOMEM.

ENSAIO

SOBRE A HISTORIA DA LITTERATURA

DO BRASIL.

ESTUDO PRELIMINAR.

A Litteratura de um povo é o desenvolvimento do que elle tem de mais sublime nas ideias, de mais philosophico no pensamento, de mais heroico na moral, e de mais bello na Natureza, é o quadro animado de suas virtudes, e de suas paixões, o despertador de sua gloria, e o reflexo progressivo de sua intelligencia. E quando esse povo, ou essa geração desaparece da superficie da Terra com todas as suas instituições, suas crenças, e costumes, a Litteratura só escapa aos rigores do tempo, para annunciar ás gerações futuras qual fôra o caracter do povo, do qual é ella o unico representante na posteridade; sua voz como um echo immortal repercute por toda a parte, e diz: em tal época, de baivo de tal constellação, e sobre tal ponto da terra um povo existia, cujo nome eu so conservo, cujos heroes eu só conheço; vos porém si pertendeis tambem conhecê-lo, consultai me, por que eu sou o espirito desse povo, e uma sombra viva do que elle foi.

Cada povo tem sua Litteratura, como cada homem o seu caracter cada arvore o seu fructo. Mas

esta verdade, que para os primitivos povos é incontestavel, e absoluta, todavia alguma modificação experimenta entre aquelles, cuja civilisação apenas é um reflexo da civilisação de outro povo. Então similhante as arvores enxertadas, vem-se pender dos galhos de um mesmo tronco fructos de diversas especies, e posto que não degenerem aquelles, que do enxerto brotaram, comtudo algumas qualidades adquirem, dependentes da natureza do tronco, que lhes dá o nutrimento, as quaes os distinguem dos outros fructos de sua mesma especie. Em tal caso porém as duas Litteraturas marcham a par, e conhecer-se pode qual a indigena, qual a estrangeira. N'outras circumstancias, como as agoas de dous rios, que n'um confluente se annexam, e confundidas em um só leito se deslisam, as duas Litteraturas de tal geito se alliam, que impossivel é o separal-as. A Grecia, por exemplo, tinha uma Litteratura, que lhe era propria, que explica suas crenças, sua moral, seus costumes, uma Litteratura toda filha de suas ideias, uma Litteratura emfim toda Grega.

A Europa de hoje, ou tomemos a França, ou a Inglaterra, ou a Hespanha, ou Portugal, apresenta o exemplo da segunda proposição; alem da Litteratura, que lhe é propria, desta Litteratura filha de sua civilisação originaria do Christianismo, nós ahi vemos outra Litteratura, que chamamos enxertada, que não é mais do que uma lembrança da mythologia antiga, e uma recordação de costumes, que ella não possui; e não só as duas Litteraturas marcham

apar, como muitas vezes um mesmo Poeta se vota á cultura de ambas, e como diz Tasso fallando do magico Ismeno.

Anzi sovente in uso empio e profano
Confonde le due leggi a se mal note.

Para prova da terceira proposição, no caso em que as Litteraturas de modo tal se mesclam, que se não pode separal-as, nós vemos na Litteratura Romantica de Hespanha uma mistura de ideias cavalherescas, e Arabes, restos da antiga civilisação dos Arabes; algumas vezes si ella é christã no seu fundo, é ella Arabe quanto a forma.

Mas não são estas as unicas modificaçoens, que entre os diversos povos experimenta a Litteratura; outras ha, que da natureza mesmo do homem, da civilisação, e do progresso dependem; por que seja qual for a modificação, que a Litteratura soffra, em accordo acha-se sempre esta modificação com o character, e estado de civilisação desse povo. Assim a Litteratura é variavel como são os seculos, semelhante ao Thermometro, que sóbe ou desce segundo o estado da atmospherá.

Por uma especie de contagio, uma ideia lavra entre os homens de uma epocha; reúne-os todos n'uma mesma crença; seus pensamentos se harmonisam, e para um só fim tendem. Cada época representa então uma ideia, que marcha escoltada d'outras, que lhe são subalternas, como Saturno rodeiado de seus satellites; ella contem, e explica

as outras ideias como as primissas no raciocinio contem, e explicam a conclusão. Essa ideia é o espirito, e o pensamento mais intimo de sua epocha, é a razão occulta de todos os factos contemporaneos. A Litteratura abrangendo grande parte de todas as Sciencias, e Artes, e sendo ella só filha, e representante moral da civilisação, é mister um concurso de extensos conhecimentos para poder-se traçar sua historia geral, ou particular, e jamais perder-se de vista a ideia predominante do seculo, luminoso guia na indagação, e cóordenação dos factos, sem o que a historia é nulla e sua missão illudida.

Applicando-nos agora especialmente ao Brasil; as primeiras questoes; que se nos apresentam são: qual é a origem de sua Litteratura? Qual seu progresso, seu character, que phascos tem tido? Quaes os que a cultivaram, e as circumstancias, que em differentes tempos favoreceram, ou tolheram seu florecimento? Havemos pois mister remontarmo-nos ao estado do Brasil de pois de seu descobrimento, d'ahi pedindo conta á historia, e á tradição viva dos homens do como se passaram as cousas, seguindo a marcha do desenvolvimente intellectual, e pesquisando o espirito que a presidia, poderemos livremente mostrar, não acabado, mas ao menos verdadeiro quadro historico da nossa Litteratura.

Mas antes de encetar a materia, uma consideração aqui nos demóra, e pede o caso que a explanemos. Lugar é este de expormos as difficuldades, que na execução desta obra encontrámos. Aquelles, que alguns lumes de conhecimentos possuem sobre a

Litteratura Brasileira sabem, que mesquinhos e exparsos são os documentos, que sobre ella consultar-se podem. Nenhum nacional, que nós conheçamos, occupados até hoje com tal objecto. Doses estrangeiros, MM. Bouterwech, Sismonde de Simondi, e Ferdinand Diniz alguma cousa disseram. O primeiro apenas conhecia Claudio Manoel da Costa, de quem alguns pedaços apresenta, o segundo inteiramente pautúa-se sobre o primeiro; e a menção, que faz de alguns Brasileiros fôra mesmo excluída do plano de sua obra sobre a Litteratura do Meiodia da Europa, si n'ella não entrasse como um appendice á historia da Litteratura Portugueza. No resumo da historia Litteraria de Portugal, e Brasil, por M. Ferdinand Diniz, post o que separadas estejam ellas, e por ventura mais extenso desenvolvimento esta ultima offereça, com tudo, basta uma vista d'olhos para ver-se que ainda longe está de ser completa, servindo apenas para dár uma ideia a estrangeiros. Eis tudo o que sobre a Litteratura do Brasil se tem escripto; e si por isto so nos guiassemos, na impossibilidade em que ficariamos de nada podermos ajunctar. teriamos prefferido o traduzir, o que de bem pouca monta fôra para á historia, Empeñados em dar alguma cousa mais meritoria, começámos por estudar a nossa historia, e desde ali deparámos com grandes embaraços para o nosso escopo. Necessario nos foi a leitura do immenso trabalho biographico do Abade Barbosa, para podermos achar aqui e alli o nome de um Brasileiro distincto, no meio dessa alluvião de nomes colleccionados ás

ezes com bem pouca critica. Ainda assim convinhamos ler suas obras; eis ahi uma quasi insuperavel arreira; embalde por algumas dellas, de que tinhamos noticia, investigámos todas as Bibliothecas de Paris, de Roma, de Florença, de Padua e de outras principaes cidades de Italia, que vesitámos: foi-nos preciso contentar-nos com o que podemos obter. Cresce mais que dos nossos primeiros Poetas ignoramos as epochas de seus nascimentos, que tanto preço damos nós aos grandes homens, que nos honram, desses homens cuja heranca é hoje nossa unica gloria. Esta difficuldade foi já reconhecida pelo illustre Edictor do Parnasso Brasileiro, cujo trabalho tão digno de louvor, assaz servio-nos. Em fim, de pois de um longo e enfadonho estudo, vimos-nos quasi redusidos sem outro guia, que o nosso proprio juizo, a lermos, e analysarmos os auctores, que obter podemos, esperando que o tempo nos facilite os meios para o fim a que nos propomos. Todos estes trabalhos, e obstaculos indicamos, não com o fito de realçar o merito deste nosso bosquejo, mas sim para podermos merecer des-culpa de faltas, e penurias, que borbulhar devem de todos os lados, e outro fim para que, á vista de tal incuria, e mendiguez, mais zelozos sejamos em pesquisar, e conservar os monumentos de nossa gloria para as raças futuras, a fim que não nos exprobrem nosso desmazelo, e de barbaros não nos accussem, como fariamos com justa causa dos nossos maiores. Nós pertencemos ao futuro, como o passado nos pertence. A gloria de uma nação, que existe, ou que já existira, não é senão

um reflexo da gloria de seus grandes homens ; de toda a antiga grandeza da patria dos Ciceros, e dos Virgílios apenas restam suas immortaes obras, e essas ruínas, que tanto attrahem a vista do estrangeiro, e no meio das quaes Roma se sustenta, e se enche de orgulho. Que cada qual se convença do que diz Madama de Staël que : » A gloria dos grandes homens é o patrimonio de um paiz livre ; de » pois de sua morte todos participam d'ella. » O aparecimento de um grande homem é uma epocha para a historia, e semelhante a uma joia preciosa, que só possuímos quando a podemos possuir, o grande homem jamais se apresenta quando nós não o merecemos. Elle existe no meio de nós sem ser conhecido, sem se conhecer a si mesmo, como o ouro nas entranhas da terra, e so espera que o desencavem para adquerir seu valor. Empreguemos os meios necessarios, e nós possuiremos grandes homens. Si é verdade que a paga anima o trabalho, a recompensa do Genio é a gloria, e segundo o bello pensamento de M^{me} de Staël : « O Genio no meio da sociedade é uma dor, uma febre interior de que se deve tractar como verdadeira molestia, si a recompensa da gloria não lhe adoça as penas. »

O Brasil descoberto em 1500, jazeo trez seculos esmagado de baixo da cadeira de ferro, em que se recostava um Governador colonial com todo o peso de sua insufficiencia, e de sua imbecilidade. Misquinhas intençoens politicas, por não avançar outra cousa, leis absurdas, e iniquas dictavam, que o progresso da civilisação, e da industria entorpeciam. Os

melhores genios em flor morriam , faltos deste orvalho protector, que os desabrocha; um ferete ignomimoso de desapprovação, na fronte gravado do Brasileiro , indigno o tornava de altos e civís empregos. Para elle obstruidas, e feixadas estavam todas as portas, e estradas que á illustração o conduzir podiam; umas ó porta ante seus passos seabria, era a porta do convento, do retiro, e do esquecimento. A Religião franqueava esta porta, a Religião a feixava sobre seus pa sos; e o sino, que o chamava ao Claustro, annunciava tambem sua morte para o mundo. O genio em vida sepultado, cercado de mysticas imagens, apenas saía para catequisar os Indios no meio dos desertos, ou para pregar aos fieis as austeras verdades do Evangelio. Mas em vão; as virtudes do Christianismo não podiam domiciliar nos coraçoes embebidos nos vivios desses homens, pela mor parte tirados das cadeias de Lisbóa, para vir povoar o Novo Mundo. Que Deos nos preserve de lançar o opprobrio sobre ninguem. Era então um systema de fundar colonias com homens destinados ao patibulo; era basear uma Nação nascente sobre todos os generos de vicios, e crimes; é ainda por um systema igual que nós reservamos para deffensores da Patria, para sustentaculos dos nossos direitos, e guardas das nossas cidades os homens mais ignobeis, corrompidos pela devassidão.

Taes homens (os primeiros habitantes do Brasil) de seu lado para seus proprios filhos olhavam como para uma raça degenerada, inepta para tudo; fatal preconceito, que ainda hoje medra entre alguns

Portuguezes. Quanto aos Indios, esses perseguidos eram com ferro, e fogo, como se fossem animaes ferozes; nem elles em outra cathegoria eram considerados. Sabe-se que necessario foi, que uma Bula do Papa Paulo, 3º declarasse que eram os Indios verdadeiros homens, e capazes por isso da fé de Christo; sem o que os Europeos talvez os houvessem de todo exterminado. Da barbaridade de taes homens traçamos Vasconcellos¹ um quadro, quando nos diz: « os Portuguezes, que alli já estavam, e começavam a povoar esses lugares, viviam a modo de gentios; e os gentios com o exemplo destes iam fazendo menos conceito da lei dos Christãos: e sobre tudo, que viviam aquelles Portuguezes de um tracto vilissimo salteando os pobres Indios, ou nos caminhos, ou em suas terras, servindo-se d'elles, e avexando-os contra todas as leis da razão. » E mais abaixo diz ainda: « viviam (os Portuguezes) do rapto dos Indios, e era tido o officio de assalteal-os por valentia; e por elle eram os homens estimados. » Tal era o estado d'aquelles tempos. Que podemos nós ajunctar a estas citaçoens? Tal era toda a industria, a arte, e a sciencia dos primeiros habitantes do Brasil. Triste é sem duvida a recordação dessa epocha, em que o Brasileiro, como lançado em uma terra estrangeira, duvidoso em seu proprio paiz vagava, sem que dizer podesse: isto é meu, neste lugar nasci. Envergonhava-se de ser Brasileiro, e muitas vezes com o nome Portuguez se acobertava, para ao

¹ Chronica da companhia de Jésus, liv. 1, pag. 56.

menos apparecer como um ente da especie humana e poder alcançar um lugar em seu paiz. Dest'arte circunscripto em tão curto estadio, extranho á nacionalidade, sem o incentivo da gloria, este novo povo vegetava. Quem não dirá, que Portugal, com este systema exterminador só curava de atenuar, e enraquecer esta immensa colonia, por que conhecia sua propria fraqueza, e ignorava seus mesmos interesses? Quem não dirá, que elle temia que a mais alto ponto o Brasil se erguesse, e a gloria lhe offusasse? Assim é que um barbaro senhor algema seu escravo, receoso que elle se escape, e so lhe desprende um braço ou outro quando d'elle algum trabalho requer. A Economia Politica tem combalido victoriosamente o erro, que desde muito la vrava na politica, que um povo não se póde engrandecer senão a custa de outro povo, e com o sacrificio de tudo que o rodeia. Politica esta, que, à imitação dos Romanos, e de todos os povos dos baixos tempos, Portugal exerceo sobre o Brasil.

O tempo sanccionou estas-verdades, que a historia, e a memoria de recentes factos nos indicam, e o tempo, em sua marcha proseguindo, irá mostrando aos homens qual é o destino, que a Providencia tem marcado a este Imperio da America. A Deos prasa, que este perigioso fermento, que entre nós gyra, este germe de discordia, resaibo ainda da não apurada educação, e sobre tudo a escravidão, tão contraria ao desenvolvimento da industria, e das artes, e tão perneciosa á moral, não empeçam sua marcha, e seu engrandecimento.

Estas considerações parecerão talvez fora do objecto a que nos propomos; mas ellas intimamente a elle se ligam, e o explicam : ainda uma vez, e por outras palavras diremos, que o nosso fim não é traçar a biographia chronologica dos Auctores Brasi-leiros, mas sim a historia da Litteratura do Brasil, que toda a historia, como todo o drama, supõe lugar da scena, actores, paixoes, um factó progressivo, que se desenvolve, que tem sua razão, como tem uma causa, e um fim. Sem estas condições nem há historia, nem drama.

Ao travez porê m das espessas trevas em que estavam mergulhados os homens no novo continente, viram-se alguns genios superiores brilhar de passagem, bem similhantes a essas luzes errantes, que o peregrino investigador admira em solitaria noite nos desertos do Brasil; sim, elles eram como os Pyrilampos, que no meio das trevas phosphoream. E poder-se-ha com razão accusar o Brasil de não ter produzido genios de mais subido quilate? Mas que povo escravizado pode cantar com harmonia, quando o retinido das cadeias, e o ardor das feridas sua existencia torturam? Que colono tão feliz, inda com o peso sobre os ombros, e curvado para a terra, o vóz erguê o no meio do Universo, e gravou seu nome nas paginas da memoria? Quem, não tendo o conhecimento de sua propria existencia, e só de scenas de miseria rodeiadó, pôde soltar um riso de alegria, e exhalar o pensamento de sua individualidade? Não; as Sciencias, a Poesia e as Artes, filhas da Liberdade, não são partilhas do es-

ravo; Irmaes da gloria, fogem do paiz amaldiçoado onde a escravidão rasteja, e só com o Liberdade habitar podem.

Si refletirmos, veremos que não são poucos os scriptores para um paiz que foi colonia Portugueza, ara um paiz no qual ainda hoje o trabalho dos litteratos, longe de assegurar lhos, com a gloria, uma independencia individual, e um titulo de mais, ao contrario parece desmerecel-os, e desvia-los da ligação dos homens *positivos*, que desdenhosos dizem: é um poeta; sem distinguir si apenas é um trovista, ou um homem de genio; como si dissessem: Eis-ahi um ocisso, um parasita, que não pertence a este mundo; deixai-o na sua mania. Ahi canta o Vate por mera inspiração celeste, por esta necessidade de cantar, para dar um desafogo a seu coração. Ao principio cantava-se para louvar a belleza, a virtude, seus amores; cantava-se ainda para adoçar as marguras d'alma; e tanto que a ideia de Patria pareceo aos Poetas, começaram elles a invocalla para objecto de seus canticos. Mas sempre, como o peregrino no meio dos bosques, que canta sem esperar recompensa, o Poeta Brasileiro, não é guiado pelo interesse, e só o Amor mesmo da Poesia, e de sua Patria o arrasta. Elle pode dizer com o Epico portuguez.

Vereis amor da Patria, nao movido
De premio vil.

Si em total esquecimento muitos d'elles existam, provêm isto em parte da Lingoa em que escre-

veram , que tão pouco conhecida é o Idioma Luso na Europa, e particularmente em França, Inglaterra, e Alemanha, onde mais alto sôa o brado da fama, e colossal reputação se adquire; em parte sobre nós deve recaír a sensura, que tão prodigos somos em louvar, e admirar os estranhos, quão mesquinhos nos mostramos para com os nossos, e deste geito visos damos de que nada possuímos. Não que pertendamos, que á esmo se louve tudo que nos pertence, só por que nos pertence, fora insupportavel; mas porventura vós, que consumistes vossa mocidade no estudo dos classicos Latinos ou Gregos, vós que ledes Voltaire, Racine, Camoens ou Filynto, e não cessais de admiralo-os muitas vezes mais por imitação, que por propria critica, apreciáis vós as bellezas naturaes de um Sancta Rita Durão, de um Basilio da Gama, de um Caldas?

Toca ao nosso seculo restaurar as ruinas, e reparar os erros dos passados seculos. Cada Nação livre reconhece hoje, mais que nunca, a necessidade de marchar. Marchar para uma Nação é engrandecer-se, é desenvolver todos os elementos da civilisação. Ha mister reunir todos os titulos de sua existencia, para tomar o posto, que justamente lhe compete na grande liga social, como o nobre recolhe os pergaminhos de sua genealogia, para em face do Rei fazer-se credor de uma nova graça. Si o futuro só póde sair do presente, a grandeza d'aquelle se medirá pela deste. O Povo que se olvida a sí mesmo, que ignora o seu passado, como o seu presente, como tudo o que em sí se passa esse Povo ficará

empre na immobillidade como o Imperio Indolhinez

Nada de exclusão, nada de deprezo. Tudo o que poder concorrer para o esclarecimento da historia era! dos progressos da humanidade mereeer deve a nossa consideração. Jamais uma Nação poderá preferer o seu futuro, quando ella não conhece o que ella é, comparativamente com o que foi. Estudar o passado, é ver melhor o presente, é saber como se deve marchar. Nada de exclusão; a exclusão é dos espiritos apoucados, que em pequena orbita gyram, em pre satellites, e brilhantes com luz emprestada. O amante da verdade porem, per caminhos não trilhados, em tudo encontra interesse, e objecto de profunda meditação. Como o viajor naturalista, que se extasia na consideração de uma florzinha desohecida, que o homem bronco tantas vezes vira com desprezo. O que era ignorado, ou esquecido romperá dest'arte o envoltorio de trevas, e aheará devido lugar entre as cousas já conhecidas. Depois de tantos systemas exclusivos, o espirito eclectico anima o nosso seculo, elle se levanta como um immenso colosso vivo, tendo diante dos olhos os annos de todas as geraçoens, n'uma mão o archote da Philosophia acceso pelo genio da investigação, com a outra aponta a esteira luminosa, onde se convergem todos os raios de luz, escapados do branlão que sustenta. Luz, e progresso; eis sua diviza. Não, oh Brazil no meio do geral movimento, tu não deves ficar immovel e tranquillo como o colono em ambição e sem esperanças. O germen da civili-

sação depositado em teu seio pela Europa , não tem dado ainda todos os frutos , que deveria dar; vicios radicaes tem tolhido seu desenvolvimento. Tu afastaste de teu collo a mão extranha , que te suffocava, respira livremente, respira, cultiva as sciencias, as artes, as lettras, a industria, e combate tudo que entreval-as póde.

Não se póde lisongear muito o Brasil de dever a Portugal sua primeira educação , que tão mesquinha foi ella, que bem parece ter sido dada por mãos avaras e pobres; com tudo bôa ou mà d'elle herdou, e o confessamos, a Litteratura, e a Poesia, que che-dagas á America não perderam seu character Europeo. Com a Poesia vieram todos o Deoses do paganism, espalharam-se pelo Brasil, e dos céos, das florestas, e dos rios se apoderaram. A Poesia do Brasil não é uma indigena civilisada, é uma Grega, vestida á Franceza, e á Portugueza, e climatisada no Brasil; é uma Virgem do Helicon, que, peregrinando pelo Mundo, estragára seu manto, talhado pelas mãos de Homero, e sentada á sombra das Palmeiras da America, se apraz ainda com as reminiscencias da Patria, cuida ouvir o doce murmurio da Castalia, e o trepido susurro do Lodon, e do Ismeno, e toma por um rossinol o sabiá, que gorgeia entre os galhos da lorangeira. Entantados por este nume seductor, por esta bella Estrangeira, os Poetas Brasileiros se deixaram levar pelos seus canticos, e olvidaram as simples imagens, que uma Natureza virgem com tanta proffusão lhes offerencia; semelhante a Armida de Tasso, cuja belleza, artificios, e

lozes palavras attrahiram, e desorientaram os principaes guerreiros de Goffredo. É rica a mythologia, são bellas suas ficçoens, mas á força de serem repetidas, e copiadas vão desmereendo, alem de que, como o passaro da fabula, despimos nossas plumas para apavonar-mo-nos com antigas gallas, que não nos pertencem. Em Poesia requer-se mais que tudo invenção, genio, e nuvidade; repetidas imitaçoens o espirito embrutecem, como a muita arte, e preceitos tolhem, e suffocam o genio; as primeiras verdades da sciencia, como os mais bellos ornamentos da Poesia, quando a todos pertencem, a ninguem honram. O que dá realce, e nomeada a alguns dos nossos Poetas não é certamente o uso destas ficçoens; mas sim outro genero de bellezas naturaes, não colhidas nos livros, mas que só a Pátria lhes inspirára. Ora tão grande foi a influencia, que sobre o Genio Brasileiro exercêo a Grega mythologia transportada pelos Poetas Portuguezes, que muitas vezes Poetas Brasileiros em pastores se metamorphoseam, e vão apassentar seu rebanho nas margens do Tejo, e cantar á sombra da faias.

Mas existe no homem um instincto occulto, que, em despeito dos calculos da educação, o dirige; e de tal modo este instincto aguilhôa o homem, que em seus aetos imprime um certo character de necessidade, a que nós chamamos ordem, ou natureza das cousas. O homem collocado diante de um vasto mar, ou no eume de uma alta montanha, ou no meio de uma virgem e enmaranhada floresta, certo, não podrá ter os mesmos pensamentos, as mesmas ins-

piraçoens , como se elle assistisse aos olympicos jogos , ou na pacifica Arcadia habitasse. Alem destas materiaes circumstancias, variaveis nos diversos paizes, que assaz influem sobre a parte descriptiva, e caracter da paysagem poetica ; um elemento ha, sublime por sua natureza, poderoso por sua inspiração, variavel porem quanto a sua forma, que é a base da moralidade Poetica, que empluma as azas ao Genio, que o abala, e o fortifica, e ao travez do mundo physico até Deos o eleva ; este elemento é a Religião. Si sobre taes pontos meditassan um só instante os primeiros Poetas Brasileiros, certo que logo teriam abandonado esta Poesia estrangeira, que destruía a sublimidade de sua Religião, paralisavallhes o Genio, e os cegava na contemplação de uma Natureza grandiosa, reduzindo-os a final a meros imitadores. Não ; elles não meditaram, nem meditar podiam ; no principio das cousas obra-se primeiro, depois reflecte-se. Acreditava-se então que mythologia, e Poesia uma e a mesma cousa eram. O instincto porem guiou-os ; e posto que lentamente, as encanecidas montanhas da Europa humilharam-se diante das sempre verdes e alterosas montanhas do Novo-Mundo ; a virgem Homericã, semelhante a convertida Esposa de Eudoro abraça o Christianismo, e neophyta ainda, mal iniciada nos mysteriosos arcanos de sua nova Religião, resvala ás vezes, e no enlevo d'alma, no meio de seus sagrados

¹ Imodoce, esposa de Eudoro, dos *Martyres* de M. de Chateaubriand.

canticos, se olvida, e a dormentada sonha com as graciosas mentiras, que o berço lhe embalaram. Não, ella não pode ainda, posto que naturalisada na America, esquecer-se dos sagrados bosques do Parnaso, á cuja sombra se recreara desde o albor de seus annos; dir-se-hia que ella é combatida pela molestia da Patria, e que nos assomos da Nostalgia á Grécia transportada se julga, e com seus Deoses delira. Saudosa molestia, que só o tempo curar pode. Mas emfim é já um grande passo; e prasa ao céu que a conversão seja completa, e que os vindouros vates Brasileiros achem no puro céu de sua Patria um sol mais luminoso que Phebo, Angelicos Genios, mais sublimes que as Pierdes, que os inspirem.

Se comparamos o actual estado da civilisação do Brasil com o das anteriores epochas, tão notavel differença encontramos, que cuidar-se-hia que entre o passado seculo, e o nosso tampo ao menos um seculo madiára. Devido é isto á causas, que ninguem hoje ignora. Com a expiração do dominio Portuguez, desenvolveram-se as ideias. Hoje o Brasil é filho da civilisação Franceza; e como Nação é filho desta revolução famosa, que balançou todos os thronos da Europa, e repartio com os homens a purpura, e os sceptros dos Reis. O Gigante da nossa idade até a extremidade da Peninsula enviou o susto, e o neto dos Afonsos aterrorisado como um menino temêo que o braço do Arbitro dos Reis cair fizesse sobre sua cabeça o palacio de seus avós. Elle foge, e com elle toda a sua corte, deixam o natal Paiz, e trazem ao solo Brasileiro o aspecto novo de um Rei, e os

restos de uma grandeza sem brilho. Eis aqui como o Brasil deixou de ser colonia, e á cathegoria de Reino Irmão foi elevado. Sem a Revolução Franceza, que tanto esclareceo os povos, este passo tão cedo se não daria. Com este facto uma nova ordem de cousas abrio-se para o Brasil. Aqui deve parar a primeira epocha da Historia do Brasil. Começa a segunda, em que elle collocado sobre mais ampla estrada, se apresta para conquistar a liberdade. consequencia necessaria do seu estado de civilisação. As epochas da Historia do Brasil são como especies de contra pancadas, ou echos dos grandes fastos modernos da Europa. O primeiro, como vimos, dividido foi á Revolução Franceza, o segundo á promulgação da constituição em Portugal, e apressado pela volta do Rei á Lisboa. O Brasil então não podia mais viver de baixo da tutela de uma metropole, que de suas riquezas se nutria, e o pertendia reduzir o ao antigo estado de colonia. Necessario era a Independencia; todos a desejavam, empossivel era sufocar o grito unaneme dos coraçoes Brasileiros avidos de Liberdade, e de progresso. E quem pode oppor-se á marcha impetuosa de um Povo, que conhece sua propria força e firma sua vontade? A Independencia foi proclamada em 1822, e reconhecida 3 annos depois. Mas tarde a experiencia mostrou que tudo não estava feito; cousas, ha que se não podem prever. O Brasil, que parece pautar suas acçoens, e seguir as pegadas da Nação Franceza, no anno seguinte ao de 1830 em que caíu do throno da França o Rei, que o occupava, accorde

movimento experimentou elle; e a corôa, que cingia a frente de um Principe Portuguez, reservado pela Providencia para assignalar-se na terra de sua Patria, e cujo coração não palpitava de amor por sua Patria adoptiva, passou para o Joven Imperador, que fôra ao nascer pelas auras da America bafejado, e pelo sol dos tropicos aquecido. Assim tem sempre e Brasil medrado, olhando para a França, e nós nos lisongeamos que elle não retrogradará, tomando esta grande mestra por guia.

De duas distinctas partes consta a historia do Brasil, comprehendendo a primeira os seculos XVI, XVII e XVIII; a segunda o curto espaço, que de 1808 até os nossos dias decorre. Examinaremos agora quaes os escriptores são destes differentes tempos, qual o character, e o progresso, que a Litteratura tem feito. No seculo XVI, que é o do descobrimento, nenhum escriptor existio de que noticia tenhamos. No seculo XVII alguns appareceram Poetas, e Prosaadores, de que fallaremos em particular em um artigo consagrado a este objecto. Em geral diremos que, como debaixo dos auspicios da Religião, e trabalhos dos Jesuitas as primeiras povoaçoens se fundaram, a Litteratura nesse seculo notavel propensão Religiosa mostra, particularmente a prosa, que toda consiste de oraçoens sagradas. É no seculo XVIII que se abre a carreira Litteraria no Brasil, sendo a do seculo anterior tão minguada, que apenas serve para a historia. Neste seculo os moços, que a Europa colher íam os fructos da sapiência, trouxeram para o seio da Patria os germens de todas as Scien-

cias, e Artes; aqui benigno acolhimento acharam nos espiritos avidos de saber - e dest'arte se propagaram as luzes, dado que a estrangeiros, e álguns livros empedido fosse o ingresso. É innegavel que com a França o nosso commercio scientifico, e litterario particularmente tem existido. Originaes, ou tradusidos deram os Auctores Francezes á Portugal no seculo XVIII as Sciencias, e as Lettras, e por consiguiente ao Brasil. Então vasto campo Litterario abrio-se no Brasil, todos os ramos da Litteratura ahi foram eultivados; homens de subida tempera mostraram que os genios dos ineultos sertoes da America podiam dilatar seu voo até as margens do Tejo, e emparelhar com as Tagides no canto. No seculo XIX com as mudanças, e reformas politicas, que tem o Brasil experimentado, nova face Litteraria apresenta. Uma só ideia absorve todos os pensamentos, uma nova ideia até alli desconhecida, é a ideia da Patria; ella domina tudo, tudo se faz por ella, ou em seu nome. Independencia, Liberdade, instituioens soeiae, reformas, politica em fim, taes são os objectos, que attrahem a attenção de todos, e os unicos, que ao povo interessam. Tem-se convindo, e com que razão que eontrarias á Poesia são as epochas revolucionarias. Em taes crises a Poesia, quenunca morre, so falla a lingoagem do enthusiamo Patriotico, e das paixoes, é a epocha aos Tyrteos. Mas longe estamos por isso de amaldiçoarmos as Revoluçoens; nós conhecemos sua missão na historia da humanidade; ellas são uteis, por que meios são indispensaveis para o progresso de genero humano,

e até mesmo para o movimento, e progresso Litterario. Quando ellas agitam as sociedades, é verdade, a cansada Litteratura pára um pouco, e desmaiar parece, mas é para de novo continuar mais bella e remoçada em sua carreira, como o viajor repousa assustado, quando negras nuvens trovejain, e propincua tempestade ameaçam; mas, fiada ella, continua sua marcha, gozando a perspectiva de um céu puro e sereno, de um ar suave, e de um campo por uma nova vegetação esmaltado.

Aqui terminamos a vista geral sobre a historia da Litteratura do Brasil, desta Litteratura não no Paiz nascida. Antes porem de entrarmos na descripção, e analyse dos escriptores, uma questão se levanta, e requer ser aqui tratada, questão toda concernente ao Paiz, e aos seus indigenas. Pode o Brasil inspirar a imaginação dos Poetas? E os seus indigenas cultivaram por ventura a Poesia? Examinemos.

Tão geralmente conhecida é hoje esta verdade, que a disposição, e character de um paiz a mais decisiva influencia exerce sobre o physico, e moral de seus habitantes, que nós a passamos como um principio, e cremos inutil insistir em demonstral-a com argumentos, e factos por tantos Naturalistas, e Philosophos apresentados. Ahi estão Buffon, e Montesquieu, que assaz a demonstram. Ainda hoje Poetas Europeos vão bber no Oriente suas mais bellas inspiraçoens. Byron, Chateaubriand, e Delamartinesobre seus tumultos meditaram. Ainda hoje se admira o tão celebrado céu da Grecia, o céu que inspirára a Homero, e a Pindara, e o céu que inspirára a Virgilio

e Horacio. Nos vimos o céo, que cobre as ruínas do Capitólio, e as do Colisêo, sim, elle é bello; mas oh! que o do Brasil não lhe cede em belleza! fállem por nós todos os viajores, que, por estrangeiros, de suspeitos não serão taxados. Sem duvida fazem elles justiça, e o coração do Brasileiro, não tendo muito de ensuberbar-se quanto aos productos das humanas fadigas, que só com o tempo se adquirem, enche-se, e palpita de satisfação, vendo as sublimes paginas de Langsdorff. Nisved, Spixet et Martius, Saint-Hilaire, Debret, e uma multidão d'outros viajores, que as bellezas de sua Patria conhecidas fizeram á Europa.

Este immenso e rico paiz da America, debaixo do mais bello céo situado, cortado de tão pujantes rios, que sobre leitos d'ouro, e pedras preciosas rolam suas agoas caudalosas; este vasto terreno revestido de eternas matas, onde o ar está sempre embalsamado com o perfume de tão peregrinas flores, que em chuueiros se despenham dos verdes docéis pelo entrelaçamento formados dos ramos de mil especies; estes desertos, remansos, onde se annuncia a vida por esta voz solitaria da cascata, que se despenha, por este doce murmurio das auras, que se embalançam nas folhas das palmeiras, por esta harmonia grave e melancolica das aves, e dos quadrupedes; este vasto Eden separado por inormissimas montanhas sempre esmaltadas de verdura, em cujo tope, collocado se cré o homem no espaço, mais chegado ao céo, que á terra, e debaixo de seus pés vendo desnoverlar-se as nuvens, roncar as tormentas, e

disparar o raio; com tão felizes disposições da Natureza o Brasil necessariamente inspirar devera seus primeiros habitantes; os Brasileiros musicos, e poetas nascer deviam. Quem o duvida? Elles o foram, elles ainda o são. Por alguns escriptos antigos sabemos que varias tribus indias pelo talento da da musica, e da Poesia se avantajavam. Entre todas, os Tamoyos, que mais perto das costas habitavam, eram tambem os mais talentosos; em suas festas, e per occasião de combates, inspirados pelas scenas, que os torneavam, guerreiros hymnos improvisavam, com que accendiam a coragem nas almas dos combatentes, ou cantavam em córos alternados de musica, e dansa hymnos herdados dos seus maiores.

Em um manuscripto antigo, cujo Auctor ignoramos quem seja, lemos o seguinte: « São havidos estes Tamoyos por grandes musicos, entre o gentio e bailadores, os quaes são muito respeitados dos gentios por onde quer que vão, » Mas não só a raça dos Tamoyos ás outras superava pelo genio musical e poetico; os Caités, e mais ainda os Tupinambás, que em paz veviam com os primeiros, e em costumes a elles se assimilhavam, tambem cultivavam a poesia. No mesmo manuscripto lemos ainda: » Os Tupinambás se presam de grandes musicos, e ao seu modo cantam com soffrivel tom, os quaes tem boas vozes, mas todos cantam por um tom, e os musicos fazem motes de improviso, e suas voltas, que

¹ *Rotetro do Brasil*, manuscripto pertenceste á Bibliotheca real de Paris.

acabam no consoante do mote, os quaes cantam e bailam junctamente em roda. « Do respeito religioso que taes barbaros consagravam aos seus homens inspirados uma prova dá-nos o mesmo Auctor, quando diz : » Entre os Gentios são os musicos muito estimados, e por onde quer que vão são bem agasalhados, e muitos atravessaram já o sertão por entre seus contrarios sem lhes fazerem mal. » Tal veneração para os poetas, e musicos, lembra-nos esses Trovadores, que de Estado em Estado livremente peregrinavam, e ante quem se abriam as portas dos castellos dos senhores da media idade; e ainda a respeitosa magnanimidade do grande conquistador antigo para a familia do Lyrico Grego. E', que á Poesia eá Musica é dado o assenhorear-se da liberdade humana, vibrar as fibras do coração, abalar, e extasiar o espirito. Por meio destas duas potencias, sabiamente empregadas pelos Jesuitas missionarios do Brasil, os selvagens abandonavam seus desertos, e amoldavam-se ao Christianismo, e á civilização¹. Só as theorias de alguns homens positivos, que

¹ Em cousas de factos de anteriores seculos nada podemos avancar sem documentos. Em Simão de Vasconcellos lemos as seguintes linhas. Estavam estes (os filhos dos selvagens) já bastantemente instruidos na Fé, ler, escever, e contar: foi traça de José, que viessem estes meminos para os campos encorporar-se com seus discipolos em favor. e ajuda dos País, com o cffeito, que logo veremos. Continuavam estes na nova Aldea sua escola, ajudavam e beneficiar os officios divinos em canto de organ, e instrumentos musicos (o mor gosto e incitamento, que podia haver para os País, que já allí estavam, vindos de seus sertoes). Espalhavam-se á noite pelas casas de seus parentes, a cantar as eantigas pias de José em propria lingua contrapostas as que elles costumavam cantar vans e gentilicas. Vida do Padre Jose de Anchieta; cap. vi, pag. 29.

mal estudam a Natureza, desmerecer podem a importancia destas duas sublimes Irmães na sociedade, e apenas consideral-as como meras artes de luxo, e de recreação de ociosos. Mas não é nosso coso agora tecer seu panegyrico.

Os Apostolos do Novo Mundo, tão sollicitos nos desertos do Brasil na propaganda da Fé catholica, compunham em lingoagem Tupica alguns hymnos da Igreja¹ para substituir a seus canticos selvagens; mas não consta que ao trabalho se dessem de verter em lingoagem vulgar os canticos dos Indios. Posto que nenhum documento sobre isto possuímos, toda via, talvez que nas bibliothecas conventuaes, com especialidade as da Bahia, se achem a todo o tempo algumas instruções. Que precioso monumento não fôra para nós desses Povos incultos, que quasi tem desaparecido da superficie da Terra, sendo tão amigos da liberdade, e da independencia, que com preferencia ao captiveiro em cardumes caiam debaixo das espadas dos Portuguezes, que embalde tentavam submettel-os a seu jugo tyrannico. Talvez tivessem ellas de influir sobre a actual Poesia Brasileira, como os canticos do Bardo da Escossia sobre a Poesia influiram do Norte da Europa, e hoje, harmonizando seus melancolicos accentos com a sublime gravidade do Christianismo, em toda a Europa dominam. Do que dito havemos, concluimos, que á

¹ Traduzia a doutrina Christã, e myterios da Fé dispostos a modo de Dialogos, em beneficio dos Indios cathecumenos, e fez tratalo, e interrogatorios, e avisos necessarios para os que houvessem de confessar, e confessar-se. Simão de Vasconcellos. Viã do P. Anchieta. L. I, p. 25.

Poesia não se oppõe o paiz, antes pelas suas disposições physicas muito favonêa o desenvolvimento intellectual; e si até hoje a nossa Poesia não offerece um character inteiramente novo e particular, é que os Poetas, dominados pelos preceitos, atados pela imitação dos Antigos, que como diz Pope, é imitar mesmo a Natureza (como si a Natureza se ostentasse sempre a mesma nas regioens polares, e nos Tropicos, e diversos sendo os costumes, as leis, e as crenças, só a Poesia não partilhase essa diversidade) não tiveram bastante força para despojarem-se do jugo dessas leis, as mais das vezes arbitrarías, da quelles, que se arrogam o direito de torturar o Genio, arvorando-se Ligisladores do Parnaso. Depois que Homero, inspirado pelo seu Genio, sem o apóio de alheia critica, elevou-se á grandeza da Epopeia, creação sua, e Pindaro pelo mesmo caminho á sublimidade da Lyrica, vieram então os criticos, e estabeleceram regras. Convem estudar os Antigos, e os modellos dos que nas diversas composições poeticas se avantajaram, mas não escravisar se. « O Poeta independente, díz Schiller, não reconhece por lei senão as inspiraçoens de sua alma, e por soberano o seu Genio. » Só póde um Poeta chamar-se grande si elle é original si de seu proprio Genio recebe as inspiraçoens. O que imita alheios pensamentos nada é mais que um tradutor salteado, como é o tradutor um imitador seguido; e igual é o merito e talento de ambos; e por mais que se esforcem, por mais que com seus modellos emparelhem, ou mesmo que os superem, pouca gloria por isso

lhes toca , tendo só afinal augmentado a d'aquelles. Como nós estudamos a historia , não com o unico fito de conhecer o passado , mas sim para tirarmos uteis liçoens para o presente , assim no estudo do que chamamos modellos não nos devemos limitar a sua reprodução imitativa. A estrada pelos nossos illustres maiores aberta , que podemos consideradal-a traçada em caracol n'uma montanha , não tocou ainda ao seu cume ; si intentamos chegar a elle , o mais curto caminho é trilha-la , mas com o cuidado que não nos deixemos incantar pela harmonia das vozes dos cysnes , que a ladeam , ouvindo-os para adocarmos a fadiga , admirando-os , porem marchando sempre , empenhemo-nos por prolongar a estrada ; si faltos de força , em seu meio ficamos , outro que nos preceder , por que desejará proseguir , nos arredará ; nós recuaremos ; e certas aves mordazes , que sobre o caminho esvoaçam , que nada ousam , mas que de tudo grasnam , contentes com a nossa queda , se amontoarão sobre nós , tomando-nos para objecto de sua sombaria. Oh como é incantada essa estrada ! De um lado e d'outro esses aves nos gritam : tomai por esta pare , não subais mais , que vos arriscais a cair ; á directa , á esquerda. Si as escutamos , si o nosso Genio não nos guia , grande é o risco , segura é a queda. Quanto a nós , a nossa convicção é , que nas obras de genio o unico guia é o genio , que mais vale um vôo arrojado deste , que a marcha reflectida e regular da servil imitação.

IDEIAS

SOBRE A MUSICA.

Na culta Grecia, na guerreira Roma,
Endeçada a Harmonia, cultos teve;
Entre barbaros povos, Gallos, Francos,
Celtas, Bretoens, a Musica divina
Os cruentos costumes adoçava.

O Genio e a Musica. (MAGALHAENS.)

O amor é, sem duvida, o inventor da Musica; tal arte não poderia ser produzida por outro sentimento do coração humano. O amor inflammando as faculdades mentaes, embalsamando o futuro com desejosas esperanças, diviniza a vida, torna o homem poeta, e o desliza no vago harmonico de encantadoras illusoens, e neste ardente turbilhão vem a Musica, como o orvalho da manhã aplacar a calidez, que o devóra: como um solitario, cançado dos monologos de sua imaginação, concentrado no fundo d'alma, canta para dilatar-se na expansão melodica; é o zephyro depois da calma, é a respiração depois da oppressão. A concentração d'ideias amontoadas no adyto d'alma, pede divergencia; e o homem olha em torno a si, estende a vista pelo espaço, falla ás arvores, e aos montes, ouve o echo despertar o silencio, poetiza com as agoas, que murmurando conduzem pelas encostas das colinas a voz da solidão, e contente canta, saudando a natureza. O rouxinol, a quem mão barbara, com um ferro quente,

furtou a luz da vista , isolado em trevas evicernas , canta , e innocente espera crastina aurora , que de dia em dia se prolonga , té que a morte, d'um aceno , quebre-lhe a flauta , que em variadas strophes tanto amenizara a vóz dos desertos , e que ora uma mão mais forte o encerra entre as grades de um aerio carcere.

Quanto attractivo , quanto balsamo não derrama no coração do peregrino cançado , que mede a duração do crepusculo , e lança os olhos no horizonte para implorar a saída da lua , n'aquella hora mysteriosa , em que a natureza cala todos os entes , para respirar na pompa de seu esmalte , cingindo-se d'ouro , e coroando-se dos arreboes , que em negligentcs grinaldas vagam na amplidão do céo ! Ah ! quanto é doce ao forasteiro ouvir uma voz , e o som de uma harpa , que em melodica nenia se repercute entre bosques de myrto ensanefados de flores , e , por entre o arrendado das folhas , vêr alvejar o vulto de uma virgem , que afastada dos peristylos de marmore , sobre um saxo musgoso , e ao som do murmurio das agoas canta seus infortunios e esperanças , confiando ás florinhas o segredo de seu coração : volvendo para o céo dous globos de saphira , que , gyrando no systema de amor , attrahem os coraçoens sensiveis ; abrindo uns labios de rosa , cujo álito produz uma atmosphera elisea , que a alma só conhece , e não pode exprimir ; um seio palpitante , occulto geroglifico de tantos desejos mysteriosos , que se acobertam no almejo de tantos suspiros , unicos nuncios da paixão , que o oprime : quem , escutando a cadencia melo-

dica que invejam dulcias vendo-a balançar a frente em morbidas ossillaçoens , soltar um preludio , que timido revolve-se entre soluços , e dos olhos distilla um diamante ; quem não sentirá a alma expraiar-se entre angelicas delicias? E' a imagem da rosa , balançada pelo zephyro matutino , despeganda dos labios embalsamado álito , que magnetisa os sentidos : turibulo embalado pela natureza , sauda a luz , e esparge o seu perfume : pontífice dos prados , eleva a Deos nuvem odorosa , e o venera em mudo sacrificio.

No meio da escuridão de gothicas ogivas , no centro do sanctuario , circulado de tumulos , como espectros espalhados em sentinella na morada dos mortos , vendo ao longe bruxulear a lampada sagrada , que derrama pallidos raios sobre a frente dos fieis , e os contorna em dourados perfis , contrastando com o azulado da lua , que enfia frouxas centelhas por entre o crivo dos cromaticos vidros da Cathedral :

Ouvindo sacros hymnos , que alvas virgens
 Em doce accordo a Divindade sobem !
 E' teu peito sensivel ? dize , sentes
 Vir magica saudade alma banhar-te,
 Que aos olhos , percursora , traz a lagrima,
 Que o peito lava , magoas disfazendo?
 Entao terna alegria vem saudar-te,
 Qual raio luminoso na tormenta
 A furto escapa d'entre o céu envolto
 Em atras , densas , pluviosas nuvens.

Que admiravel concerto, quando a natureza em

colera, solta sobre a terra os elementos; os troncos roçam-se, os canaviaes sibilam, e ao longe roncam as ondas, e o trovão inflammado çai, tingindo de sangue o céo; como nos olhos de ciumento amante rutilam igneas orbitas, lampejando furias Ah! é a voz da natureza que, penetrando o intimo do peito, abre em torno do homem o sepulchro da eternidade: é a voz da natureza, que ribomba no adyto d'alma, e congela o coração, que desamparada da terra, sobe mais alto, e nas ásas da religião, humilde vai voando, e deposita aos pez de Deos a esperança, e colhe a consolação.

Toda a natureza é uma orchestra, que, em varias escalas, reproduz harmonias differentes nas fibras do homem sensivel.

E o misero proscripto, que se acoberta na solidão dos tumulos, e vê a seu lado erguerem-se flammæ phosphoricas da terra, accompanhadas de gemidos d'aves sinistras, como para expulsal-o de similhante logar, aterrorisado foge, tropeçando em assos, que gemem com suas pisadas, e vai buscar o peristylo de um templo onde se esconda; entorpecido da miseria, atormentado pela dor, rodeia a mente n'um turbilhão de ideias, vê passar a prepotencia, o cadafalso, vê a esposa, e os filhinhos mendigando; treme, chora, e um deliquio de morte lava-lhe os membros, té que o somno entre taes scenas e seus olhos deixe cair seu véo narcotico.

A palpebra é o panno, que baixa, e esconde d'alma as scenas da vida; o prazer e a dor se enfraquecem, e todas as scenas da humanidade desaparecem

logo que ella encobre a pupilla do homem. Mas eis que o infeliz desperta, titubante foge para a praça, e esbarra n'uma fileira de luzes, que vagarosas caminham para o templo, e ao longe ouve a voz do organ que ensinua a estrada ao cadaver : será sonho, ou realidade? Chora uma familia, ou repousa um povo? Será um pai, ou um algoz da humanidade?

O organ é um dispestador de lagrimas, elle se harmonisa com as fibras do coração em grande unidade, quando estas vibram na escala melancolica da saudade e da dôr : mil vezes o sentimentos, mas nunca com tanta potencia como quando, no dia dos mortos, oravamos a Deos, na Cathedral de Florença por alma de um pai, e de alguns amigos, que jazem na terra.

A Música é para a sociedade o que a boa destribuição da luz é para um quadro, ambas dão vida e alma ás coisas a que se applicam.

A Musica não tem corpo, é um fluido palpitante, é a imagem do espiritualismo, tem existencia, exprime paixoens; e quem a nutre? As ideias, sim as ideias, que sobre as asas do pensamento vão mais longe que o sol, e que as estrellas, unicos habitantes da terra, que chegam á morada do senhor, e estabelecem esta relação entre Deos, e os homens.

A Musica não descco do céo somente para dar-nos sons melodiosos, ou ferir-nos os sentidos com a riqueza da harmonia, não; a Musica é uma mola, que desperta no coração a innocencia, a lembrança do amigo ausente, a saudade da Patria; é uma nova força que faz gyrrar em nossa alma a potencia do he-

roismo, os incantos da Religião, e as docuras do amor, e da melancolica.

Affrontada a Patria, e seus filhos armados para tomarem vingança, ponde-lhes á testa a Musica, vereis redobrar a coragem, e, cheios d'heroismo, partirem precipitados para o campo da guerra, onde na urna do destino colherão a vida, ou a morte, a victoria, ou a deshonra.

Corramos um reposteiro momentaneo sobre a scena de nossos dias, cubramos os altares onde fumegam aromaticas delicias, e onde o eoração angustiado aeha uma aura benéfica e salutar : deixemos a nossa sociedade, e, retrogradando ao passado, vejamos como a tradição nos apresenta esta arte incantadora no meio da sociedade, e quão nobre se estendendo por todas as geraçoens, sempre divinizada, sempre mysteriosa, como a intermedia entre a Divindade, e o homem.

Dos polos aos tropicos, e destes ao equador, do alto das montanhas ás planices, e da terra ao mar, por onde os homens vivem, e morrem, passam e repassam, a Musica existe.

Onde ha lingua ha poesia, onde ha poesia ha Musica.

No Egypto, onde tudo partia da Divindade, vê-se Isis inventando a Musica, e o seu nome se proferindo com as sete vogaes no principio dos sacrificios.

Moisés, depois de vagar nas agoas do Nilo, foi educado entre a harmonia dos sistros, que alegravam o palacio dos Pharaos : subio a escala das

sciencias , e penetrou o sanctuario de Ceres, onde a horrível e mysteriosa harmonia do inferno soava entre o vago da escuridão do templo; passando de camera em camera, vendo sempre novos concertos de furias, chegou ao poço sagrado, onde purificado, e iniciado, recebeu a chave das sciencias, para ser o primeiro Legislador. A seu lado Enos, e Jubal como apparecem brilhantes, tocando a cithara, e o organ em accordo aos canticos de Jehová.

Atravessa o deserto, recebe as pragas, vaga entre a morte, e a desgraça, quer escapar á furia da perseguição, mas o mar lhe antepõe barreiras; volve os olhos para o céo, fere com a vara mysteriosa as agoas, ceeste meteoro baixa á terra, e deslizando na flor do mar. abre os seus abismos, como o arado a terra, e recua para os lados as ondas, que em cilindros rolam, patenteando aos filhos d'Israel uma nova estrada de perolas, e de coraes; e elles salvos escapam do Egypcio feroz, que baqueia em vortices nas ondas, em quanto o nome Jehová se entoa na margem opposta, e o povo repete;

» Minha victoria, meu canto é Jah! foi elle o meu
» Pai, o meu soccoro. E' o meu Deos, quero glori-
» ficá-lo; o Deos de meu pai, quero exaltá-lo. »

Em quanto o Egypcio Amphião arroba os gregos com a harmonia da lyra, os seus soldados levantam os muros de Thebas, e o povo ignaro crê, que as pedras se collocaram por mando da harmonia.

Achilles rouba a filha do sacerdote Briso, e a força a amal-o com os sons de sua lyra; e esta lyra que em inflamado arpejo accendêra o amor no

coração de Hippodamia, e deo-lhe a felicidade, outra vez desferio sons de narcoticos accentos, para aplacar-lhe a colera contra Agamemnon.

Ulisses espalha seus canticos no exercito, e com estes o anima a empunhar as armas; investe o mar, e os soldados o crem roubado por Neptuno, para dirigir as esquadras.

O sentimento, e o arrobo musical dos antigos é demonstrado em todas as phases de sua historia. Os prodigios d'esta arte divina, entre os humanos, não bastaram para tecer-lhe encomios: ella larga a mansão dos vivos, e penetra na escuridão da morte. Orpheo triumphou da natureza; a cascata suspendia a torrente, cessava a monotonia do murmurio, para escutar os sons da cithara do filho de OEgro, e de Calliope; as florestas balançavam-se no ar, como na estação de amor, e as campas se agitavam, para que seus sons penetrassem no reino da eternidade, e ahí despertassem o continuo silencio companheiro dos mortos. Desce ao Tenaro, e pela primeira vez cessaram as leis infernaes, que pareciam eternas, e o Rei das larvas, cujo surriso era o trovão, e uma caricia o raio, se enternece como o homem; coroa-lhe a cithara, e enxuga-lhe as lagrimas pela mão de Euridice.

Quanta potencia em louvor não tem esta fabula! Quanto exprime esta narração dos Gregos, que elevaram estatuas a seus Musicos, um templo a Lino, que o sacerdote incensava antes que visse as nove irmãs.

O canto das Sereias, entre os Gregos endeosado,

não era mais do que as donzellas egypcias , que retinham os viajores com sua melodia , e os faziam esquecer o mundo , dormindo entre os narcoticos braços de seu amor.

A lyra de Mercurio conservada, e respeitada pelo tempo, era considerada como uma reliquia preciosa para o genero humano ; mas a prostituidora mão da adulação a descolocou de seu altar, para offerecel-a a Alexandre.

Ligados á historia , caminhando no labyrintho da antiguidade , veremos sempre a Musica representando um grande papel na scena social : na infancia, na prosperidade das naçoens , esta arte divina sempre amiga do homem , o ampara com suas ásas angelicas, e o transporta fóra da atmospherá dos males, e da desgraça.

Os Toscanos , colonos da Lydia , affereciam premios ao merito da flauta ; e de todas as partes vinham concurrentes a seus espectaculos , e foi então que se vio do fundo da Sicilia apparecer Poliphemo, que destituído das bellezas physicas, tinha as intellectuaes , e nos jogos levar a palma a todos os concurrentes. O ciúme dos Gregos , desatou satyras contra o pactor Siciliano, e a final os poetas o reduziram a monstro. A inveja tem alhos vesgos , e jamais encava os objectos face a face.

A bella Lamia deixa Athenas , e vóa com sua formosura a Alexandria : escrava de Demetrio , tangendo a lyra , muda sua sorte , troca seus ferros com seu senhor adoça a sua colera contra os Athenienses, e amellhora a sorte da patria, que grata ele-

vou-lhe um templo , dedicando-o á Venus Lamia.

A Musica nasceo com a Poesia , e quando estas gemeas operam juntas quanta potencia não desenvolvem? Esta ultima quando desdobra as asas de fogo , sobe as estrellas , e recebe da mão de Deos o lume da Epopea , descendo sobre a terra , orgulhosa canta os faustos da humanidade : ah! quanto é grande , quanto é magestoso ouvir o vate :

Canto l'arme pietose, e'l capitano
Che'l gran sepolcro libero di Cristo.

La Gêrusalemme liberata (TASSO).

Cantando espalharei por toda a parte,
Si a tanto me ajudar o engenho, e arte.

Os Lusíadas. (Camoens)

Platão, e Pithagoras foram musicos, e não deslembraram no meio de suas altas contemplaçoens da natureza , de espriarem a mente nos celestes dotes da melodia ; e talvez o sentimento musical fosse o creador de tão sublimes pensamentos , e sem duvida a chave, que abrija a escala das harmonias celestes.

Licurgo foi musico, e suas leis portas em verso eram cantadas. Periclês mandou vir mestres de lyra para Alcibiades ; e Epicuro perdido no turbilhão dos atomos, tinha na Musica a bussola de sua alma. Nos jogos pitios, Simonide, Corina, Alpheo, Sapho, e Pindaro se disputavam os louros; e os Conquistadores não se menosprezavam de premiar o talento musical no meio do circo , entre os applausos de uma inteira nação.

Quão tocante não seria ver a amante de Phaon, desesperada, titubeando os passos, banhada em fri-

agradecemos ao senhor de nos ter dado maior intelligencia.

O quadro das nove collinas, que circulam o lago, o jardim que rodeia o Casino gothico do Principe Carlos, a multidão de sapinhos, que saltavam na relva, vieram desfazer tão penivel sensação. Desenhámos a gruta, para lembrança. Plinio faz menção d'esta gruta, e outros historiadores; mil sonhos fabricaram os antigos, mas a chimica moderna dissipou todas as nuvens d'hypothesis com os seus progressos. Conta-se, que Carlos VIII Rei de França alli fizera morrer um asno, e que D. Pedro de Toledo dous escravos, e para realisar a experiencia necessario seria que os algozes os conservassem emborcados para melhor prival-os da respiração do ar, e assim morressem.

Estufas de S. Germano.

As thermas magnificas, cujos restos inda annunciam seu antigo esplendor, estão substituidas por uma miseravel choupana, que repartida em camaras, serve para abrigo de algum infeliz, e dar ganho a alguns sybarithas que as guardam, por meio do tributo, que o estrangeiro paga, visitando alguns quartos mal caiados, que exhalam fumo dos muros, fumo, que embranquece logo que se lhe aproxima o fogo. A proporção que se penetra o fundo da collina o calor augmenta até 40 grãos do thermometro de Reaumur. S. Gregorio Magno diz, na vida de S. Germano, que este santo indo áquelle logar recobrar a saude, encontrára a alma de Pascasius,

e que por meio de suas oraçoens o livrára do tormento.

Continuando a estrada embocámos á esquerda por um trilho estreitissimo, grotta pictoresca escorada por duas collinas risonhas cheias de parreiras, e pomares, até que chegámos a um lugar onde estava uma pequena casa : o sitio era terrivel, a terra parecia queimada pelo fogo, rochas desmornadas, cobertas de mesquinhos arbustos, e variadas de cõr algumas vinhas na base, e o lugar solitario; entrámos na casa, e vimos d'um lado dous tanques forrados d'azulejo, e por traz um buraco no chão em cuja base fervia uma agoa lodosa : Dous Napolitanos, embrulhados de capote, dormiam a somno solto com um calor de 30 grãos de Reaumur, como outro qualquer homem á sombra d'um platano, balançado pelo zephyro matinal: no fundo havia uma gruta com fórma de carneiro, onde, disse-nos a mulher, repousavam os doentes depois do banho em cima de um sofá de palha de trigo. As paredes suavam salitre e amoniaco; e a agoa logo que se tirava do seu tanque esfriava, prova que repousa sobre uma pedra inflammada, como as que vimos na cratera do Vesuvio.

O viajor é obrigado a visitar não só aquillo que deseja, como tambem o que não lhe interessa; pessoas s'encontram na sociedade, que perguntam-lhe se víra uma pedra que está á esquerda ou á direita de tal sitio, ou a arvore, que acobertou fulano ou sicrano, quando por ali passára, etc., e si se lhe responde, que não, gritam logo : *então nada vio!* Ja

dia se encontram os Trovadores com seus alahudes, vagando pela Europa, fazendo as delicias dos Duques; e os seus sons, semelhantes aos das trombetas de Jeriko, abriam as portas dos castellos, e as pontes levadiças languidas caíam do alto das muralhas, franqueando-lhes o seio dos torreoens, onde em lauta mesa, rodeados de baixellas d'ouro, celebravam as armas, e o amor.

Esse Homem, que concentrou em sí os destinos da humanidade, esse gigante, que poz um pé no seculo passado, e o outro no presente, e estendeo os braços para abarcar a eternidade, deixando um largo espaço para que a posteridade marche, e possa contemplar-lhe o magestoso porte em toda a extensão do enthusiasmo; esse Homem era musico, tocava a violeta logo que embainhava a espada. Ai dos Reis, e das Naçoens logo que a mão de Napoleão largava o arco para tocar no punho da espada!

O Fundador do Imperio do Brasil era musico, tocava quasi todos os instrumentos, e nos seus bellos momentos de enthusiasmo compoz hymnos, que inda hoje se cantam.

A sociedade inteira está invadida pela Musica, e aquelle que não possui semelhante predicado, julga-se menos feliz, mas não deixa de cantar.

O homem, que detesta a Musica é de máo caracter, tem coração de féra, é um saxo, que respira, lançado pelo ventre de uma mulher; é um aborto da natureza, onde ha falta de harmonia no systema nervoso. Triste d'aquelle que não ama a Musica.

Arte divina, quantas vezes derramaste um bal-

samo consolador nas feridas de um coração angustiado; quantas vezes vieste entrecortar os gemidos de um peito, exhalados pela saudade, e melancolia! J.-J. Rousseau substituiu as incantos da natureza, nos dias tempestuosos, pelos incantos da Musica, e aos sons da melodia animava a estatua de Pigmalião; e nós peregrinando pelo mundo, conversando com as lageas, e monumentos quebrados pela mão dos seculos, achamos mil vezes na Musica o antidoto do veneno, que taes dores causa; a carissima Mãe, os gratos amigos, os sitios incantados da Patria, semelhantes ás sombras errantes por entre nevoas ao clarão da lua, viamos passar diante de nossa imaginação, ao recordar um cantico da Patria; tal é a potencia da reminiscencia desatada pela Musica, que colloca nas Thermas de Nero, em Subiaço, no Palacio dos Cesares, no Palatino, ou nas fauces do Vesuvio, a torrente do Carióca, o balsamo de mangueira, e o coqueiro do Guayba.

SOBRE A MUSICA NO BRASIL.

O character dos differentes povos, manifestando-se em suas produções artisticas, realça salientemente na Musica. Si tomarmos, chronologicamente, todos os canticos de um povo desde sua infancia até sua decadencia, veremos trez sentimentos marcados, entre os quaes a furto se mesclam outros secundarios pela influencia, ou invasão de genios estrangeiros, que, apparecendo na esphera musical, como luminosos astros, estendem seus raios benéficos sobre vastas regioens, e com elles aug-

mentam a intensidade do genio nacional, fornecendo-lhe uma nova estrada de inspiraçoens.

O primeiro sentimento, que se declara em uma geração infante, é a melodia; civilisada ella, apparece a harmonia; no cumulo do progresso vem mesclar-se a melodia, e então brilha a riqueza, ora n'uma ora n'outra cousa; e logo que marcha para á corrupção, e com passos decadentes caminha para o sepulchro da extinção, cái no vago do guindado; as paixoens são exprimidas por preledios, o grandioso de um effeito geral é desprezado, aprecia-se mais uma fluente prolação de vóz, um subtil garganteado, que uma pintura fiel da natureza: o capricho da novidade se desata com insaciavel desejo; saí a campo a extravagancia, que abre as portas ao delirio, e operando movimentos forçados, cái enervada, té que uma nova reacção social venha dispartar o genio, té que uma regeneração completa, cheia de novas ideias, nutra o sentimento musical, e appareça então vigoroso, saliente, e simples como a natureza.

Para sancionarmos esta asserção, não é necessario folhearmos a historia da Musica, e nem ella nos mostra esta observação philosophica, mas sim: alharmos o estado das naçoens presentes, e compararmos suas producçoens musicaes com sua civilisação.

Ha certos dados na natureza do homem, que, por mais que se voltem, sempre apresentam os mesmos resultados. Siga-se um curso musical desde a choupana até o paço, desde a praça da aldea até o thea-

tro da Capital, e degradativamente se observará o progresso, e modificaçoens indicadas. No estado selvagem, e de barbaria, a Musica não é mais do que uma assuada continua; o canto se apresenta em forma de uivos, e a orchestra como um tumulto d'armas; mas logo que um pequeno gráo de civilisação se introduza, ella muda de character, e isto se observa nos selvagens do Brasil.

O Aldeão, quasi no berço da civilisação, o seu canto é sempre o mesmo, seja elle de qualquer nação que for; nós os ouvimos cantar na França, Suissa, e Italia, e na nossa Patria, e pouca differença se manifestava entre suas melodias: ordinariamente não passa das duas autavas medianas, a natural, e aguda: a escala favorita é em tom menor, e quasi sempre finda a canção por uma prolação de vóz, que se harmonisa em requinta por um dos inembros da orchestra, que abandona o unisono. A sua dança, filha da Musica, não passa da roda com certos gestos corporaes, como a Tarantella na Italia, e o circulo dos nossos selvagens. A contradança do Aldeão francez, e a valça do Alemão separam-se desta linha, pois que elles dançam com orchestra, e já não existe o character da primitiva Musica.

Nas villas a harmonia tem o seu imperio, é necessario que o compasso seja bem marcado para que excite a dançar, e mover bem o corpo, e ahi complicam-se as figuras, em quanto que nas Capitaes, no centro da chamada bella-sociedade, a dança é um passo amaneirado, e consiste mais em conversar com o par - que na multiplicação das figu-

ras. O homem degenerado, o Peralta, vai ao theatro, e passa a noite inteira a compor os bicos do collarinho, fazendo momices para todo o mundo, e de vez em quando solta um *bravo*, quando um gorgueio, ou subtil floreio escapa á *Prima Dona*, e que a plateia responde por uma trovoadade de palmas, em quanto effeitos divinos de harmonia passaram pelo alto da indifferença.

O retrato iconio de uma sociedade corrupta é a moda; o delirio, e a extravagancia passeam nas salas dos bailes personificados na casava ou toucado; e o peor é, que os homens sensatos estão sujeitos á esta lei, para não desatarem o riso do estúpido casquilho, ou da senhora de *bom tom*, que, separados da sociedade humana, da sociedade intellectual, só prestam obediencia á auctoridade do cabelleireiro, alfaiate, ou modista.

Os climas, e o sólo, que tanto concorrem para o character nacional, são os fornecedores das inspiraçoens, e logo que ha similitude entre o character das naçoens, e gráo de civilisação, o resultado musical é o mesmo. A linguagem do homem não é mais do que uma combinação de sons mais ou menos modificados, e que representam as ideias; de sua maior ou menor doçura depende a maior ou menor belleza da representação: as ideias são a natureza, e a linguagem é o artista; do maior ou menor talento d'este depende o primor ou a mediocridade da obra.

Cada nação tem seu typo phisionomico, sua mimica, e sua declamação, o que influe muito sobre suas produçoens artisticas.

O Hespanhol de caracter cavalheresco, brilhante d'imaginação, bizarro e voluptuoso apresenta em sua Musica riqueza de claves, passagens progressivas, harmonia elegante e airoza como o corpo da Hespanhola; a sua Musica tem um accento nobre, e certamente é uma das mais bellas para a dança.

O Françaes ligeiro, de imaginação ardente, amator excessivo da dança, apresenta em sua Musica o caracter da elegancia nacional; ella é engraçada como a Franceza, mas marca sensivelmente as pancadas do compasso, o que a enfraquece, e faz perder o grandioso da ligação.

O Allemão, tardo, pensador, e de uma sensibilidade, que se desenvolve, não por errupções, como o habitante dos climas quentes, mas gradativamente, produz uma mathematica musical, uma harmonia dictada pelo calculo, e sancionada pela natureza, uma Musica philosophica, que, agradando aos sentidos, grava n'alma o grandioso, desata o entusiasmo, e nos inspira uma magestade ultra-natural.

O Italiano, sentimental, entusiasta, religioso e libidinoso, forte de concepção, e fraco de caracter, quasi sem patria, mas cheio de genio, apresenta a melodia, o delirio, e a melancolia; o seu canto é o do amoroso, que na solidão dos bosques, chora a inconstancia de sua amada; é o do filho, que lastima a perda de uma mãe carissima, é o do desgraçado, que no seio da noite chora entre as ruinas da patria: a sua Musica tem um fluido magnetico, que penetra pelos ouvidos, e deposita-se no

coração, onde revolve sonhos de amor, e de esperança.

As Naçoens meridionaes, possuindo um caracter differente das septentrionaes, são propensas á melodia, ja pela doçura da lingua, ja pela vehemencia de suas paixoens, que se desatam com toda a impetuosidade do fogo, que anima os homens de climas jntensos. Quanto mais uma Nação é libidinosa, tanto mais a sua Musica é melodica; e inegavel é que o Italiano é mais sensivel, que o Allemão, pois que elle é mais entusiasta.

O que se observa no caracter geral das Naçoens, se observa no individuo separado. O artista, que expande o seu genio na escala melancolica, falla ao coração com dupla potencia: os infortunios de um Tasso derramam em seus versos certa magia como a que respira no amoroso Petrarca, e que de certo não tem o prodigioso Ariosto.

A proporção que a industria cresce em um povo, com ella vem a perfeição da execução musical; mas o sentimento é differente, ahi falla o coração, ahi, é o systema nervoso embalado nas celestes regioens da melodia, e a alma subdividida, e escapada por meio dos sons: o sentimento é a declamação, e a mimica das ideias do genio, é elle que forma a regencia do sentido musical, que harmonisa as expressoens, que liga, e separa as partes, em fim o sentimento é quem forma o musico.

A sciencia forma a harmonia, mas a melodia é filha da sensibilidade. A Inglaterra, que brilha com luminosa flamma na esphera industrial, executa a

Musica com a perfeição da sciencia , mas na parte sentimental não corre parêlhas com a França , e Allemanha.

Os proscriptos e aventureiros de Portugal deram principio á Nação Brasileira. Privados de qualquer elemento que dêsse pasto á prosperidade , circunscriptos nos limites da agricultura , e do trafico , cançados e alimentados pelo sol do equador , lançavam-se nos braços do amor , e o amor os inspirava ; e nos transportes d'alma choravam sua sorte. O amor produzio as artes d'imaginação , e o entusiasmo as elevou ao sublime ; e os filhos da floresta envoltos da mais rica louçania da natureza cantavam , e sua Musica similhante ao balanço da rede , que oscillando no ar , forma um zephyro artificial , que tempera a calidez , apresenta o cunho melodico : é uma nenia amorosa onde respira o balsamo mysterioso da voluptuosidade , é a prolação do gemido do infeliz , é uma Musica do coração.

O caracter da Musica Brasileira é , e será melodico , por que a lingua , e a origem de um povo cheio d'imaginação , o ordenam.

Entre todos os povos , alem do caracter geral , outro se manifesta , que é o dos habitantes dos diversos logares na mesma Nação. Entre nós apparecem dous salientes na Musica , na Bahia , e Norte , Minas geraes , e o Sul : a Musica bahiana é o *lundum* ; e a Mineira , a *modinha*. O *lundum* é voluptuoso em excesso , melodico ; e a *modinha* é mais grave. Tudo é doce na Bahia , o terreno produz assucar , e come-se chorando com o ardor da malagueta !

Nas mais Provincias do Brasil, a Musica é cultivada desde a *sanzalla* até o palacio; de dia e noite sôa a marimba do escravo, a guitarra, e a viola do *Capadocio*, e o piano do senhor.

Santa Catharina, e Pernambuco apresentam homens cabaes em genio musical: na primeira todos os habitantes aprendem conjunctamente o A, B, C, e o *do, ré, mi, fa, sol*; e as composçoens de João Francisco de Oliveira Coutinho, e outros, attestam esta verdade, mas é lastima que um genio tão grande feneça entre as rochas do Desterro, pois sem duvida, e sem afrontar ninguem, é o musico Brasileiro mais habil para a cadeira de uma escola; elle estudou sua arte, e a cultivava com philosophia.

O author da valça da saudade, mostrou em limitada téla rasgos do mais elevado sentimento, e choramos não saber o nome deste compositor, que tanto honra Pernambuco, e que provavelmente soffre a sorte do Catharineta.

Entre nós ama-se em delirio a Musica, mas despreza-se de alguma maneira os musicos: os ricos trocam de bom grado o seu dinheiro pelas liçoens do artista, recebem-nos com prazer em seu interior, mas talvez se envergonhem de ser seus amigos; os nossos musicos estão longe do labeo d'immoralidade, ao contrario, são bons páis de familia, vivem em harmonia reciproca, tem uma caixa philantropica, concervam toda a independencia, que podem; tem um só defeito, e grande para o artista, neste seculo, serem pobres!

O Rio de Janeiro, Capital do Imperio, cheio da

melhor sociedade Brasileira, e onde os melhores talentos de Minas geraes, e outras Provincias, vem exercitar sua arte, saí fora dos limites das Provincias indicadas.

A Capella Imperial, quando foi Real, se ufanava á face do mundo como um dos melhores concervatorios de Musica, e sem a menor duvida, a melhor orchestra do mundo no sanctuario: o *miserere* de Pergoletti que faz o arrobó dos estrangeiros em Roma, alli se executava na semama santa com igual perfeição.

O character da Musica Fluminense, participa do Mineiro, e do Italiano. Um Theatro de canto, e dos mais bellos, que se podem ver; uma Capella Real, cheia dos melhores cantores da Italia, como Fasciotes, Tannis, Maggieraninis e outros, que reproduziam as mais bellas composições da Europa tanto no sanctuario como no theatro, não podia deixar de influir uma grande abalada no gosto musical. Marcos, e seu collega Maciote, Pedro Teixeira, Francisco Manoel produziam continuamente composições musicas. Marcos, de um genio brilhante e alegre, não soube distinguir o sanctuario do Theatro, e Pedro Teixeira, que seguia a escola rossinista, caí no mesmo defeito: estes dous grandes talentos não souberam harmonisar o colorido ao sугейto do quadro, mas com tudo terão duração.

Francisco Manoel fez-se a si mesmo; é original, e as mais das vezes tem pensamentos brilhantes, joven, jaz no meio da apathia artistica da nossa Patria, onde a voz da politica, soando mais alto, enche as

abobadas do edificio social , onde de vez em quando, fracos soluços de jovens moribundos entrecortam o murmurio da celeuma politica, mas desaparecem, e desvanecem-se como o relampago na serra dos orgãos.

E que diremos nós do estylo particular. e das vozes dos cantores Brasileiros? Um João dos Reis, baixo , que pelo tubo de sua garganta arrancava um *fá* gravissimo em toda a sua pureza e liberdade, subindo aos sons agudos de um tenor? Um Candido Ignacio da Silva, e um Gabriel, tenores; tambem é predicado de Minas Geraes as boas vozes.

Que dor não sentiremos, voltando para nossa querida Patria , olhando para o côro , e não vendo o braço de um Marcos, ou de um José Mauricio commandando de um aceno cento e cinquenta artistas, que rompiam em magico accordo um *Gloria*, um *Credo!* Como se poderá hoje executar a *miserere*, a Missa de Santa Cecilia , essa producção immortal do Fluminense Mozart? A arte da Musica marcha na decadencia em que a collocou nossa Administração Governamental, destruindo da Capella Imperial a unica flor, que nos punha a par das Naçoens civilisadas , e que nos distinguia sobre toda a America. Gyramos no circulo das reformas, e economias, mas o sumidouro das necessidades de dia em dia abre as fauces, e pede ouro; abate-se um muro, e não se cultiva o terreno, que elle enchia, antes se deixam os fragmentos esparços! Ah! Senhor Deos... Voltemos á Musica.

Apezar da concurrencia das producçoens Italicas,

e Germanicas, a Musica Fluminense tem um caracter peculiar, que é o da escola de José Mauricio. Este genio extraordinario está séparado da linha dos outros musicos; sua musa amou a harpa do santuario, e não se exerceo conjunctamente no theatro: suas produçoens sacras são numerosas, assim como seus discipulos; elle foi o astro radiante, que na colonia, no Reino, e no Imperio espalhou seus raios preciosos sobre os Brasileiros, sempre potente, sempre grandioso, e sempre pobre!

José Mauricio, querendo compor a sua Missa de *requiam*, cheio do sentimento christão, a inspirado do genio, penetrou a campa da morte, meditou, e chorou sobre as cinzas da humanidade, e cheio de terror, saindo, ajoelhou-se diante d'aquelle, que, sentado sobre o cimo da cupola estrellada do firmamento, olha para a eternidade, e supplicou-lhe inspiração: o negro fel da tristeza, e a lympha das fontes lacrimaes formaram-lhe a tinta com que escrevia taes notas, que tanto tocam, e embebem n'alma aquella doçura de uma melancolica saudade, que tanto afaga, e acaricia o coração do homem sensivel.

Genio divino, se a amorte te estancou no meio da tua carreira brilhante, tolhendo-te os membros, e extinguiu-te a luz divina da inspiração, ao menos immortal serás; porti correndo o mundo e gyrando na sociedade, tuas obras te aviventam de dia em dia, té que a Europa te ouça, e o mundo te applauda.

Bibliographia.

VOYAGE PITTORIQUE ET HISTORIQUE AU BRÉSIL, ou Séjour d'un artiste français au Brésil, depuis 1816 jusqu'en 1851 inclusivement; par *J. B. Debret*.

O Brasil apenas conhecido na Europa culta como um vasto e maravilhoso deserto habitado por selvagens antropophagos, começa em fim a merecer a attenção, que justamente reclama sua cathegoria social. Desde o começo deste seculo grandes e uteis revoluçoens tem elle experimentado, de que lhe resultou notaveis desenvolvimentos physicos e intellectuaes. Os ricos productos da Natureza, e da industria, que affluem a todos os mercados da Europa dão uma alta ideia de sua fertilidade. Os viajantes de todos os pontos do globo, que ahi vão estender os dominios das sciencias Naturaes, de volta á sua Patria, exaltam em seus escriptos a magnificencia de suas florestas, a expontanea força productiva de seu solo, a magestade de seus rios, e a grandeza de suas montanhas.

O mundo instruido conhece as obras de Koster, de Rodrigues Ferreira, de Langsdorff, de Alves de Casal, de Nesvied, de Beauchamp, de Spix et Martius, de Walsh, de M. Auguste de Saint-Hilaire, e as bellas pinturas de Rugendas, sem fallar de outras

de anteriores datas. Modernamente outras se imprimiram , algumas das quaes talvez feitas por especulação, onde rara transluz a verdade , ora actaviada com os adornos da poesia , ora menosprezada pelo desejo de originalidade. Citaremos das mais modernas como digna de louvor a interessante historia de Southey, talvez a mais completa historia, que possuímos. Mas existia uma lacuna, e esta foi preenchida por M. Debret. Os objectos concernentes ás , artes acham-se sabiamente tratados na viagem Pittoresca ao Brasil , desde o deserto virgem até a cidade, desde a cabana do Indio até a mais bcila Igreja da capital , desde os costemes do habitante dos bosques até as festas da corte ; e os quadros fielmente desenhados ao lado de verdadeiras descripções dão á esta obra a maior importancia.

Esta grande obra, onde o Philosopho, o Naturalista, o Politico, o Pintor, o Cosmographo deparam com com que saciar sua avidez, é o resultado de 16 annos de estada no Brazil, e o fructo de serios e continuos estudos. Era já M. Debret conhecido em França por seus quadros historicos, que gravados correm o mundo, e lhe acarearam renome, e alguns premios nas publicas exposições, quando o desejo de visitar as florestas do Novo-Mundo o obrigou a associar-se á colonia de Artistas, que, a pedido do Governo Portuguez, o Marquez de Marialva contractava em França, para ir estabelecer-se, e fundar uma Academia de Bellas Artes no Rio de Janeiro, então séde da Monarchia.

Chegado ao Brazil M. Debret, observador ins-

truido, pintor incançavel e philosopho, sentio que para seu genio uma nova epocha começava. E desde logo começou a pesquisar os factos, e ajuntar os elementos para a obra, que concebera. So dez annos depois de ter abordado áquellas praias, abriu-se a Academia da Bellas Artes, em 1826. Ahi M. Debret como professor de pintura historica fez grandes serviços á Nação, empenhando todos seus esforços, para espalhar o gosto das Artes, e deixar discipulos dignos d'elle. Não foram baldados seus desvelos; de suas liçoens se aproveitaram mesmo aquelles, que no paiz passavam por mestres; e em despeito de todos os embaraços do director, e dos máos Estatutos da academia, sua aula era frenquentada por estudiosa mocidade amiga das Artes; de sua escola saíram quantos entre nós se avantajam na pintura. A estes relevantes serviços em pró da civilisação do Brasil, M. Debret, já no seio de sua Patria, continua a consagrar os restos de seus dias para dar um testemunho eterno do quante fôra cara á sua alma sua morada no Rio de Janeiro.

A viagem Pitoresca e historica ao Brasil é de um vasto plano, contendo trez partes, cada uma é o objecto de um volume em folio. O primeiro é todo consagrado aos Indios, e a tudo que lhes é concernente; o estylo é notavel pela consisção, e lacônismo, as estampas pela verdade da natureza. A conformação do craneo, a configuração do rosto, a elevação dos angulos externos dos olhos, o livre desenvolvimentos das estremidades, foram perfeitamente concebidos pelo pintor naturalista. E a vista

d'estas lythographias pode o Zoologista fazer uma perfeita ideia do que é um selvagem dos bosques do Brasil. Ao passo que o selvagem se vai civilisando, o pintor o vai seguindo até o estado de rico proprietario, ou de soldado. Todas as armas de guerra, e instrumentos bellicos foram fielmente copiados dos naturaes, que se acham no Musêo do Rio de Janeiro, assim como mantos de pennas, cocares, capacetes, e mais adornos dos selvagens. Contem o 2º v. os costumes, e usos do povo, alguns dos quaes, com o progresso da civilisação vão desaparecendo. O 3º v. não tendo ainda saído á luz, só podemos dizer que tratará das festas religiosas, fastos nacionaes, vistas, biographia, e retratos de alguns homens celebres, esperando sua aparição para darmos ao publico uma noticia de sua materia.

D. J. G. DE MAGALHAENS.

